UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

SAYONARA LIMA DAWSLEY

A ESCRITA DE SI EM *A COR PÚRPURA*, DE ALICE WALKER E *DIÁRIO DE BITITA*, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

CAMPINA GRANDE – PB
2017

SAYONARA LIMA DAWSLEY

A ESCRITA DE SI EM *A COR PÚRPURA*, DE ALICE WALKER E *DIÁRIO DE BITITA*, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade - PPGLI - da Universidade Estadual da Paraíba, área de concentração Literatura e Estudos Interculturais, na linha de pesquisa Literatura Comparada e Intermidialidade, como parte das exigências para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Profª. Drª. Sueli Meira Liebig

CAMPINA GRANDE – PB
2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

D271e Dawsley, Sayonara Lima
A escrita de si em A Cor Púrpura, de Alice Walker e Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus [manuscrito] / Sayonara Lima Dawsley. - 2017.
110 p.

Digitado.
Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.
"Orientação: Dra. Sueli Meira Liebig, Departamento de Educação".

1. Gênero literário. 2. Gênero confessional. 3. Escritas do eu. I. Título.

21. ed. CDD 808

SAYONARA LIMA DAWSLEY

A ESCRITA DE SI EM *A COR PÚRPURA*, DE ALICE WALKER E *DIÁRIO DE BITITA*, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade - PPGLI - da Universidade Estadual da Paraíba, como parte das exigências para obtenção do grau de Mestre.

Aprovada em 30 / Março / 2017

Banca Examinadora

Sueli Meira Liebig

Profª. Drª. Sueli Meira Liebig – UEPB (orientadora)

Josilene Pinheiro Mariz

Profª. Drª. Josilene Pinheiro Mariz- UFCG (Membro externo)

Denise Aparecida do Nascimento

Profª. Drª. Denise Aparecida do Nascimento- UEPB (Membro interno)

Profª. Drª.Sudha Swarnakar – UEPB (Suplente)

Aos órfãos, porque Deus não desampara os seus.

AGRADECIMENTOS

A construção dessa pesquisa baseia-se de uma estreita ligação pessoal que tenho com a escrita de cartas e diário. Diante de uma infância de ausências e de tantos acontecimentos que não serão narrados neste ambiente, desde cedo compreendi a força das palavras e utilizei destes artefatos para suportar a saudade. E não poderei negar que a minha construção e a construção desta pesquisa andam paralelamente. "Não foi fácil". Essa é uma frase clichê, mas resume todos os percursos transcorridos até aqui.

Na ânsia de dar orgulho aos meu pais, *in memoriam*, resumo em uma frase: "Por vocês e para vocês". E apesar dos anos, nada preenche esse espaço, queria tê-los aqui para dividir as minhas alegrias e tristezas. E fazê-los o meu refúgio. A saudade machuca, mas novas visões são necessárias para continuar. Que descansem em paz.

Agradeço ao meu Deus, a N. Senhora, aos anjos e aos demais seres divinos de luz que fortaleceram meus passos e acolheram todas as minhas lágrimas e o desespero. Eu creio nas promessas de Deus! Os planos de Deus são perfeitos, e sou-lhe grata por tudo.

Ao casal, Graça e Fernando, meu muito obrigada. Obrigada pelo amparo durante esses vinte anos, pela contribuição financeira da pesquisa e reconheço todos os esforços e labutas das madrugadas para proporcionarem o melhor pra mim.

Aos familiares que torcem para a realização dos meus sonhos. Em especial, meus primos Tiago, Fabiano e Manu, por todo o carinho e todas as acolhidas.

Ao Igor Michel, que permaneceu ao meu lado, respeitou meu espaço, me deu forças e teve paciência diante da minha ausência. Obrigada pela dedicação e pelo amor.

Aos amigos que proporcionaram mochilas na sombra, bons vinhos e despertaram as mais altas gargalhadas quando eu mais precisava. Aos outros que não compreenderam a minha ausência e se esquivaram, só resta saudade.

Aos meus dois grandes amigos, Rafaela e Luiz Paulo (*in memoriam*), garanto a minha amizade, a minha admiração, vocês são presentes de Deus para mim.

Aos colegas da turma 2007.1, nada poderia ser mais precioso na memória do que olhar para trás e perceber que nossos laços não se resumiram em fotografias. Permaneço sentindo o carinho, o respeito e a vontade de tê-los por toda a vida.

Aos professores da graduação da UEPB – Luciana, Monaliza, Sueli, Suênio, Francinidia, Débora, Juarez – pelo profissionalismo.

Aos colegas do mestrado, agradeço pelas horas de descontração e, de forma especial, pelos laços que foram criados durante esses dois anos. Um enorme beijo para Giordana, Gesimiel e Paulo.

Ao ambiente de entrega que despertou a sensação do amor na vida. E, aos demais, apesar de não citar nomes, sou grata e trago dentro de mim a vontade de algum dia reencontrá-los.

À minha orientadora, professora Drª Sueli Liebig, nessa ou em outras vidas, jamais pagarei tamanha generosidade em me receber como “filha”. Além de não medir esforços na compra dos materiais para a leitura desta pesquisa. Sou grata, eternamente grata, pelos detalhes, palavras, incentivos, acolhimento, que toda sua luz seja refletida aos outros.

Às professoras que foram acolhedoras e proporcionaram conversas tranquilas, Ariadne Costa, Denise Nascimento e Thays Albuquerque.

Às professoras que participaram da qualificação de forma tão doce e acolhedora, Drª Rosilda e Drª Sudha, eternamente grata pelas valiosas contribuições.

A professora Josilene Pinheiro Mariz, por ter acolhido esta pesquisa e por ter proporcionado um encontro de grande ensinamento.

À secretária Alda, pela competência e pela inteligência emocional de segurar tantas pontas e tantas pessoas. Uma mulher linda!

E, por fim, aprendi uma certeza para a minha vida: A memória é nosso único vínculo.

Transformo-me em gratidão diante de vocês. Obrigada!

RESUMO

Nas últimas décadas, ocorreu uma proliferação de estudos sobre as narrativas introspectivas em detrimento dos grandes acontecimentos sociais e históricos. Um amplo campo compreende essas narrativas que internalizam as escritas do eu - memórias, cartas, diários, autobiografias, autoficção. Levantando a importância do gênero confessional como meio de resgatar a memória expressa nas obras, apontamos a trajetória de Celie e Bitita, respectivamente dos romances de Alice Walker e Carolina Maria de Jesus, como processo de construção da identidade da mulher negra em seus contextos históricos e sociais, os Estados Unidos e o Brasil. A presente pesquisa recorre às contribuições de Michel Foucault (2004), Georges Gusdorf (2012), Philippe Lejeune (2014), entre outros**.** Compreenderemos, no decorrer da pesquisa, a trajetória e o resgate da escrita da memória a partir das suas implicações históricas e culturais, ao nos debruçarmos sobre a escrita confessional das autoras escolhidas. Apontaremos as configurações em volta da escrita de si como práticas de cuidado manifestadas pelo instinto de narrar o 'eu', essa tessitura fragmentada, porém dinâmica. Tanto Alice Walker quanto Carolina Maria de Jesus são conscientes de sua funcionalidade como escritoras. Assim, elas constroem narrativas reelaborando acontecimentos, pois seu grande interesse é reconhecer, pelas memórias, a presença da alteridade e da autonomia nessas escritas de si. Ao longo deste estudo, convencemo-nos de que a escrita desse 'eu' resistirá e será eternizada no papel. Desse modo, as cartas e os diários serão escritos solitariamente, como práticas da ascese, mas, indubitavelmente, ressignificarão as memórias individuais e coletivas.

Palavras-chave: Alice Walker, Carolina Maria de Jesus, Gênero confessional, escritas do eu.

ABSTRACT

In late decades, there has occurred a kind of proliferation of the studies on introspective narratives upon great social and historic happenings - a broad field encompassing these narratives that internalize the writings of the self - memories, letters, diaries autobiographies, and auto fiction. Highlighting the importance of the confessional genre as a means to rescue the memory expressed in such works, we point out the trajectory of Celie e Bitita respectively from Alice Walker´s and Carolina de Jesus' novels, as a process of construction of the black woman identity in their historical and social contexts, The United States and Brazil. The present research has as theorethical support the contributions of Michel Foucault (2004), Georges Gusdorf (2012), Philippe Lejeune (2014), among others. During the survey, we could understand the trajectory and the rescue of the writing of memory up from their historical and cultural implications once we looked into the confessional lines written by the elected writers. We will point out the configurations round the writing of the self as practices of caring expressed by the instinct of narrating the self, this fragmented although dynamic tissue. Both Alice Walker as much as Carolina Maria de Jesus are conscious of their functionality as writers. Tis way, they construct narratives that reelaborate happenings, since their main interest is to recognize through memory the presence of otherness and of autonomy in these writings of the self. In writings like these. During this study we became convinced that the writing of this self will resist and will be eternized in paper, and in this way, letters and diaries will be written solely, separately, as practice of asceticism, but they undoubtedly will re-signify individual and collective memories.

Key-words: Alice Walker, Carolina Maria de Jesus, confessional Genre, Writings of the Self.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **9**

I - O GÊNERO CONFESSIONAL: A CONSTRUÇÃO DE SI **13**

1.1 Aspectos confessionais: as primeiras palavras **14**
1.2 Relicário da intimidade: discursos enunciativos do "eu" **18**
1.3 A possibilidade de um espaço autorrepresentativo **24**
1.3.2 Carta **29**
1.3.3 Diário **31**
1.3.4 Autobiografia **33**
1.3.5 Autoficção **35**
1.3.6 Memórias **37**

II - VOZES TRANSGRESSORAS **41**

2.1 – Alice Walker **45**
2.2 - Carolina Maria de Jesus **47**
2.3 - Flores e Aços: A insurgência das escritas e seus elementos memoriais **48**
2. 4 - A interseccionlidade dessas vozes nas escritas **56**

III - ESSE SILÊNCIO NÃO ME PERTENCE **64**

3.1 A escrita de si **68**
3.2 Carta e diário: desvelamento de um "eu" vivo **71**
3.2.1 A carta e o diário como escrita de si em A cor púrpura e Diário de Bitita. **74**
3.2.2 A funcionalidade da carta em A cor púrpura **75**
3.2.3 O mecanismo do Diário de Bitita **85**
3.3 A escrita do "eu": os entrelaçamentos e as desincorporações **95**

CONSIDERAÇÕES FINAIS **99**

REFERÊNCIAS **102**

INTRODUÇÃO

A literatura de autoria feminina negra tem ocupado um significativo espaço de independência. Constatamos, ao longo dos anos, uma crescente ocorrência dessa representação performática através da produção da escrita do “eu”. Assim, as rupturas causadas pelas suas escritas conduzem a um novo cenário, que se propõe a evidenciar a insubmissão de sua escrita, a ação política e o resgate de memórias que passaram a alicerçar essa nova construção identitária.

As particularidades escritas pela produção das mulheres negras são marcas de um corpo que se faz “vivo” ao apropriar-se da escrita. Por isso, refletir sobre a escrita de si produzida por essas mulheres é tratar de um propósito emergente por via de uma dinâmica tensional. É a partir da necessidade de registros conjuntamente com essas escritas de si que se passa a considerar necessária e cautelosa a ideia de permanecer. Ao pensarmos nessa abordagem, constatamos que, desde os primórdios da humanidade, o ser humano apresenta a necessidade de comunicação e expressão, o que nos remete às formas geométricas nas cavernas. Ao desenvolver rabiscos, o indivíduo utilizou mecanismos que perpetuariam sua existência, aproximando-se do “outro” e deixando revelar um “eu vivo”.

As primeiras evidências da escrita são encontradas nessas marcas impressas que representam um determinado contexto, revelando o modo de pensar da fase primitiva da humanidade, no qual há a representação do cotidiano sob os gestos na preservação da memória. Segundo Georges Jean (2002, p.1), “a história da escrita é longa, lenta e complexa. História que se confunde, se entrelaça, com a história do próprio homem”.

Assim, as mais variadas formas de expressão, como o desenho, a pintura, a fotografia, a música, a dança e a escrita apareceram como meios representativos da vida humana. Essas manifestações entonam a individualidade, expressam sentimentos e exercem a linguagem das emoções ao estabelecerem uma conexão entre a vida e a arte. A evolução da linguagem e da sociedade entrelaçam-se nas formas expressivas de comunicação, tornando indiscutível a importância de preservar os registros.

Podemos dizer que a escrita é uma das grandes “invenções” da humanidade na preservação da sua história. Como aponta José Juvêncio Barbosa (2013):

> A escrita tem origem no momento em que o homem aprende a comunicar seus pensamentos e sentimentos por meio de signos. Signos que sejam compreensíveis por outros homens que possuem ideias sobre como funciona esse sistema de comunicação (2013, p.34).

Portanto, diante da evolução e sistematização da linguagem, a escrita, a leitura e suas variações fazem parte de nosso cotidiano e são indispensáveis na mobilidade da enunciação. Nas últimas décadas, os estudos da memória vêm ocupando um espaço significativo nas análises críticas dos meios literário e histórico. Considerando que a escrita de si é uma forma de demarcar o território subjetivo, a presente pesquisa centraliza-se em analisar a prática da escrita do ‘eu’ no gênero confessional.

Destinados a outras pessoas ou a si mesmo, a carta e o diário, por muito tempo, foram guardados silenciosamente, escondidos e esquecidos em baús, porões e caixas. Esses relatos continham a função de conservar as memórias, informar, registrar, desabafar e resistir ao tempo. Diante de sua maior caraterística - o sigilo - e a ideia de que não seriam violados, a carta e o diário proporcionavam um desvelamento e um acolhimento, pois são considerados objetos sensíveis. Portanto, são dois modos distintos e autônomos de narrar a vida que estão interligados à intimidade, ao registro da memória e às experiências de um ’eu’.

Esses artefatos culturais possuem um caráter frágil, carregam traços ritualísticos, um regime de sensibilidade, pois a consistência de suas escritas forma-se a partir da exposição e do compartilhamento das experiências, construindo laços no papel, vencendo distâncias e ausências.

A partir do século XVIII, a literatura íntima é fortalecida, quando o homem adquire a convicção histórica de sua existência, substancialmente, com a ascensão da burguesia, como apontam Maria Luiza Remédios (1997) e Peter Gay (1999). Essa escrita centrada no sujeito, na qual ele se torna objeto do seu próprio discurso, possibilita a “revelação” do íntimo. Além disso, dentro deste mundo literário, há uma consistência em subverter o esquecimento através dos registros das suas vivências e da sintonização dos contextos históricos.

Se a escrita é um instrumento que proporciona a perpetuação das memórias, ela permite organizar e repassar acontecimentos e pensamentos, fazendo-os atravessar o espaço e o tempo. Assim, podemos assegurar que as memórias procuram ressuscitar o passado a partir de um determinado presente, içando um

futuro. Por esse motivo, as memórias manifestam, demarcam e descrevem um “eu”.

No que diz respeito aos estudos relativos à temática afro-feminina, deparamo-nos com uma lacuna histórica e social. O processo de reinserção do “eu” através de narrativas de vivências traz reflexões testemunhais, possibilitando suas impressões de mundo às outras pessoas. O gênero confessional começa a se solidificar graças à nova estabilização social da burguesia. Segundo Gay (1999), a proliferação do novo hábito de escrever sobre si é decorrente das criações de ambientes privados, onde o sujeito narra a própria intimidade sem pudor.

Há séculos destinadas ao silêncio, as mulheres tinham como representação estereotípica o lugar da escuta e da espera, sendo-lhes negada a expressão gestual ou de escrita. Essa prática cultural da escrita foi exercida de modos diferentes por homens e mulheres ao longo da história. Aos homens, era destinada a escrita como importância pública de sua posição no mundo, como relatos de viagens e cartas informativas. Por sua vez, para as mulheres, seu uso consistia em registros de acontecimentos rotineiros da casa, passando a ser, mais tarde, um meio de passatempo ou ocupação para as solteiras. Posteriormente, a mulher passa a ter acesso a escrita para outros fins e a conquista da privacidade.

A aplicação da escrita de si como meio de autorrepresentatividade leva as mulheres à presença de um “eu” enunciador, e é possível enxergar a experiência afro-feminina sobre outra ótica que não a de eterna submissão, mas sim de uma batalha por superar a condição de marginalidade imposta, resistindo ao processo hegemônico.

A pesquisa constitui-se do romance epistolar *A Cor Púrpura*, de Alice Walker e o *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus, sob a investigação da construção da identidade da mulher negra, através da prática da escrita de si.

Levantando a importância do gênero confessional como meio de resgatar a memória expressa nas obras, apontamos a trajetória das personagens, Celie e Bitita, como meio de construção da identidade da mulher negra em seus contextos históricos e sociais, respectivamente nos Estados Unidos e no Brasil. A presente pesquisa recorre às contribuições de Michel Foucault (2004), Georges Gusdorf (2012), Philippe Lejeune (2014), entre outros.

O estudo se divide em três capítulos, que fazem uma reflexão sobre a influência dos espaços confessionais para a representatividade da literatura de autoria afro-feminina. O nosso objetivo é trabalhar a escrita de si, problematizando os espaços por

um viés afro-narrativo que resulta na construção da identidade da mulher negra intermediada pelas memórias individuais e coletivas condicionadas na escrita do “eu”, presente nas obras de Alice Walker e de Carolina Maria de Jesus.

No primeiro capítulo, explanamos o gênero confessional tendo em vista a apresentação de elementos caracterizadores que constituem os subgêneros inseridos nesta modalidade. Levamos em conta, portanto, reflexões que ressaltam a tênue linha presente entre diários, autobiografias, memórias, correspondências, autoficções, relatos pessoais, entre outros. Há inúmeros espaços e suportes para as práticas de subjetivação, através de formas narrativas em função do registro de si. De início, faremos uma contextualização da circulação do gênero confessional, seguindo para uma abordagem das técnicas da hermenêutica do sujeito, e, por fim, traremos à tona a apresentação analítica dos subgêneros nos espaços afro-narrativos.

No segundo capítulo, salientamos uma abordagem política dessas vozes transgressoras que (re)configuram o lugar de fala, e, em razão do avanço nas letras e da vibrante presença afro-feminina, temos a incorporação da ideia de interseccionalidade. Essas vozes transgressoras, ao particularizarem as mulheres negras, vislumbram fatores simultâneos de opressão e hierarquização de gênero, raça, sexualidade e classe.

No terceiro capítulo, observamos a essência das personagens constituídas pelos registros memoriais, em face aos dados fundamentais que instruem o processo de desvelamento, a partir das configurações em volta da escrita de si como práticas de cuidado manifestadas pelo instinto de narrar o ‘eu’, através das cartas e do diário que contêm tessituras fragmentadas, porém dinâmicas. Assim, acreditamos que o registro desses relatos discute formas de resistência à invisibilidade imposta. Consideraremos as práticas da escrita de si como mecanismos auxiliadores na construção e na ressignificação das memórias individuais e coletivas, em espaços acolhedores para uma afro-narrativa.

Diante da organização desses elementos e da relação do sujeito com o tempo, a projeção de si consiste em relatar as experiências, nas quais o indivíduo, responsável por suas ações, primeiro existe e só depois se define, isto é, ele será o que tiver projetado ser. Pretende-se com esta pesquisa enaltecer a presença da mulher negra como um ato político, sob a luz das escritoras Alice Walker e Carolina Maria de Jesus.

I - O GÊNERO CONFESSIONAL: A CONSTRUÇÃO DE SI

> Lo que diferencia a los géneros literarios unos de otros, es la necesidad de la vida que les ha dado origen. No se escribe ciertamente por necesidades literarias, sino por necesidad que la vida tiene de expresarse.
>
> Zamprano

Para dar início a este capítulo, algumas perguntas foram convencionais, porém de extrema importância para entendermos a proporção dos gêneros confessionais. Assim, atentou-se para as seguintes colocações, tendo como finalidade pensar na titulação do presente capítulo: O que é uma construção de si? Como se dá a transposição da subjetividade interiorizada para a subjetividade exteriorizada? O próprio indivíduo busca o olhar do outro? Como se processam essas escritas do "eu"?

Percorreremos um caminho e será necessário atentarmos às contribuições teóricas para pensar no desvelamento desse "eu" e na construção da identidade da mulher negra através da escrita de si.

Certamente, existem muitas questões, e talvez não seja possível responder e delimitar todas. Assim, a pesquisa se detém à apresentação de alguns conceitos, pois, a cada leitura, surgem novas e intrigantes indagações.

Para responder às questões iniciais, basta olhar ao redor para perceber as transformações ocorridas na sociedade. Essas mudanças ocasionam modificações de valores e representações. Logo, chamaremos a atenção para a construção moderna da individualidade, pois as novas formas de dar sentido à intimidade levam-nos a compreender a valorização desses aspectos individuais. Ao contrário do que se imagina, a noção de indivíduo não existe desde sempre, mas foi construída historicamente, por um valor social e existencial.

Com o surgimento de autênticos sujeitos, há uma produção de outras perspectivas, uma vez que um novo olhar recai sobre o que é ser indivíduo em uma sociedade que valoriza a exposição. Em razão dessas transposições, a narrativa de introspecção se coloca como suporte para esse sujeito reflexivo, que, ao relatar as ações desse "eu", vai produzindo e definindo a si mesmo. Ao reconhecermos os aspectos da auto-hospitalidade[1] presente nessas narrativas confessionais, podemos

---

[1] No *Luculus vem jantar com Luculus* (2014), Philippe Lejeune apresenta que devemos ter hospitalidade, generosidade, zelo e cuidado para com o nosso próprio ser. O aspecto da auto-hospitalidade é tornar-se anfitrião do seu "eu", ou seja, procurar e adequar formas que proporcionem acolhimento, amparo, auxilio para esse "eu" sujeito. Ao apontar que ele mesmo encontrava-se na

observar que essas escritas cooperam para uma nova significação da construção de si. Trata-se da construção de um sujeito singular que reconhece as próprias ações e apresenta-se aos demais através de práticas autorreferenciais. Por serem modalidades discursivas centradas na expressão de um “eu”, trazem consigo relevantes formas de escritas de si, descentradas e fragmentadas. Por essas ações, os sujeitos constroem suas subjetividades. O (des)velar da intimidade intensificou-se, e, na contemporaneidade, essa “subjetividade exteriorizada”[2], em que o olhar do outro interessa, vem a construir uma nova percepção.

Encontramos outras significações ao tratarmos do papel da intimidade, no horizonte cultural contemporâneo. Segundo Paula Sibilia (2008) e Fernanda Bruno (2004), os velhos hábitos de narrar sobre si, em folhas, adquirem novas formações devido à incorporação das tecnologias. As autoras apontam que as fronteiras da subjetividade interiorizada foram rompidas pelas subjetividades exteriorizadas. O interesse pelas narrativas de si difunde-se de tal forma que a interioridade passa a ter uma ampla aceitação nos meios midiáticos, voltando para si muitos olhares por soarem com um teor de credibilidade.

Estamos diante de uma crescente espetacularização da intimidade e voltaremos o nosso olhar para as escritas do “eu” – memórias, cartas, diários, autobiografias, autoficções. Um amplo campo compreende essas narrativas, porém afunilamos nossa pesquisa para abordar as escritas que, sob um olhar mais atento, capturassem a ressignificação do próprio passado.

As práticas hermenêuticas e as escritas de si consolidam-se em um espaço para a exposição da interioridade e se transformam em uma esfera de acolhimento desse “eu”. Portanto, mergulhar em si mesmo leva-nos a constituir caminhos coesos que possam dar sentido ao “eu”. Isto significa que essas mudanças produziram novas sociabilidades e modalidades de construção de um “eu autêntico”, no qual a subjetividade passaria a ser considerada como um valor a ser cultivado pelo indivíduo.

1.1 Aspectos confessionais: as primeiras palavras

---

solidão e sem ninguém que o acolhesse, foi necessário pedir asilo ao papel. Por intermédio desta “liberdade pelo papel”, podemos observar a produção de um espaço que ampara e conforta. Assim, compreendemos que a escrita desse “eu” nas cartas e no diário funciona como refúgio e apresenta-se como companheiro.

[2] Termo utilizado por Fernanda Bruno (2004)

Nas últimas décadas, saltou aos nossos olhos uma proliferação de estudos que abrangem o gênero confessional. Em detrimento dos grandes acontecimentos históricos, o homem sente a necessidade de se refugiar e de se expressar, no intuito de concretizar as emoções, sendo as artes grandes potências acolhedoras desse indivíduo. Desse "eu", representante de si e do outro.

Ao abordar os termos sobre a literatura marcada por um "eu", deparamo-nos com uma problemática, pois fomos cercados pelas densas caraterísticas e tênues definições em volta dos subgêneros. Nesse sentido, muitos contornos serão necessários para que se possa, se não responder, pelo menos sintetizar algumas colocações.

Em torno desse gênero, somos reféns de alguns fatores determinantes na perspectiva de distinguir os subgêneros. Pensando na complexidade de pesquisas, colocaremos como basilares, nesse primeiro momento, as contribuições teóricas acerca da sistematização do ato confessional. Abordaremos grandes nomes que retratam os aspectos confessionais, como Santo Agostinho (2011), Jean-Jacques Rousseau (2008), Philippe Lejeune (2014), Peter Gay (1999), Georges Gusdorf (1991), entre outros.

Antes de começarmos a trilhar por esses caminhos, colocamos como ponto de partida a epígrafe que se encontra no início deste capítulo, de Maria Zamprano. Essas primeiras palavras colocam sobre a escrita a real necessidade do sujeito: a ânsia por expressar a vida. Por certo, teremos o tempo sendo associado e interligado à complexidade do passado, do presente e do futuro; a vida expressando o vivido e preservando as lembranças.

Antes de tudo, cogita-se a ideia de compreender as iniciais especulações em torno da própria palavra, em seguida recorremos à definição do termo confissão de Massaud Moisés (2004), que:

> Designa um relato pessoal, inscrito no espaço da autobiografia, do diário e das memórias, não raro em mescla, já evidente no título da obra, já no seu conteúdo. À semelhança dessas modalidades limítrofes, o foco narrativo é o da primeira pessoa do singular, mas diversamente dela, sobretudo da autobiografia e do diário, não se presta obediência à cronologia (MOISÉS, 2004, p. 83).

Os primeiros autores que se elevam ao tratarmos de um relato confessional

são Santo Agostinho e Jean Jacques-Rousseau. De um lado, encontra-se *Confissões* de Santo Agostinho, obra escrita no século IV a.C., que se apresenta como o maior símbolo da escrita confessional do cristianismo; do outro, *Confissões* de Rousseau, romance produzido no século XVIII e titulado como fundador do gênero romance autobiográfico na França.

Na obra de Santo Agostinho (2011), um dos textos mais importantes da literatura cristã, identificamos o caráter autobiográfico que relata o processo de conversão da criatura[3] – o seu "eu". É inegável a sua contribuição para a história ocidental, pois se tornou um dos grandes nomes que refletem a interioridade e a busca da verdade em si. Desde que folheamos as primeiras páginas da obra, observamos a inquietação do peregrino:

> Concedei, Senhor, que eu perfeitamente saiba se primeiro Vos deva invocar ou louvar, se, primeiro, vos deva conhecer ou invocar. (…) Que eu vos procure, Senhor, invocando-vos; e que vos invoque, crendo em Vós, pois nos fostes pregado, Senhor, invoca-vos a fé que me destes, a fé que me inspirastes por intermédio da humanidade de vosso Filho e pelo ministério do vosso pregador (AGOSTINHO, 2011, p. 25).

Em *Confissões* (2008), de Rousseau, há uma preocupação com a ação de transpor, através da escrita de si, a veracidade de seus atos, constituindo essas singularidades o comprometimento com o interior da alma e do coração. Observemos a seguinte passagem:

> Antes de ir mais longe, devo ao leitor minhas escusas ou minha justificação por tantas minúcias em que entrei ou em que ainda entrarei, e que nada têm de interessante aos seus olhos. Na empreitada que assumi de me mostrar todo em público, é preciso que nada de mim fique obscuro e escondido. É preciso que, incessantemente, me coloque sob os seus olhos. Que ele me siga em todos os meus desvarios do coração, em todos os recantos da vida. Que não me perca de vista um só instante, sob pena de, ao encontrar na história a menor lacuna, o menor vazio, dizer: "Que fez ele nesse tempo"? e me acuse de não ter querido dizer tudo (ROUSSEAU, 2008, p. 76).

Os dois autores conduzem-nos a mergulhar nas leituras através do registro dos conflitos internos, e, nessa imensa empreitada confessional, inferimos a preocupação com a projeção da veracidade. Assim estende-se sobre os leitores a validade de seus

[3] O termo criatura está no sentido de indivíduo.

discursos. Segundo Laura Llevadot (2001):

> Nunca estaremos certos de ter dito este tipo de verdade; em compensação estamos, sim, certos, de ter sempre que repeti-la, porém de nenhum modo acusados de falsidade nos vem à cabeça expressar esta verdade alterando-a e inventando-a, porque é mais real no irreal que na aparência da exatidão em que se petrifica perdendo sua claridade intrínseca (LLEVADOT, 2001, p. 61, tradução nossa).[4]

Esses aspectos confessionais são, portanto, formas privilegiadas de relacionar um discurso verdadeiro sobre si e ao mesmo tempo, uma constituição subjetiva. Para Georges Gusdorf, as *Confissões* de Santo Agostinho e as de Rousseau marcaram os primeiros passos de uma literatura de caráter confessional:

> A autobiografia é um gênero literário firmemente estabelecido, cuja história se apresenta marcada por uma série de obras-primas, desde as Confissões de Santo Agostinho até o *grain ne meurt de Gide*, passando pelas Confissões de Rousseau, (...). Muitos homens importantes, e outros não tão importantes, chefes de Estado, ou chefes militares, ministros, exploradores, homens de negócios, consagraram o ócio da velhice deles à redação de lembranças que encontram constantemente um público de leitores atentos (GUSDORF, 1991, p.9, tradução nossa).[5]

Porém, tal modalidade de escrita encontrou dificuldade de consolidação em razão de uma longa tradição literária que afastava os gêneros confessionais dos cânones literários. Defronte de uma cultura falocêntrica e essencialmente impregnada pela poética hegemônica, muitos críticos literários ainda consideram como literatura menor esses espaços circunscritos da escrita do “eu”, pois acreditam que a arte do fazer literário é fundamentada na ficção.

---

[4] Nunca, pues, estaremos seguros de haber dicho esta clase de verdad; en cambio sí, seguros, de tener siempre que repertila, pero de ningún modo acusados de falsedad si se nos ocurre expresar esta verdad alterándola e inventándola, porque es más real en lo irreal que en la apariencia de exactitud en que se petrifica perdiendo su claridad intrínseca.

[5] La autobiografía es un género literario firmemente establecido, cuya historia se presenta jalonada de una serie de obras maestras, desde las Confesiones de San Agustín hasta si le grain ne meurt de Gide, pasando por las Confesiones de Rousseau, (...). Muchos grandes hombres, e incluso muchos hombres no tan grandes, jefes de Estado, o jefes militares, ministros, exploradores, hombres de negocios, han consagrado el ocio de su vejez a La redacción de recuerdos que encuentran constantemente un público de lectores atentos (GUSDORF, 1991, p.9).

O entrecruzamento do real e do ficcional nos gêneros confessionais é consistente, pois manter a fidedignidade dos fatos é quase irrealizável. Com essas pretensões de não se manter uma aplicação real, salientamos que esses elementos reais e ficcionais, ao cruzarem os discursos, tornam-se grandes protuberâncias ao gênero introspectivo. Percebemos, então, os efeitos de resistência, insatisfação, divergência, oposição nas significações, constituindo-se, logo, como uma fronteira de relações de poder.

Ao se retratar na literatura, a essência do seu ser propõe, junto com as experiências, criar formas de expressão. Mediante essa abordagem, verificamos o elo entre a vida, a escrita e a sinceridade. Esse "eu" em movimento, possuidor de um espaço de representação, é, deste modo, acolhido.

Antes de começarmos a travessia teórica e interpretativa das obras selecionadas como *corpus* desta pesquisa, será necessário que nos detenhamos a alguns pontos colocados na abordagem da esteira da sinceridade. Os termos selecionados passam por esse ponto de intersecção – autenticidade – percorrendo a variação dos subgêneros, onde encontramos uma preocupação em torno desse "eu".

Quando tratamos dessas escritas sob uma afro-perspectiva, devemos entender que as narrações fazem das palavras um tipo de resistência, colocando-as na eternidade das lembranças. Assim, as narrativas de introspecção se complementam, em via da autenticidade como mecanismo inerente ao homem, "seja qual for o modo de expressão eleito: refere-se à intensidade, à autenticidade do exame de consciência"[6] (GUSDORF, 2012, p.18).

1.2 Relicário da intimidade: discursos enunciativos do "eu"

A questão sobre concepção e função da literatura passa por uma oscilação de valores, ao passo que cada época atribui à literatura as mais distintas funções. Ter o desejo de encontrar uma resposta sólida soa, de certa forma, impróprio, uma vez que diferentes períodos compreendem seu próprio aspecto histórico e social. Ressaltamos, então, que alguns conceitos podem ser atribuídos, mas lembramos que as definições precisas, com exatos termos enunciativos, não abrangem a

[6] sea cual sea el modo de expresión elegido: se refiere a la intensidad, a la autenticidad del examen de conciencia.

complexidade desta esfera, porque essa linguagem escrita transpassa o tempo e espaço.

Ao abordarmos a literatura confessional, somos levados ao contexto canônico que denomina esse gênero como uma literatura menor; nesse sentido, encontramos barreiras impostas por aqueles que versam em prol deste cânone literário.

Em sua obra, *Altas Literaturas* (2003), Leyla Perrone-Moisés salienta alguns pontos, ao colocar que os relatos isentos de ficcionalidade são apartados da alta literatura. Ao mesmo tempo, essa oscilação de valores alude a alguns hábitos alimentícios do mercado, pois se tem a ideia de que há uma publicação de livros *lights*[7]. Em contrapartida, observamos no texto *Literaturas pós-autônomas*, de Josefina Ludmer (2010, p.1), um olhar sobre o processo de reconfiguração do que é ser literário na contemporaneidade. Ela aponta que as escrituras "atravessam a fronteira da literatura (os parâmetros que definem o que é literatura)" e "da ficção (e ficam dentro-fora nas duas fronteiras)". Portanto, trata-se de um campo que não se restringe a pontos delimitativos, ou seja, o que precisamos pôr em evidência é que esses limites são incertos.

Em um dos seus artigos que abordam as narrativas de si, nomeado *A literatura e os gêneros confessionais*, Sheila Maciel (2004) argumenta que esta separação se dá sob um olhar muito simplista dos críticos acerca das narrativas literárias escritas em primeira pessoa:

> Contudo, não há literatura que não contenha elementos da realidade, assim como a chamada literatura intimista ou confessional não está isenta de desvios da linguagem, posto que é impossível transpor qualquer realidade fielmente retratada para a página escrita. Os gêneros confessionais, portanto, são, como qualquer discurso, uma produção humana entrecortada de ficção (MACIEL, 2004, p. 75).

Compreendemos que existe uma impossibilidade de transpor para o papel os conteúdos na sua forma real, pois a produção humana é entrecortada pela ficção: "um discurso, portanto, não exclui outro, e mesmo o discurso confessional não exclui os mecanismos do discurso ficcional na leitura da realidade" (MACIEL, 2004, p. 76).

Existe uma grande preocupação com essa 'ríspida' impressão, ater-se a esse ponto de delimitar a proporção ou hierarquizar os pressupostos gerou conflitos ao

[7] Seriam livros que não possuem uma preocupação com os valores estéticos consolidados pela cultura canônica.

longo da historicidade do que se denomina literário:

> Ninguém nega, no entanto, que, tanto os gêneros confessionais, quanto as outras formas literárias sejam duas maneiras expressivas de contar a experiência humana. Além disso, existem diversas obras dentro do universo confessional que são puramente ficcionais e se utilizam da forma autobiográfica como um recurso a mais dentro da aventura da linguagem (MACIEL, 2004, p. 76).

Em decorrência de novas propostas, os estudos culturais contribuíram efetivamente para o rompimento das fronteiras do literário, assim novas configurações foram tecidas e possibilitaram análises de questões pertinentes e relativas sobre as literaturas ditas de minoria.

Outra reflexão sobre o conceito aborda as colocações de Elzira Perpétua (2011). Em seu artigo, *Literatura Brasileira Confessional: uma leitura de memórias marginais*, aplicam-se questões acerca da consideração de críticos em aceitarem a produção da escrita do “eu” dentro do campo literário canonizado. Verifica-se que uma considerável alusão às obras de autores que possuem grande referência no campo literário se sobrepõe ao próprio gênero, logo essas obras se aprimoram como um solo fértil, consagrando-se.

Nessa esteira, percebemos o quanto a temática é capaz de inquietar, visto que se evidencia a produtividade da abordagem estabelecida paralelamente entre o ficcional e o referencial. Decerto, a circulação sobre a arte e o fazer literário põem em relevo os discursos escritos que se propõem, de fato, a intercambiar essas características intrínsecas.

A gênese do processo narrativo como repositório de lembranças abarca uma variedade de denominações que são expostas para compreender as narrativas centradas na subjetividade do indivíduo moderno. A este respeito, assim se manifesta Maciel (2005):

> A literatura confessional equivale à intimista, autobiográfica ou memorialista, adjetivações que, apesar das suas idiossincrasias, costumam se remeter a textos escritos em primeira pessoa em que ocorre em algum momento, não a descrição de alguma verdade, mas a apresentação de um ponto-de-vista particular que individualize a existência do eu que se inscreve, independentemente da sua existência extratextual. Em literatura confessional, como em qualquer literatura, nada pode ser tomado como representação fiel da realidade, mas como possibilidade mimética de construção artística (MACIEL,

2005, p. 25).

Partindo da concepção de representatividade pela arte, a literatura de cunho íntimo ecoa como aquela centrada no sujeito que desnuda sua vida através do ato confessional, esse processo de revelação do “eu”, aproxima-o do leitor. Portanto, o aspecto do dinamismo presente nas obras, em decorrência dos desdobramentos da exposição do “eu”, corrobora as modulações reflexivas da escrita confessional.

A aventura de contar sobre si e de se compreender não é uma preocupação recente, ela está intimamente vinculada à humanidade. Desde as primeiras conjecturas, há evidências da necessidade do homem em perpetuar e dar testemunho de sua existência, pois a fixação de registros o faz compreender o passado, e, ao evocá-lo, tenta-se explicar o presente.

Dessa forma, a formação da identidade do sujeito torna-se possível através da reflexão sobre si mesmo, sobre suas próprias análises. Partindo do discurso de autorreflexão, observamos que as experiências ganham corpo, resultando na revitalização das dimensões ligadas à subjetividade e às perspectivas.

Os relatos pessoais ganharam amplitude na contemporaneidade, assim observamos uma série de discussões que abrangem as inúmeras motivações e razões do interesse por essas narrativas. Por meio destas leituras, evidenciamos a contribuição da obra, *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea* (2010), de Leonor Arfuch. Desde o prefácio da obra, escrito por Ernesto Laclau, observamos as articulações do autor sobre o entrelaçamento de três temas – relato, identidade, razão dialógica - recorrentes na escrita da autora.

Explicitas as colocações da autora, todas asseguram a hibridização das tonalidades entre os gêneros, nos fazendo ver o dialogismo e “o avanço irrefreável da midiatização” (ARFUCH, 2010, p. 37). Esses aspectos são enfatizados pelo “valor biográfico”, pois se “constitui talvez uma das melhores explicações para se entender – para além de se escrever – a proliferação de narrativas vivenciais e seu impacto da (re)configuração da subjetividade contemporânea” (ARFUCH, 2010, p. 37).

Na nova perspectiva, as manifestações literárias íntimas ganharam, nesse século, uma parcela significativa de leitores, pois uma proliferação de textos foi escrita e publicada com relatos de experiências pessoais. Um dos recordes de vendas de relatos pessoais foi *O diário de Anne Frank*[8]. De fato, há um sensível interesse pelas

[8] O Diário de Anne Frank (1947) é um relato verídico que conta os horrores vividos por ela, sua família

obras de cunho memorialístico, autobiográfico, testemunhal, como assegura Patrícia Brasil (2011):

> O século XX com seus conflitos, guerras, reorganizações territoriais, migrações populacionais, estudos científicos, psicanalíticos, sociológicos e antropológicos, bem como a sensação de que o tempo passa rápido demais, estimula a busca e o registro da individualidade. E o leitor ávido pela busca da verdade e de restaurá-la, de recontar a história sob a ótica pessoal viabiliza a produção de textos confessionais (2011, p. 17).

Tanto a escrita quanto a leitura desses relatos abordam as relações entre memória e imagem. Visto dessa forma, acomete-se, na contemporaneidade, a emergência de um sujeito atento a si mesmo e que seja levado a construir uma narratividade que ordene esse caos interior, ocasionando um sentido.

Decerto, o que levou a literatura confessional a se tornar um “diamante” para o mercado editorial, foram atribuições dadas à importância da possibilidade de uma leitura da intimidade, da profundidade, de assegurar-se nas considerações pertinentes à escrita pessoal. Todos os artefatos, pessoais e literários, não são puros, porque desde o nosso surgimento somos efetivamente, de alguma maneira, faiscados pela hibridização do real e do irreal. Ou seja, somos entrecortados, por mais que se evidencie o ‘eu’, pelos discursos dos outros.

Conclui-se que a projeção dessa literatura no mercado foi adquirida porque uma considerável atenção, entre os leitores e os meios acadêmicos, na contemporaneidade, surgiu por esse viés. Diante da relação íntima proposta por essa modalidade confessional/testemunhal, que coloca a metamorfose vivenciada através da escrita de si, o sujeito ativo outorga às linhas o seu poder.

Em decorrência da conscientização do “eu” na sociedade, a literatura vem ganhando um significativo espaço no mercado editorial, e contamos com uma grande efervescência de interesse pelos relatos em primeira pessoa por estarmos inseridos em um mundo em constante transformação, cercados por letras, imagens, informações, no qual observamos um processo de visibilidade.

Ao longo dessas colocações, constatamos que se deixa de constituir a subjetividade no âmbito secreto, pois esses limites incorporam a fluidez e passam por

---

e outros judeus, nos tensos momentos que viveram durante a perseguição nazista na Segunda Guerra Mundial.

novas projeções. Por estarmos cercados dessas incorporações que performam a visibilidade de si, a hibridização pode ser encarada como um dispositivo que aponta o elo entre o real e o ficcional.

Diante da pluralidade de textos teóricos acerca do processo construtivista de um conceito que abarque o universo da escrita literária em primeira pessoa, deparamo-nos com uma extensa discussão sobre os termos da literatura confessional fundamentada na multiplicidade de discursos e na fragmentação do próprio indivíduo, apresentadas de uma forma singular.

Ao pensar na Literatura Confessional, recorremos às adjetivações prescritas em textos de primeira pessoa. A intersecção desses verbetes acerca do “eu”, apresentam uma vastidão na escrita literária: confissão, diário, memórias, autobiografia e cartas como espaços pertinentes ao desvelamento desse sujeito. Esses aparatos literários intensificam o esforço secular na ação de cartografar o espaço interior do indivíduo. A escrita centrada no “eu”, como próprio objeto, fortalece-se e define-se no século XVIII, a partir da ascensão da sociedade burguesa e da noção de indivíduo.

Com o estabelecimento da sociedade burguesa – o clero e a monarquia, até então, eram os detentores do poder –, despontam-se novas práticas e novos costumes nos âmbitos social e cultural. De fato, com a ascendência dessa nova classe e da sua própria conscientização, nada mais justo do que representar seus indivíduos com o surgimento de uma nova literatura.

Assim, Philippe Lejeune (2014) considera alguns elementos que consolidam o acolhimento dos escritos confessionais, como a noção de indivíduo, a ascensão do capitalismo, o surgimento da imprensa e a conquista da privacidade. O autor afirma que o processo de “escrever e publicar o relato de sua própria vida tem sido há muito tempo, e ainda é hoje, numa acepção ampla, um privilégio reservado aos membros das classes dominantes” (LEJEUNE, 2014, p. 229).

Em posicionamento aos pensamentos de Peter Gay (1999), as razões para esse triunfo temporário da privacidade, sempre incompleto, são difíceis de determinar, mas parecem ter origem econômica, social e política. De acordo com Gay, a proliferação dos novos ambientes privados abriram espaços para a introspecção, assim a escrita de si tornou-se uma prática habitual nos lares burgueses, dando à luz uma diversidade de textos marcados pela autorreflexão, pautada na particularidade de cada experiência individual.

Podemos concluir que os contornos nesses tópicos trazem como essência a constituição e a afirmação do sujeito moderno, compreendendo seu espaço e possibilitando uma construção da subjetividade.

O sujeito, ao fazer-se objeto do discurso, envolve-nos pela “sugerida” transparência, e essa significativa característica confere-lhe sentido, promovendo interesse pela enunciação. A consonância com o processo comunicacional verbaliza-se através de uma realidade que pode ser compreendida, interpretada e (des)sacralizada, relativizando a sua autonomia.

Partindo dessa troca, frente às duas histórias, as escritas e os leitores incorporam elementos para uma relação amistosa. Poderíamos, em princípio, entender esse vínculo com empatia diante da probabilidade de o leitor se colocar na situação do outro (lido/escrito). A obra desnuda-se, e a mensagem emitida para o receptor é acolhida, tornando-se confidente dos relatos, compadecendo-se perante a obra.

Diante da sensação de nos vermos na extensão da obra, fomentada pelas experiências nas quais os textos incluem os relatos pessoais, onde nos reconhecemos, somos levados por questões afetivas a tornarmos mais próximos dessas leituras que nos submetem às histórias. A identificação com as narrativas acontece em função das temáticas tratadas, em que os textos nos entrelaçam por revelações e desejos. São essas emoções percorridas nas páginas escritas que promovem comoção, impacto e identificação durante a leitura.

A literatura e a vida cruzam-se, fundindo-se em torno do sujeito que se faz objeto desse processo de purificação interior, via reconhecimento de seus atos. A difusão dos diferentes tipos de narrativas de cunho memorial, cuja exposição da intimidade ganha holofotes na contemporaneidade, apresenta a essência da memória, nas construções identitárias, resultando no notável crescimento da produção e publicação dos diferentes tipos de narrativas de cunho testemunhal.

1.3 A possibilidade de um espaço autorrepresentativo

Será possível a identificação de certos espaços, a partir de estudos sobre as práticas do “eu”, que possibilitem uma ação identitária?

Essa questão transpõe-se como o fio norteador desta terceira etapa, na qual

buscamos apresentar algumas características prescritas para as narrativas fundidas na representação da primeira pessoa do singular. Nesse momento, trataremos de alguns gêneros que parecem mais aquecedores em relação à pesquisa - autobiografia, autoficção, carta, diário e memórias -, como estratégias de escrita.

Diante de uma série de marcadores que determinam o lugar social dos indivíduos e seus discursos, uma nova história será contada a partir da desconstrução estrutural da consagrada história uno/oficial. Segundo Michel Foucault (1998), a ordem do discurso vigente pressupõe:

> Que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1998, p. 8-9).

Como aponta o autor, “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (FOUCAULT, 1998, p. 37). No entanto, como veremos, uma pluralidade de perspectivas manifestam-se na esfera de produções de discursos. Abrem-se caminhos para as histórias subtraídas que sofreram o procedimento de exclusão. O manuseio dessas representações são ligados aos múltiplos grupos sociais e ao acesso dessas vozes.

É pensando nesses embates que recaiu e recai, sobre a escrita da mulher negra, a urgência em produzir e construir a sua própria imagem, colocando-se como protagonista histórica no *corpus* literário. Nesse sentido, podemos perceber que as lacunas são preenchidas e o silêncio opressor é rompido; a mulher negra passa a refletir sua condição, a ligação com o passado e as marcas de sua herança.

Diferentemente da categoria homogênea do pensamento feminista, a mulher negra experimenta outro tipo de submissão condicionada pelas questões sexuais, sociais e de gênero, refletidas na forma da interseccionalidade.

Antes de iniciarmos a abordagem dos gêneros, ilustraremos esta questão com um excerto do discurso intitulado *Ain´t I a Woman?*, proferido pela abolicionista afro-americana Sojourner Truth durante a Convenção de Mulheres em Akron, Ohio, em 1851.

Sojourner Truth[9] (1797 – 26 de novembro de 1883) foi o nome adotado por

[9] Sojourner Truth nasceu na condição de escrava.

Isabella Baumfree, em 1843. Inserida em um sistema escravocrata, ela sofreu com os trabalhos forçados e foi violentada por um de seus donos. Aos nove anos, participou do primeiro leilão de escravos e foi arrematada em 1806.

Abolicionista afro-americana, mãe, ex-escrava e ativista dos direitos da mulher, Truth é reconhecida pelas lutas e por seu discurso “Não sou uma mulher?”. Símbolo de liberdade, força, justiça e resistência, a sua voz entoava um som desafiador, alto e claro:

> Bem, crianças, onde há muita confusão deve haver algo de errado. Penso que entre os negros do Sul e as mulheres do Norte, todos falando sobre direitos, os homens brancos vão muito em breve ficar num aperto. Mas sobre o que todos aqui estão falando? Aquele homem ali diz que as mulheres precisam ser ajudadas a entrar em carruagens, e erguidas para passar sobre valas e ter os melhores lugares em todas as partes. Ninguém nunca me ajudou a entrar em carruagens, a passar por cima de poças de lama ou me deu qualquer bom lugar! E não sou mulher? Olhem pra mim! Olhem pro meu braço! Tenho arado e plantado, e juntado em celeiros, e nenhum homem poderia me liderar! E não sou uma mulher? Posso trabalhar tanto quanto e comer tanto quanto um homem - quando consigo o que comer - e aguentar o chicote também! E não sou uma mulher? Dei à luz treze filhos, e vi a grande maioria ser vendida para a escravidão, e quando eu chorei com minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus me ouviu! E não sou mulher? Então eles falam sobre essa coisa na cabeça; como a chamam mesmo? [alguém na plateia sussurra, "intelecto"] É isso, meu bem. O que isso tem a ver com os direitos das mulheres ou dos negros? Se a minha xícara não comporta mais que uma medida, e a sua comporta o dobro, você não vai deixar que a minha meia medidazinha fique completamente cheia? Depois aquele homenzinho de preto ali disse que as mulheres não podem ter tantos direitos quanto os homens, porque Cristo não era mulher! De onde o seu Cristo veio? De onde o seu Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com Ele. Se a primeira mulher feita por Deus teve força bastante para virar o mundo de ponta-cabeça sozinha, estas mulheres juntas serão capazes de colocá-lo na posição certa novamente! E agora que elas estão querendo fazê-lo, é melhor que os homens permitam. Obrigado aos que me ouviram, e agora a velha Sojourner não tem mais nada a dizer.

Diante da sua importância, não seria justo reduzir uma preleção militante para as mulheres negras, a exemplo de Sojourner. Sem dúvida, o discurso acima representa a força milenar da mulher negra e proporciona o primeiro florescer da sua caminhada sobre os espaços que possibilitam a representação afro-narrativa. Essas palavras levam-nos a repensar, através do ponto de vista de uma negra que viveu e conferiu as experiências de outras mulheres do seu grupo, a condição de opressão

vivida e as marcas deixadas ao longo dos séculos pela escravidão.

Silenciada, submissa e duplamente excluída, pelas questões de gênero e raça, constatamos que, ao abordar as suas particularidades, a problematização da mulher negra não se resume a um ponto fixo, mas plural. O engajamento político, social e histórico do feminismo negro surge como outra vertente do movimento feminista, mas se opõeà postura feminista hegemônica em alguns aspectos.

De fato, há um abismo entre as mulheres negras e as brancas, e, se considerarmos o discurso como alicerce para as indagações sobre o ser feminino negro, daremos os primeiros passos sobre a importância de ressaltar o espaço necessário às mulheres negras. A apropriação desse discurso busca provocar, indagar, questionar e expor uma fonte de discussões.

Observa-se que a repetição das perguntas (E não sou mulher?) passa a desconstruir essas normas socioculturais sobre a condição feminina. Além disso, esse gesto simboliza a divergência presente na primeira onda, pois as feministas brancas não incorporaram a luta e o problemas das mulheres negras.

1.3.1- A escrita de intimidade e os “eus”

Nos últimos tempos, assistiu-se a uma explosão de narrativas voltadas para o “eu”, consubstanciadas em relatar experiências. Logo, a escrita confessional desperta interesse nos leitores, que, através desse processo, é convidado a testemunhar o desvelamento do “eu”. A primeira reação que surge diante de um texto que apresenta a primeira pessoa do singular é a sensação de um corpo que se faz presente e que transmite o visto e o vivido sob a forma da escrita. Em razão desse primeiro ponto, salienta-se, nessas narrativas, o tratamento de um relato sincero, autêntico, sobre a vida íntima de uma pessoa.

Convertidas em moeda corrente, as narrativas introspectivas invadem o horizonte cultural nos mais variados formatos e suportes. Do papel às telas, uma ampla transformação ocorreu no que concerne às preocupações com uma literatura representativa do “eu”, pois elas perpassam uma linha tênue ao apresentar subsídios que se entrecruzam nos meios confessionais.

O grande interesse nessa produção do “eu”, principalmente no século XX, exprime o procedimento de intimidade sendo projetado no centro das ações e reflexões. Assim, o leitor é convidado a adentrar nesse universo privado, onde se

espera a sinceridade do testemunho, a exposição de um “eu” que se desmascara frente à escrita e se dispõe ao olhar do outro. Nessa auto-objetivação, o sujeito, ao propor contar suas lembranças, realiza um projeto intermediado pelas teorias, orienta-se por persuadir um “outro” ao qual se endereça.

As obras aqui analisadas, das autoras Carolina Maria de Jesus e Alice Walker, persuadem o leitor a estabelecer um vínculo entre elas. Quando o *corpus* é apresentado, de imediato, faz surgir nos leitores uma reflexão e uma sensação de cumplicidade. A utilização desse “eu” busca dar credibilidade a essas escritas, pois há um acompanhamento do leitor com a personagem.

Compreendendo a prática da escrita como mecanismo de constituição da identidade do sujeito, essa trajetória é traçada a partir das experiências. Verificamos nesses discursos, o processo de desnudamento, o que era antes escondido revela-se nas mais diferentes formas de representação e resulta em uma complexidade de termos que proliferam e ganham olhares.

Percorrendo a esfera íntima das formas narrativas – carta, diário, autobiografia, autoficção e memória – e de suas convenções, observamos que são propostos espaços para essas práticas autorrepresentativas, nas quais veremos o cuidado consigo, o peso da intimidade, a memória e a experiência como essências nas práticas que consistem em anunciar um “eu”.

Considerando os estudos de Peter Gay (1999), um dos fortes elementos que contribuem para o discurso em seu modo intrínseco é de fato o surgimento de espaços privativos. Se os espaços foram criados, consequentemente houve um efervescer de escritas do “eu” que ganharam notoriedade devido à grande curiosidade do público em desvendar o outro. Segundo Gay:

> Respeitar a porta do dormitório significava obedecer a uma exigência de autonegação. Significava limitar a curiosidade natural sobre a vida secreta dos outros, que começava na infância e normalmente se mantinha intacta na idade adulta. Os seres humanos são bisbilhoteiros inveterados, *voyeurs* impulsivos (GAY, 1999, p. 191).

Dessa maneira, os estudos de Gay (1999) contribuem para a investigação das condições que permitem a inserção da escrita do “eu”, devido à produção desses discursos na configuração da fala e da escrita sobre si.

A aquisição desses espaços resulta em atividades solitárias, nas quais os indivíduos assumem uma posição reflexiva em busca de registrar elementos

identitários. Propõe-se considerar, no caso do nosso estudo, que todo o processo de silenciamento físico e social perpassado pelo ser afrodescendente ocasionou o ávido desejo de marcar a individualidade, como também reconfigurar sua posição na historicidade.

A escrita assume um corpo real e, junto com as novas literaturas emergentes, vem abalar o espaço de representação clássica das classes dominantes. Ou seja, a descentralização de certos modelos ofereceu espaços para a reprodução de vozes marginalizadas e a visibilidade das experiências dos que são colocados à margem dos aspectos sociais, culturais e políticos.

1.3.2 Carta

Desenvolver reflexões sobre cartas é referir, primeiramente, a sua funcionalidade de comunicação à distância. Durante muito tempo as cartas se constituíram como único meio de se fazer presente os ausente ou de se presentificar diante dos ausentes.

Um longo percurso era necessário para que as cartas chegassem ao seu destinatário. Em alguns momentos, atravessavam imensidões oceânicas, em outros, eram trazidas a cavalo. Atualmente, diante das transformações comunicacionais, as cartas escritas à mão tornaram-se formas não convencionais, pois os *e-mails*, *fax*, mensagens e outros meios ganharam maior notoriedade por sua rapidez em atingir o destino.

Não deixa de ser curioso observar algumas características, como o tom testemunhal ou confessional, a localização em um espaço singular, o elo (atrair ou repelir) existente entre emissor/receptor, privado/público, presença/ausência, verdade/ficção.

Recorremos à Lei Brasileira n° 6.538, de 22 de junho de 1978, que dispõe sobre os serviços postais, apresentando a regulamentação dos direitos e obrigações referente aos serviços. No art. 47, concernente às definições, encontramos:

> **Carta** - objeto de correspondência, com ou sem envoltório, sob a forma de comunicação escrita, de natureza administrativa, social, comercial, ou qualquer outra, que contenha informação de interesse específico do destinatário. […] Correspondência: toda a comunicação de pessoa a pessoa, por meio de carta, através da via postal, ou por telegrama.

Desse modo, o texto epistolar ressalta a ligação entre dois sujeitos, e a ideia de intimidade perpassa toda a sua estrutura. Assim, com as mais variadas acepções, usos e finalidades, elas são norteadas pelos seus efeitos argumentativos. Para darmos segmento à modalidade da carta, e em razão das leituras, obedeceremos as seguintes abordagens de Philippe Lejeune (2014) e Michel Foucault (2004), respectivamente.

"*A quem pertence uma carta?"* (2014), título da crônica de Philippe Lejeune, salienta questões éticas acerca da publicação e do pertencimento da correspondência. Para compreender esta problemática do pertencimento, transpomos seu pensamento:

> Insiro o envelope na abertura da caixa, ouço o seu ruído surdo caindo sobre as outras cartas. […] Subo de novo a rua para esperar a caminhonete amarela que virá coletar a correspondência. Vou rever a minha carta. Ela é minha, pois foi eu quem a postou, meu nome está até escrito atrás dela. Mas o carteiro se recusa a me devolver a carta. Ele tem razão, está aplicando o regulamento. Uma vez na caixa, a carta passa a pertencer ao destinatário. Uma vez postada, reavê-la significa roubar (LEJEUNE, 2014, p.291-292).

Lejeune define a carta sobre vários aspectos: carta/objeto, carta/ato, carta/texto. Em resumo, ele acrescenta: a carta, ao ser postada, pertence ao seu destinatário e aos seus herdeiros, porém ela (a carta) é "intelectual e moralmente, propriedade de seu autor" (LEJEUNE, 2014*,* p. 294) e dos seus herdeiros. Ou seja, para uma possível publicação é necessário o consentimento dos envolvidos, diretos e indiretos. Em "*A escrita de si*" (2004), Michel Foucault salienta que os textos, hupomnemata e correspondências, apresentam-se como exercício pessoal de quem escreve. Embora os textos epistolares sejam escritos para um destinatário, para o outro, eles também contribuem na formação de si, porque, "ao se escrever, se lê o que se escreve, do mesmo modo que, ao dizer alguma coisa, se ouve o que se diz" (FOUCAULT, 2004*,* p.153).

Para Foucault, desde a Antiguidade, as cartas correspondem aos propósitos intercomunicativos, "o traço de uma mão amiga, impresso sobre as páginas, assegura o que há de mais doce na presença: reencontrar" (FOUCAULT, 2004*,* p.156). O outro se presentifica através da carta por despertar a sensação de proximidade, "como uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo" (FOUCAULT, 2004*,* p.157). A carta

propicia o exercício de reflexão do remetente e do destinatário, podendo existir o silêncio ou a esperada resposta:

> A carta torna o escritor "presente" para aquele a quem ele a envia. E presente não simplesmente pelas informações que ele lhe dá sobre sua vida, suas atividades, seus sucessos e fracassos, suas venturas e desventuras; presente com uma espécie de presença imediata e quase física (FOUCAULT, 2004, p. 156).

Assim, a correspondência pressupõe um diálogo. Ao enviar para o destinatário, espera-se uma resposta para a continuidade, ou não, do processo comunicativo.

Partindo de um código milenar, ela possui sua própria estrutura, marcada pela clareza dos assuntos, brevidade da escrita e caráter comunicativo, perpassada pela saudação, desenvolvimento e despedida, agindo sobre o destinatário através da subjetividade de um “possível” discurso verdadeiro.

1.3.3 Diário

Em alguns momentos destruídos, em outros escondidos a sete chaves, o guarda-memórias possui uma escrita intrigante e sedutora. De início, o diário era visto como mecanismo de reflexão interior, sem destinatário, trazendo em sua essência a condição de sinceridade. Considerando a definição de Massaud Moisés, ocorre-nos a resposta para a seguinte pergunta: - O que é um diário?

> Designa o relato de acontecimentos ocorridos durante as vinte e quatro horas do dia. Obediente ao calendário, ao presente fugaz de cada dia, o diário pode ser de vários tipos, conforme a ênfase recaia nos acontecimentos ou nas reflexões que suscitam (MOISES, 2004, p. 121).

Esses escritos apresentam a demarcação de data, fragmentação de um “eu”, expressividade informal, sinceridade do emissor, itens aliados na caracterização dessa forma discursiva. De acordo com Phillipe Lejeune:

> A base do diário é a data. O primeiro gesto do diarista é anotá-la acima do que vai escrever. O diário é um vestígio: quase sempre uma escritura manuscrita, pela própria pessoa, com tudo o que a grafia tem de individualizante. [...] O diário é uma série de vestígios. Ele pressupõe a intenção de balizar o tempo através de uma sequência

> de referências. O vestígio único terá uma função diferente: não a de acompanhar o fluxo do tempo, mas de fixá-lo em um momento-origem (LEJEUNE, 2014, p. 300-301).

São esses relatos pessoais registrados nas folhas em branco que apresentam as profundas impressões e reflexões de um indivíduo. De fato, o caráter confidente de escrita torna-se sólido em meados do século XX, com a criação de espaços reservados, como assegura Gay (1999) em que a ideia de privacidade é uma conquista de liberdade para a vida interior:

> A privacidade proporcionava um apoio esplêndido para o desenvolvimento do “eu”. Uma vez conquistada, essa fortaleza garantia certa liberdade para a vida interior; na verdade, quanto menos vulnerável suas muralhas, maior essa liberdade (GAY, 1999, p. 191).

Algumas mudanças culturais e sociais transformaram esses relatos, que, antes destinados à invisibilidade, ganharam novas concepções ao abrangerem novas perspectivas.

A proliferação desses espaços íntimos incentivou cada vez mais o fortalecimento do “eu” e a ligação do homem à introspecção. O diário torna-se um objeto mercadológico de grande sucesso e interesse, passando da restrição de privacidade para um olhar público.

Mediante a transcrição de fatos e a ocorrência do que seria verídico, esse discurso desperta nos leitores uma identificação; assim, ao apoderar-se do gênero discursivo, um novo processo de subjetivação é pensado, logo, efetua-se a produção de um novo discurso. Lejeune (2014) argumenta que:

> O papel é um amigo. Tomando-o como confidente, livramo-nos de emoções sem constranger o outro. Decepções, raiva, melancolia, dúvidas, mas também esperanças e alegria: o papel permite expressá-las pela primeira vez, com toda a liberdade. O diário é um espaço onde o eu escapa momentaneamente à pressão social (LEJEUNE, 2014, p. 303).

E acrescenta:

> […] é um espelho. Uma vez projetados no papel, podemos nos olhar com distanciamento. E a imagem que fazemos de nós tem a vantagem de se desenvolver ao longo do tempo, repetindo-se ou transformando-se, fazendo surgir as contradições e os erros, todos os vieses que possam abalar nossas certezas (LEJEUNE, 2014, p.303-304).

Nesse espaço de escrita, podemos compreender o exercício de libertação e revelação como meio de refúgio, desabafo e amparo para um “eu”. Enquanto se processa a interpretação da intimidade, banaliza-se a prática da introspecção, assim a constituição de si acentua-se e difunde-se amplamente ao longo do século XX.

Os diários íntimos por definição seriam ocultados de qualquer olhar, permaneceriam auxiliadores da reflexão interior, guardando os fatos e os acontecimentos ocorridos no dia a dia. Porém, com os novos efeitos da contemporaneidade, esses discursos ganharam novas atribuições sociais, históricas e culturais.

1.3.4 Autobiografia

O que seria uma autobiografia? A primeira definição que nos ocorre seria a vida de um indivíduo contada por ele mesmo, o ato de se inscrever e de se narrar, pontuando a reconstituição de relatos possivelmente reais. Provindo da Inglaterra, em meados do século XVIII, é no século XIX, e mais precisamente na França, que a autobiografia adquire seu espaço. O grande interesse por essas narrativas introspectivas salienta quanto a preocupação das práticas que tratam do “eu” é recorrente e constante.

Ao pensarmos no gênero autobiográfico, somos levados a lembrar da figura de Phillipe Lejeune, teórico francês que dedicou grande parte de suas pesquisas e de sua existência ao que viria definir de “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2014, p. 16).

De imediato, essa definição traz à tona o diário, as memórias, os poemas autobiográficos e faz surgir um borbulhar de questionamentos sobre a identidade desse autor, o valor literário e a autenticidade do discurso. Pai do pacto autobiográfico, Lejeune (2014, p.15) põe como ponto inicial a “relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem, para tratar de narrativas eventualmente reais.

Em sua totalidade, observamos a recordação do passado no presente, a marcação da subjetividade através da escrita em primeira pessoa, a identificação una entre o narrador principal e o autor. Essas são as primeiras nuances presentes na qualificação do que se reconhece como uma autobiografia:

> Um autor não é uma pessoa. É uma pessoa que escreve e publica. Inscrito, a um só tempo, no texto e no extratexto, ele é a linha de contato entre eles. O autor se define como sendo simultaneamente uma pessoa real socialmente responsável e o produtor de um discurso. Para o leitor, que não conhece a pessoa real, embora creia em sua existência, o autor se define como a pessoa capaz de produzir aquele discurso e vai imaginá-lo, então, a partir do que ele produz (LEJEUNE, 2014, p.27).

Logo, a autobiografia mostra a hibridização do gênero, corrente no elo real e ficcional. Ao passar a limpo as memórias, elas resultam na recriação, ou seja, na ficcionalização. Esses escritos que constroem e reconstroem elementos seriam as lacunas deixadas pelas memórias sem que houvesse uma contradição com a verdade, haja vista que o interesse em reescrever o “eu” pode significar a tentativa de validar a vida através do ato da escrita.

Atentemos que é por meio das memórias selecionadas que, ao se exteriorizarem as particularidades, convém a (re)construção desse “eu”. O uso da memória proporciona um processo reflexivo e formador de lembranças que estarão à mercê do sujeito ao serem invocadas.

Ao inscrever-se, o sujeito passa por um processo metamórfico. Vejamos que as palavras se verbalizam no território do texto literário e até mesmo as coisas mais insignificantes aparecem como materialismo memorialístico. Segundo George Gusdorf (2012):

> As grandes autobiografias são aquelas que melhor expressam estes ritmos da vida, sincretismos e alternâncias, indicativos de uma unidade que se anuncia, se anuncia e se denuncia sem se deixar nunca diminuir às dimensões de um discurso escrito, por mais que seja genial, de acordo com a ordem de uma verdade massiva e monolítica (GUSDORF, 2012, p. 45, tradução nossa).[10]

Somos levados a pensar se a autenticidade seria a marca essencial do gênero ou se esses entrecruzamentos ocasionariam a divisão ou a multiplicidade, contudo compreendemos que há uma preocupação em legitimar esses discursos. Diante dessas colocações, podemos constatar que tal preocupação seria a marca essencial

[10] Las grandes autobiografías son aquellas que mejor expresan esos ritmos de la vida, sincretismos y alternancias, indicativos de una unidad que se anuncia, se anuncia y se denuncia sin dejarse nunca reducir a las dimensiones de un discurso escrito, por genial que sea, de acuerdo con el orden de una verdad masiva y monolítica

do gênero, pois esses entrecruzamentos o tornariam autênticos.

1.3.5 Autoficção

A autoficção é um neologismo criado pelo escritor francês e professor de literatura Serge Doubrovsky, em 1977, como resposta aos preceitos de Philippe Lejeune. Ele põe indagações sobre o pacto autobiográfico (1975), prontificando-se a escrever sobre essa “lacuna”, e qualifica seu próprio livro *Fils* como uma narrativa autoficcional:

> Autobiografia? Não, esse é um privilégio reservado aos importantes desse mundo, ao fim de suas vidas, e em belo estilo. Ficção, de acontecimentos e fatos estritamente reais; se se quiser, autoficção, por ter confiado a linguagem de uma aventura à aventura da linguagem, fora da sabedoria e fora da sintaxe do romance, tradicional ou novo. Encontro, fios de palavras, aliterações, assonâncias, dissonâncias, escrita de antes ou de depois da literatura, concreta, como se diz em música. Ou ainda: autoficção, pacientemente onanista, que espera agora compartilhar seu prazer (DOUBROVSKY, 1977, p. 10 *apud* FAEDRICH, 2014, p. 20).

Doubrovsky ressalta o privilégio das narrativas autobiográficas para os “prestigiados”. Nesse sentido, ao pensarmos na relevância da classificação de um conceito literário ao colocar a autoficção como um caminho ainda não estabelecido em comparação ao que chamamos de autobiográfico, precisamos apoiar o termo, não apenas na condição de mesclar a ficção e o real, mas de sintetizar a sua funcionalidade.

Diante das abordagens sobre esses espaços circunscritos, somos levados, uma vez mais, a pensar se a autoficção seria contrária à autobiografia. Temos em vista que a própria prática literária é uma reconstrução literária dos fragmentos memoriais, o que podemos colocar em evidência, não para construir uma sólida definição, mas para pensarmos na sensação de estarmos sobre um terreno movediço consubstanciado de contradições, coincidências e particularidades.

Não há fundamento para um relato retrospectivo, tampouco a autoficção se acorrenta a uma linha cronológica. Ela se forma através de uma escrita voltada para um tempo presente, o qual favorece a possibilidade de inserir, criar e recriar as escritas de fragmentos e experiências, ocasionando práticas distintas dentro do

campo da subjetividade.

Doubrovsky resume seu pensamento ao declarar enfaticamente a concepção de que a autoficção seria uma reinvenção/recriação de fatos, enquanto a autobiografia estaria arraigada à fidelidade dos procedimentos reais. Lembremos que, ao longo dos estudos literários, muitas discussões abordam essa impossibilidade de reescrever a pura verdade:

> A narração não é uma cópia, ela é recriação de uma existência através das palavras, reinvenção da linguagem pelo Eu do discurso e seus eus sucessivos. Por isso, é o modo ou modelo de narração que molda a "nossa" vida. (DOUBROVSKY, 2001, p. 22 *apud* FAEDRICH, 2014, p. 24).

Essa ânsia por uma conceituação clara contracena com a complexidade da autoficção. Observamos, no decorrer da leitura, a multiplicidade dessa literatura referencial (os mais variados "eus") e ficcionalizada, que impossibilita o aparato uno. No entanto, apesar de passadas as décadas, o termo perpassa contínuos contornos e sinuosas curvas, ao passo que muitos estudos literários discutem a problematização da demarcação e visam definir de forma precisa os espaços.

Luciana Hidalgo (2013) coloca o pensamento de Serge Doubrovsky a respeito da delimitação entre autoficção e autobiografia:

> Toda autobiografia é uma forma de autoficção e toda autoficção uma variante da autobiografia. Não há separação absoluta. A autoficção é a forma romanesca utilizada pelos escritores para se narrarem, desde meados do século XX até o início do século XXI. Isto mudará provavelmente um dia, mas a autoficção terá tido seu sucesso. Não creio que seja eterna (HIDALGO, 2013, p. 223).

Entre os segmentos, perpassa uma linha tênue que resulta numa sutil paralelização dos termos. Com a amplitude da discussão sobre as características preeminentes dos termos, na tentativa de processar a inscrição destes como um gênero, não deixaremos de lado, apesar de não haver uma análise profunda, a grande preocupação sobre a concepção do sujeito inserido nas narrativas.

Em decorrência das inevitáveis mudanças, é necessário que consideremos a imposição de alguns limites, como o excesso de referencialidade, a hibridização entre o real e a ficção, colocando-nos diante dos questionamentos sobre o que se tenciona representar.

1.3.6 Memórias

Um cheiro, uma palavra, uma imagem; qualquer ato que possua significância desperta nossa memória, permitindo-nos o vislumbre e as emoções que foram marcadas. Quantas vezes conseguimos fazer presente os ausentes pela simples lembrança? E quantas, tantas, outras vezes nos acomete o esquecimento? Alguns fatos, por mais que tenhamos a necessidade ou a vontade de lembrar, não surgem.

A memória, cada vez mais, vem ocupando um grande espaço nas reflexões teóricas. Mais do que sua duração, as ciências começam a olhá-la em decorrência de sua importância na vida social e na construção da historicidade desses sujeitos.

Lembranças, recordações e memórias são de fato marcadas pelas pluralidades. Somos capazes de recriar acontecimentos, reviver ações e, principalmente, de ressignificar qualquer ato. As memórias possibilitam novas leituras diante de antigas situações. Ou seja, o sujeito é marcado pelo tempo, que é associado ao passado, o que, por consequência, demarca a memória.

Em decorrência da sua extrema importância, as memórias são os alicerces dos gêneros aqui estudados. Todos os homens possuem memórias e recriam o seu universo interior, logo, pela sua possibilidade de recriar acontecimentos, suscetíveis a falhas, ela se torna um aspecto literário.

A sensação de estar em um labirinto leva-nos a recorrer a um fio para que não nos percamos, assim, diante dessas sinuosas paralelas, e a fim de chegar ao outro lado, recorremos às contribuições de Sheila Maciel, Beatriz Sarlo e Santo Agostinho, para enveredarmos pelas artimanhas da memória.

Há um farto teor mitológico acerca da memória, no entanto partiremos de outros mecanismos. Uma das primeiras teorias sobre a memória remete-nos a Santo Agostinho (Livro X), filósofo que consolida e amplia o conceito sobre a memória na era cristã, ressaltando a vastidão do espaço memorialístico:

> Chego aos campos e vastos palácios da memória onde estão tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie. Aí está também escondido tudo o que pensamos, quer aumentando quer diminuindo ou até variando de qualquer modo os objetos que os sentidos atingiram. Enfim, jaz aí tudo o que se lhes entregou e depôs, se é que o esquecimento ainda o não absorveu e sepultou (AGOSTINHO, 2011, p. 222).

Somos construídos por meio das experiências, e essas se transformam em sinais que ficam guardados nas memórias. Ao processarmos as memórias, damos determinadas acentuações às imagens; umas adquirem maior relevância que outras, pois passam pelo nosso filtro pessoal.

Os pensamentos são voluntários e involuntários, partindo dos lugares mais íntimos, eles são evocados e podem vir à superfície, ou se dão na extensão do esquecimento. Decerto, a memória é refém da dicotomia lembrança/esquecimento, pois somos levados a pensar que "quando a própria memória perde qualquer lembrança, como sucede quando nos esquecemos e procuramos lembrar-nos, onde é que, afinal, a procuramos, senão na própria memória?"(AGOSTINHO, 2011, p. 233). A própria memória é o ponto de intersecção.

Dessa maneira, compreendemos a memória como uma extensão: ela (a memória) é possuidora de uma reconfiguração das imagens do passado, em que um "eu" (sujeito no presente) fala de um outro "eu" (sujeito do passado). Sendo assim, esse “eu” do presente transforma o “eu” do passado em um objeto, limitando-o pela temporalidade.

Segundo Beatriz Sarlo (2007), o passado se faz presente e é conflituoso. Colocando a memória como receptáculo do passado e as lembranças na temporalidade do presente, as visões sobre o passado reconstituem-se:

> A narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no comum (SARLO, 2007, p. 24-25).

Assim, para Sarlo, a guinada dos modos de subjetivação do narrado é intencionada na conservação das lembranças:

> Tomando-se em conjunto essas inovações, a atual tendência acadêmica e do mercado de bens simbólicos que se propõe a reconstituir a textura da vida e a verdade abrigadas na rememoração da experiência, a revalorização da primeira pessoa como ponto de vista, a reivindicação de uma dimensão subjetiva, que hoje se expande sobre os estudos do passado e os estudos culturais do presente, não são surpreendentes (SARLO, 2007, p. 18).

As nossas recordações são baseadas no jogo da alteridade, sempre contracenando e integrado a esse outro. As impressões deixadas pelo passado são conservadas com prioridade, numa hipervalorização da memória.

Todas as formas confessionais são marcadas por esses nuances da memória, e estamos involuntariamente criando e recriando novos significados. Essas memórias, no seu aspecto literário, integram-se aos gêneros ditos confessionais. Vejamos o que diz Sheila Maciel (2005) a respeito:

> O conceito de memórias como construção literária remete à volta do eu ao passado para construir o presente. Esse presente que se constrói e que, logo depois de configurado como passado, desfigura as concepções do passado que certamente será alterado com as vivências desse presente. A cada momento que o passado for contemplado, analisado a partir das memórias, novos significados serão atribuídos a ele. As memórias, que são formadas a partir de fatos esquecidos, portanto, só se configuram como tal porque se conformaram como esquecidas em determinado momento (MACIEL, 2005, p. 26).

Marcada pelo passado, a narrativa verbaliza acontecimentos, porém, em decorrência de possíveis falhas memoriais, há um atento olhar para as suas recriações, pois os registros dos fatos incidem em falhas. No entanto, ao abordamos essas maneiras de ressignificações, verificamos que sua ligação está mais vinculada a um fazer literário do que a um aspecto verídico.

A memória e o tempo são pontos convergentes, "o tempo próprio da lembrança é o presente: isto é, o único tempo apropriado para lembrar e, também, o tempo do qual a lembrança se apodera, tornando-o próprio" (SARLO, 2007, p. 10). As lembranças são selecionadas e filtradas, adquirindo novo significado e interpretação. Por via do conjunto de experiências e da funcionalidade do tempo, são formadoras para a construção desses elementos peculiares que tratam de uma suspensão da temporalidade[11].

Dessa maneira, percebemos que o contar dos fatos passados é compreendido como modo de recuperar a essência da vida, reconstruindo e funcionando como forma de compreender o próprio presente. Esses fragmentos esparsos da memória são compostos pela subjetivação e se circunscrevem nessas esferas sob o tempo.

Compreendemos, neste primeiro capítulo, que os registros de diferentes

[11] Termo utilizado por Márcio Selligman Silva

modalidades contribuem para ampliar a reflexão acerca do ato de escrever sobre si, logo o exercício de escrita obtém uma libertação para esse “eu” determinante. Verificamos que o cruzamento dessas fronteiras, ou melhor, a ação comunicativa entre os gêneros confessionais e o discurso literário difunde um sólido e extenso resgate de aspectos e traços para os povos afrodescendentes.

II - VOZES TRANSGRESSORAS

> Fomos educadas para respeitar mais ao medo do que a nossa necessidade de linguagem e definição, mas se esperamos em silêncio que chegue a coragem, o peso do silêncio vai nos afogar.
>
> Audre Lorde

Após as colocações do primeiro capítulo sobre os aspectos das escritas do "eu", da abordagem em torno das questões confessionais e da possibilidade de espaços de autorrepresentação, pretendemos salientar alguns pontos acerca da importância da escrita do "eu" que, juntamente com essas vozes transgressoras, influenciaram e influenciam o feminismo negro nos Estados Unidos e no Brasil. De forma especial, selecionamos as obras de Alice Walker e Carolina Maria de Jesus, levando em consideração os seus respectivos contextos.

Ao pensarmos nessas escritoras e nas convicções presentes em suas obras, percebemos que elas correlacionam a escrita e a vivência através de suas protagonistas negras, cujas subjetividades se conjeturam com base em suas identidades. Constatando essa proximidade, podemos pressupor que o espaço literário é um campo reflexivo onde se constrói, diante das experiências literárias, o processo de alteridade, que se funde nessas escritas. Carolina Maria de Jesus e Alice Walker colocam sobre si referências que produzem sentidos, ou seja, há uma relação de funcionalidade desse "eu" que se dispõe ao "outro".

De fato, essa evocação de experiências versa-se por uma dinâmica presente nas escritas dessas autoras, pois se busca dar visibilidade à projeção do "eu" e do "outro", que coabitam entre si em uma relação de troca e contribuem para uma discussão sobre os sujeitos enunciadores que constroem discursos e representações.

A importância da demarcação desse "eu" para a literatura de autoria afro-feminina dá-se pela urgência de (res)significar a sua presença, que foi, por um longo tempo, fixada ao processo hegemônico, no qual se põe um olhar de exclusão e inferioridade sobre os elementos relacionados à alteridade afrodescendente.

Consideramos uma válida atenção sobre essas escritas, pois se remete sobre elas uma proposta ideológica. Nesse sentido, faz-se necessária a realização de uma interpretação ao lado dos valores simbólicos, estéticos e ideológicos que constituem a autoria afro-feminina. Esses valores, estruturados nas escritas, dão corpo ao processo de historicidade e revelam particularidades que proporcionam uma

identificação, ocasionando o surgimento de um campo profícuo de discursos críticos coabitados na existência de uma construção promovida pelo tecido textual da literatura negra.

Observamos que a produção dessa literatura busca reconstituir imagens e traços para poder compreender o espaço e o tempo referenciais ao sujeito. Uma importante questão desenvolvida por Gayatri C. Spivak (2010) refere-se à possibilidade de um lugar de fala para os subalternos, como as obras em análise. É importante perceber a ênfase sobre essa escrita como uma ação política de resistência. Quando se trata das questões de ser pobre, negra e mulher "em um campo tão carregado, não é fácil fazer a pergunta sobre a consciência da mulher subalterna" (SPIVAK, 2010, p. 87), e isso nos leva a um posicionamento paralelo ao de Ana da Silva que, em seu artigo *Literatura de autoria feminina negra*, compreende esta literatura como:

> Uma produção de autoria de mulheres negras que se constitui de temas femininos/feministas negros comprometidos com estratégias políticas emancipatórias e de alteridades, circunscrevendo narrações de negritudes femininas/feministas por elementos e segmentos de memórias ancestrais, de tradições (SILVA, 2010, p. 24).

Assim, institui-se sobre essas escritas um discurso interditado por outras vozes, que permite uma cadeia de significações, representações e identificações, sugerindo, através da textualidade, certa credibilidade, fortalecimento e formação da identidade.

Percebemos um silêncio sobre a sua figura e, consequentemente, surgem questionamentos. Como resultado, enveredamos o nosso interesse pela presença dessas mulheres que passaram a comprometer suas escritas através de um posicionamento político.

Levando em consideração a não representatividade, as mulheres negras sofreram uma das piores marginalizações - a indiferença. Observamos essa indiferença sobre seu corpo, seu sentimento, sua vida e a sua voz.

Podemos citar como principal modo a ideia animalesca sobre a figura feminina negra, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, países que escravizaram os africanos ocasionando as mais terríveis e cruéis punições, para que eles correspondessem às excessivas explorações. Uma parcela significativa de mulheres foi submissa a abusos físicos, sexuais e psicológicos. A mulher negra, como mãe, reverberava a dor de ter seus filhos arrancados de seus braços, muitas vezes, para

destinar seu leite materno à criança branca, enquanto seus filhos definhavam nas cabanas ou senzalas, ou eram vendidos. As mulheres negras serviam de objeto sexual para os homens, brancos e negros, porque eles as viam como máquinas de reprodução para o enriquecimento do seu “senhor”, enquanto o estupro era a marca da completa inferiorização.

Diante do processo da escravidão, tornou-se difícil o reconhecimento da figura da mulher negra como indivíduo apto para agir sobre sua vida e fazer suas escolhas. Em contrapartida, observamos que algumas dessas mulheres se condicionaram à resistência, sendo um dos grandes exemplos disto as ações abortivas. Salientamos que a presença feminina não se deu através de um processo de passividade, mas encaminhou-se na construção de meios e formas possíveis de resistir ao sistema.

A luta das mulheres por direitos e igualdade em ambientes políticos, educacionais, sociais e econômicos carece de constantes reafirmações e vigilâncias, pois essas mulheres, por uma questão de gênero, estão sempre na mira do patriarcalismo e das noções de submissão da figura feminina diante do homem. Essa submissão vai muito mais além quando se trata de uma mulher negra, pois acrescenta-se aí a questão racial.

Partindo, então, do século XIX, com o discurso de Sojourner Truth[12], evidenciamos que o poder de sua oratória configura-se como âncora para o feminismo negro. Mesmo sem o domínio da escrita e da leitura, a vivência foi a grande norteadora para solidificar seu posicionamento em decorrência das necessidades das mulheres negras.

Esse famoso discurso expõe o distanciamento entre ser mulher branca e ser mulher negra. Assim, é necessário apresentar as peculiaridades do que é ser mulher negra diante do Movimento Negro e do Movimento Feminista. Em razão da inferioridade imposta pela questão de gênero e da raça, põe-se em xeque a hegemonia dos movimentos que refletem a opressão, a marginalização e a subordinação para com as mulheres negras.

Ressalvamos que a constituição do feminismo negro aborda as próprias ações e situações, ou seja, os discursos pilares do segmento são perpassados por um autêntico mecanismo que proporciona o enraizamento de concepções vindouras de marcas que transitam nessas relações. Essas marcas sendo associadas a questões

[12] O discurso encontra-se transcrito na página 28.

de gênero, raça e classe.

Ao tratarmos destes movimentos a favor das mulheres negras, estamos falando de uma minoria dentro da própria minoria, vejamos que as necessidades dessas mulheres são muito distintas diante das proliferações de direitos dos homens negros e das reinvindicações das mulheres brancas.

A demanda do Movimento Negro e do Movimento Feminista incumbe-se de uma funcionalidade repressora em face das razões que trazem um recorte sexista e racista, não havendo uma igualdade perante os homens negros e nem uma representação junto às mulheres brancas.

A importância de uma nova vertente nos movimentos sociais, onde haja um protagonismo das mulheres negras, traz visibilidade as suas próprias esferas. Essas reflexões sobre a escrita afro-feminina vêm contribuir para a construção do empoderamento do discurso como forma de resistência.

Ao engendramento dessas discussões em torno das representações, vislumbramos que a marcação desse “eu” no discurso propõe evidenciar as pluralidades das mulheres negras e, ao mesmo tempo, particularizar a presença dessas mulheres, que desbravaram caminhos para atender às urgências de legitimar seus discursos.

Muitas outras figuras femininas ergueram-se durante a escravidão como símbolos de resistência e luta. Dois nomes, Harriet Tubman[13] e Luiza Mahim, respectivamente no Estados Unidos e no Brasil, validaram a presença feminina em ações políticas e administrativas. Além da importante participação nas organizações, elas foram essenciais e tiveram ações fundamentais na consolidação de movimentos em prol do direito de liberdade.

Compreendemos que, por mais que a abordagem oficial acometa o corpo da mulher negra apenas no que diz respeito à invisibilidade, podemos perceber que elas mantinham as convictas noções da necessidade de uma luta que abrangesse a coletividade. Vejamos que todo o percurso feminino se volta para a abrangência coletiva através dos seus contextos. São mulheres que se personificam como resistência durante a escravidão, na luta durante a abolição, valendo-se e (res)significando a sua presença em fortes enunciados na contemporaneidade. Podemos dizer que esses discursos comportam uma dimensão voltada para valores,

[13] Ambas figuraram-se em estratégias administrativas e de luta.

identidades e memórias coletivas.

A palavra de ordem que se revigora em seus movimentos é a (re)estruturação. Essa palavra deve ser compreendida como fio condutor, pois toda revelação só acontece posteriormente à construção. No mais, compreendemos que a revelação desse “eu” solidifica-se após a construção de um processo de empoderamento.

A iniciação da escrita de Alice Walker e de Carolina Maria de Jesus é ação política de resistir e marcar a sua presença como mulheres negras e a presença de tantas outras mulheres, inclusive a de suas ancestrais. Pensando em todas essas vozes transgressoras e meditando sobre os acontecimentos, somos arremessados à sensibilidade das palavras. Portanto, essas escritas incorporam as transposições vividas, difundindo-se na solidez da escrita e, logo, tornando possível eternizar as memórias.

Essa tonalidade acerca da representação da figura da mulher negra põe-nos diante de uma complexa e extensa problematização na construção de conceitos que abordem a contextualização sociocultural. Em virtude da politização e institucionalização, houve uma crescente publicação de escritoras negras, e elas são comprometidas em aprofundar e fortalecer a análise de estudos que compreendem as tensões existentes dentro e fora dos movimentos sociais.

Por meio dessas expressividades, constatamos que tanto a escrita quanto a presença de uma mulher negra podem ser consideradas ações políticas. Esse posicionamento político, coabitado em vários âmbitos, é importante na projeção dessas vozes e de suas experiências.

Por bem, antes de adentrarmos no universo de suas respectivas escritas, observamos a necessidade de reservar breves apontamentos sobre as autoras do *corpus* a serem analisados a fim de melhor compreendermos esses espaços como meios enunciadores.

2.1 Alice Walker

Autora de romances, contos, poemas, ensaios (alguns dos temas abordados são o feminismo, racismo, meio ambiente, política, sexualidade) e livros infantis, as suas obras já foram traduzidas em mais de vinte línguas. Internacionalmente conhecida e reconhecida por sua participação em movimentos que elevam a bandeira

dos oprimidos, seu nome apresenta a marca da luta pelos direitos das mulheres negras e os direitos civis.

Transpondo-se além do seu espaço, ela se destaca na luta contra o *apartheid*, contra a mutilação genital feminina em países africanos e é a favor do fim do bloqueio econômico a Cuba. O sangue ativista percorre suas veias, a sua luta incessante pelos direitos das minorias a faz percorrer o mundo em ações comunitárias. Diante da sua atuação política e social, criou uma editora militante, a *Wild Trees Press*, para proporcionar acesso aos que buscavam afirmar-se no mercado literário.

A incansável Alice Malsenior Walker é a caçula dos oito filhos de Willie Lee Walker e Minnie Lou Tallulah Grant, nasceu na Geórgia (sul dos Estados Unidos) em 09 de fevereiro de 1944. Aos oito anos de idade, ficou cega de um olho em decorrência de um acidente e se pôs isolada e reservada. Desse acontecimento que lhe restringiu a autoestima, Walker recorreu às letras para amenizar o impacto da cicatriz. Aos 14 anos, passou pelo processo cirúrgico que lhe restaurou a face, e logo a sua infância solitária contrapôs-se com uma juventude participativa.

Alice se casou em 1967 com o advogado ativista judeu, Melvyn Rosenman Leventhal e, desse relacionamento, teve uma filha, Rebecca Grant. Ela se divorciou em 1976 e, após o fim do casamento, mudou-se para o norte da Califórnia.

Teve um esplendoroso desenvolvimento acadêmico e, graças às bolsas de estudos, concluiu sua formação universitária no Sarah Lawrence College, em Nova York. Entrou no cenário literário a partir do volume de poesias *Once*, mas a grande obra que lhe deu reconhecimento foi *The color purple* (A cor púrpura).

Este romance epistolar transpôs as fronteiras e ganhou inúmeras edições, a partir da adaptação para o cinema em 1985. A obra, que se tornou um *best-seller*, foi adaptada para o cinema por Steven Spielberg. O filme contou com a participação de Danny Glover, Whoopi Goldberg, Margaret Avery, Oprah Winfrey, Willard E. Pugh, Akosua Busia, Dana Ivey, Leonard Jackson, entre outros.

Walker tornou-se professora na Wellesley College, onde criou o curso *Gender Studies*, pioneiro em seu país. Ganhadora de muitos prêmios, entre eles, o *American Book Award, Pulitzer* e o *Rosenthal Award of the National Institute of Arts and Letters.* Além de uma extensa criação de grandes obras, como *The third life of George Copeland* (1970), *Meridian* (1976), *In Search of Our Mothers' Gardens: womanist prose* (1983), *Possessing the Secret of Joy* (1992), etc.

Observamos que as suas narrativas apresentam, como pano de fundo, narradores e personagens afro-americanos integrantes da consciência histórica. A sua escrita reflete suas ideologias, o compromisso com seu grupo social. De forma peculiar, os discursos inseridos em suas obras versam pelo protesto, pelos problemas sociais, pela condição da mulher negra que perpassa as fronteiras dos países.

O forte engajamento em suas convicções a fez cunhar o termo “womanist” (algo como “mulherismo”), perceptivelmente porque o feminismo não abrangia as perspectivas das mulheres negras.

2.2 Carolina Maria de Jesus

O nome Carolina Maria de Jesus, imediatamente, remete à obra *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. O grande impacto dessa obra se deu em agosto do ano de 1960, na capital Paulista, onde os intelectuais e a mídia recepcionaram a Cinderela Negra[14]. Permeada de particularidades, essa voz “marginal” transpõe o espaço do “quarto de despejo” para a sala de visitas, onde olhares são voltados para a margem do rio Tietê e vozes são ouvidas.

Decerto, Carolina sempre ansiou ser escritora, mantendo o hábito de leitura e escrita, por compreender que esses meios são a chaves de ingresso para a outra margem. Diários, canções, poemas e outros gêneros são estruturas utilizadas para relatar seus pensamentos.

Se abordarmos Carolina Maria de Jesus como uma escritora plural, somos convidados a mergulhar nesse mundo profundo de Bitita, como era carinhosamente chamada em família. Nascida na cidade de Sacramento, interior de Minas Gerias, no ano de 1914, passa a infância sob os cuidados da mãe e do avô; desde a tenra idade, começa a auxiliar a mãe nos trabalhos domésticos nas casas de família. Devido à grande dificuldade de se manter na escola, cursa apenas dois anos escolares por intermédio da patroa de sua mãe, que a matricula na escola Allan Kardec.

---

[14] Termo utilizado por José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine para denominar a escritora, mulher negra e pobre, habitante da favela que após o estrondoso sucesso do seu primeiro livro transforma-se numa celebridade conhecida internacionalmente, tal qual a personagem Cinderela do famoso conto infantil.

Mãe de três filhos, mulher, negra, semianalfabeta, catadora de lixo, residente na rua *A da favela do Canindé*: “Deixa estar que eu vou botar vocês no meu livro!” (1960, prefácio). Essa frase ecoou aos ouvidos de Audálio Dantas, que, no momento, cobria uma reportagem na favela, despertando, de imediato, a curiosidade por aquela mulher. Que livro seria aquele? Convidado por Carolina para ir ao seu barraco, ali, ele encontra 35 cadernos de anotações sobre a realidade do mundo marginalizado da “selva de pedras”.

A sua escrita finalmente encontra a âncora. O Jornal da Noite e a Revista O Cruzeiro são as primeiras ferramentas a dar a voz para aquela mulher que escreve as agruras da vida e a sua busca por sobreviver. A favelada que ansiava ter seus escritos lidos, então, passa a ganhar notoriedade.

Do interior de Minas Gerais para o mundo. Carolina em seu dia de estreia precisou trabalhar todo o dia na coleta de lixo, mas abrilhantou a Literatura Brasileira. Essa pérola negra foi traduzida em 13 línguas, exportada para 43 países, e vendeu cerca de 10.000 volumes nos 3 primeiros dias de lançamento.

Carolina sabia utilizar os gêneros literários. Além dos diários, ela escreveu quatro romances, uma peça de teatro e um livro de poemas. Esses números contabilizam a grande expressividade de sua escrita para a sociedade. Suas principais obras são: *Quarto de despejo*: *diário de uma favelada* (1960); *Casa de Alvenaria* (1962); *Diário de Bitita* (1983); *Meu estranho diário* (1996).

Parte da favela do Canindé para a tão sonhada casa de alvenaria em Santana, mas, depois do alvoroço, cerca de três anos, Carolina se vê obrigada a vender a casa. Não podendo arcar com as despesas e sendo esquecida pelo público, as editoras se negam a dar continuidade à reprodução de seus escritos, assim também, Audálio Dantas a abandona.

Em 1969, comprou um sítio em Paralheiros/SP, onde viveu até o ano de 1977, faleceu a caminho do hospital, aos 63 anos. Esquecida, recolhida, pensativa, mas acreditando na força de suas palavras, continuou a escrever, deixando um belo legado, representando a força da mulher negra em uma sociedade que oprime, e a sua voz ecoa nos quatro cantos do mundo.

2.3 Flores e Aços: A insurgência das escritas e seus elementos memoriais

A participação das mulheres nos espaços literários foi conduzida por um longo período de ausência, porém, em meados do século XVIII e XIX, algumas escritoras utilizaram pseudônimos masculinos para adquirirem abertura e publicação de seus escritos. O espaço, primordialmente masculinizado, passa a apresentar rasuras realizadas por figuras femininas, e a opressão sexista sofre o processo de diluição, pausadamente, no decorrer do tempo.

Se pensarmos nas barreiras impostas pela questão de gênero, cerra-se também sobre a questão racial uma forte e pesada inquietação acerca da autoria afro-feminina. A presença das mulheres nesses espaços leva à marginalização e à subjugação do contexto canônico. Em decorrência das constantes mudanças e valendo-se dos estudos culturais, um amplo olhar é incumbido de contestar essa esfera literária. Por meio de processos significativos, a escrita afro-feminina foi surgindo e ramificando-se. Quando se institucionalizou, foi-se formando uma discussão em torno do feminismo negro.

Partindo da interligação das três palavras empregadas nas obras em análise - experiências, discursos e perspectivas - validamos essas experiências, por estarmos, necessariamente, colocando-nos à disposição de um discurso ativo que propõe atender às perspectivas vinculadas à significação das memórias, especialmente, para as mulheres negras. Podemos constatar, diante dessas colocações, que os sistemas de representação constroem lugares nos quais essas vozes passam a ter oportunidade.

Essas experiências são associadas às próprias vivências, como também, aos ensinamentos passados de uma para outra na forma de oralidade, principalmente, pelas guardiãs[15]. Logo, atribui-se a essas figuras a personificação da dignidade, plenitude e sabedoria.

Então, coube aos discursos favorecer formas de concretização para que se pudesse produzir esses enunciados, tendo-se em vista que, inicialmente, o aspecto abordava a oralidade e, posteriormente, com a aquisição de um meio consistente, vêm à tona os registros pelas escritas.

Assim, as perspectivas em volta dessas representações são justamente para observar os resultados da validação de espaços que registrem a historicidade dessas

[15] Termo utilizado no sentido de pessoa idosa. A cultura africana valoriza os anciãos por acreditarem que a somatória dos anos favorecem um conhecimento de vida e que passam a ter extrema importância nos ensinamentos sobre a vida, como também, alegam a conservação da memória coletiva.

mulheres negras e atribuam elementos que favoreçam a construção da identidade e de pertencimento.

A existência dessas memórias coletivas e individuais reflete-se na insurgência da produção literária, em especial, construída por uma autoria afro-feminina. Essas escritas (re)configuram a esfera e pressupõem, ao mesmo tempo, reestruturar/resgatar essas histórias silenciadas, ou seja, seriam essas “memórias perdidas” que passariam pelas tentativas de uni-las em resposta a fragmentação e a invisibilidade provocada pelo legado da escravidão.

Por bem, devemos compreender que há um aparato crítico do presente sobre o passado na tentativa de oportunizar um futuro de reconhecimento e revitalização, incumbindo às escritas o trabalho de legitimar a presença dos negros, sob a ênfase do olhar das mulheres negras, pois há um intuito de marcar a sua presença por meio de quem vivenciou os fatos e acontecimentos.

Essas produções literárias apresentam um caráter temático que, juntamente com os aspectos memoriais, tecem uma rede de sustentabilidade para a literatura de autoria afro-feminina. É importante destacar que as discussões adotadas nesses discursos se constroem, de forma engajada, em um projeto político que manifesta as desiguais representações do ser mulher negra.

Ana Rita Santiago (2012), em *Vozes literárias de escritoras negras*, sinaliza que:

> Por meio dessa literatura, na qual se compreendem identidades e culturas negras (...) acredita-se que se constroem oportunidades de expressão de si, da negritude, de referências de africanidades, de vivências, bem como de concepções de mundo (SANTIAGO, 2012, p. 133).

Segundo o autor, essa textualidade é pautada pelas vivências levando-nos a problematizar indicadores de alteridade, de afirmações e de construção de identidades. Assim, há na escrita um teor de compartilhamento que propõe reelaborar espaços de representatividade.

Ao contextualizar o mecanismo escriturário, especialmente, a formação e o fortalecimento de identidades negras, através de um discurso literário vigente, propõe-se uma análise da produção escrita pela mulher negra e, assim, presenciamos uma preocupação com a experiência do indivíduo e a representação desta experiência enquanto expressão literária.

Ao versarmos sobre a comunhão entre os caracteres, as memórias (individual e coletiva) e a construção da identidade, somos acometidos pela funcionalidade de uma escrita. Além de apresentar o outro lado da historicidade, há uma ideia de compromisso incorporativo e resistente contra o ranço[16] presente nas entrelinhas.

Levando em consideração a valorização da cultura, história e memória, consequentemente, a concepção de pertencimento, nesses espaços, se produz a partir de uma visão precisa desse "eu" que passa a ser construído pelo olhar de si e do outro. Teremos as propostas com base nos aspectos positivos que apontam para uma possibilidade de identificação e autoafirmação. Logo, ressaltamos que a construção dessa identidade é uma proposta interligada tanto pelo caráter da escrita como pelo modo político.

Os pilares dessas escritas são compromissados com o rompimento de estereótipos que propagam uma imagem inferiorizada e também apresentam um senso crítico que aborda a esfera dos afrodescendentes. Existe um caráter político no discurso literário afro-feminino que promove (re)definições raciais e de gênero, assim, essas escritas permeiam uma forma de (re)existência desses sujeitos através de um aparato subjetivo. Esse "eu" negro, exposto ao reconhecimento do outro, produz sobre quem lê sensações de pertencimento e/ou de proximidade.

Essa escritura literária promove novas considerações sobre uma "subjetividade construída, experimentada, vivenciada" (EVARISTO, 2009, p. 17). A relação do sistema significativo articula e transforma esse ser objeto em ser sujeito social e histórico que passa a produzir sua própria enunciação. Assim, essa constituição se faz perpassada por atitudes compromissadas que carregam em si fatores políticos, ideológicos e sociais.

Dessa maneira, a identidade do sujeito está em movimento e "é definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que são unificadas ao redor de um "eu" coerente" (HALL, 2011, p. 12). A constituição dessa identidade negra é plural e reflexiva, ao se apropriarem das memórias coletivas, passam a vivenciar, através da literatura, uma "identidade intrínseca".

A constituição da identidade vem adquirindo âncora por via literária, assim a sua funcionalidade apresenta-se como elemento que preenche as lacunas da

[16] Associamos a palavra ranço aos meios de hierarquização opressivas sobre a presença da mulher negra.

memória coletiva. Para Conceição Evaristo (2005), essas escritas apresentam textos reflexivos que ao:

> Exorcizar o passado, arrumar o presente e predizer a imagem de um futuro que queremos. Nossas vozes-mulheres negras ecoam desde o canto da cozinha à tribuna. Dos becos das favelas aos assentos das conferências mundiais. Dos mercados, das feiras onde apregoamos os preços de nossas vidas aos bancos e às cátedras universitárias [...] Quem aprendeu a sorrir e a cantar na dor, sabe cozinhar as palavras, pacientemente na boca e soltá-las como lâminas de fogo, na direção e no momento exato (EVARISTO, 2005, p. 203).

De acordo com os apontamentos de Evaristo (2005), vislumbramos uma sólida e extensa difusão sobre o resgate de aspectos essencialmente memorialísticos como responsáveis pela definição de um aporte cultural na (res)significação de si e do outro. São essas vozes que ressalvam, junto com as narrativas afro-femininas, uma instituição de procedimentos, trazendo à tona a subjetividade e estabelecendo relações entre a memória e a identidade.

Construindo um paralelo com as obras, percebemos que as escritoras, Alice Walker e Carolina Maria de Jesus, trazem um apanhado memorial e argumentativo que resulta de uma construção individual e social. Nesse caso, a memória e a identidade passam a ser elementos constituintes que possibilitam a continuidade e a coerência na reconstrução dos aspectos individuais e coletivo. Partindo dessa reconstrução, entendemos que se pressupõe sobre o presente a apropriação de um passado.

As autoras tratam das referências e da importância desses grupos na construção do sujeito – Celie e Bitita –, pois atentam-se para a formação a partir dessas imagens escritas que transformam os seus respectivos contextos em aspectos vivos. A utilização dessas práticas discursivas dinamizadas, através da carta e do diário, possibilita uma identificação afetiva ao dar a ideia de compartilhamento. Por meio da reconstrução das lembranças, através de um “eu” que se faz coletivo, há uma reflexão em suas escritas, consoando o interesse no resgate que é permeado pelo espaço, pelo tempo e pelas relações sociais.

Remetendo ao percentual dessas interfaces, salientamos a memória como elemento essencial das identidades, sejam elas individuais ou coletivas, pois a relação vigente é composta por uma intervenção transgressora, a exemplo de uma proliferação de discursos híbridos que tendem a apresentar relevância nas narrativas.

O universo literário sustenta, por via da expressão textual, recordações configuradas em (re)leituras críticas sobre o passado histórico, propondo uma discussão sobre a hibridização e tensão entre os *corpus* de representatividade memorial.

Em *A cor púrpura* (1986), a escritora afro-americana evidencia a condição da mulher negra por intermédio das memórias escritas nas cartas. A utilização desse aparato expõe a intenção de recontar de forma fragmentada a construção de identidade da personagem Celie.

Do mesmo modo, n'*O Diário de Bitita*, a escritora afro-brasileira apresenta o processo de construção de identificação da personagem Bitita sob o aspecto memorialístico e fragmentado, auxiliando na construção de um sujeito enunciativo através da memória. Ambas as obras articulam-se sobre um "eu" inserido em gêneros confessionais que são existenciais por via das memórias.

O estabelecimento dessas relações entre memória e a construção da identidade nos leva a dois nomes significativos que abordam os aspectos e a funcionalidade das memórias. Primeiramente, abordamos os pensamentos de Michael Pollack em *Memória e identidade social*, que apontam a memória como um processo construído por acontecimentos, personagens e lugares. Segundo Pollack (1992):

> Podemos portando dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLACK, 1992, p. 204).

Consoante aos pensamentos de Pollack, acreditamos que há uma estreita ligação entre memória e identidade, pois, por mais que não se tenha uma efetiva participação nos acontecimentos, a ideia de pertencimento a um determinado grupo faz o sujeito se sentir parte integrante dessas memórias que soam coletivamente.

Vejamos que, de forma consciente ou inconsciente, a ideia de pertencimento marca "tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação" (POLLACK, 1992, p. 201). Assim, obtemos esses reflexos nas escritas dessas autoras afro-femininas que consubstanciam em suas obras o processo memorialístico e de identidade. Em suma, perpassados pelas próprias vivências e pela coletividade à qual se sente pertencer.

Pollack acrescenta que a “construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros (POLLACK, 1992, p. 204). Seriam esses outros os discursos que influenciam na construção das personagens.

Podemos compreender que a presença de outros enunciados reflete nos elementos constituintes e argumenta que existe uma constituição individual e coletiva. A reconstrução desse passado, permeado por tantos outros elementos, possibilita a reconstrução de si, das imagens e das esferas, auxiliando na possibilidade de constituir uma referência tanto aos outros como para si próprio.

Os textos de Alice e Carolina são carregados de memórias, relacionando as identidades individual e social. Logo, a memória possibilita:

> Ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwacbs, nos anos 20 - 30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (POLLACK, 1992, p. 201).

As lembranças são procedimentos que resultam da reconstrução do passado, o vivido adquire no presente uma manifestação referencial do sujeito. E assim, indo ao encontro dos apontamentos de Pollack, afirmamos que a concepção de memória de Maurice Halbwacbs é voltada para um aspecto dinâmico ao qual a ideia do outro interessa.

Nesse segundo momento, quando abordamos a obra *Memória coletiva* (1990) de Maurice Halbwacbs, é possível perceber o seu interesse e a sua postura na compreensão da pluralidade memorialística dos grupos que se reflete no indivíduo, embora ele acrescente que a responsabilidade da própria memória é uma construção do próprio indivíduo.

Diante da sua concepção dinâmica, podemos perceber que há um aparato de intersecção na construção e formação dos sujeitos. Percebemos que não se prevalece algo isolado, pois temos como resultado a conexão de fatores envolvidos para que exista a permanência de lembranças coletivas. Segundo Halbwacbs (1990):

> Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós

> estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós (HALBWACBS, 1990, p. 26).

Ao tratarmos dos aspectos da memória coletiva, verificamos que a ideia de Halbwacbs propaga o estabelecimento de uma relação do indivíduo com as lembranças da comunidade na qual está inserido. A referência dá-se quando estamos "afinados com aqueles que nos cercam, que vibramos em uníssono, e não sabemos mais onde está o ponto de partida das vibrações, em nós ou nos outros" (HALBWACBS, 1990, p.46).

O dinamismo presente nas obras de Alice Walker e de Carolina Maria de Jesus aponta para a conexão com outros acontecimentos que se fazem interligados na própria obra, nas figuras e nas conjeturas das personagens. As suas escritas retomam fundamentalmente todas as outras vozes que, neste momento, transgridem. A constituição dessas relações é permeada pelas lembranças, acontecimentos e vivências:

> Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios (HALBWACBS, 1990, p. 51).

Ao compreendermos o compartilhamento das memórias, podemos perceber que há uma articulação que dá acesso a uma permanência. Assim, podemos entender a força de outras figuras e discursos que entrelaçam-se a Celie e Bitita. Em ambas as obras, a utilização do "eu" é projetada para arquitetar o individualismo, esse "eu" põe o olhar e faz as interpretações sobre determinado fato. Após o direcionamento das narrativas, observamos uma preocupação pelas memórias coletivas transpassadas na esfera literária, pois compreendemos a memória individual como um determinado ponto que abarca várias vertentes de uma memória coletiva.

Halbwachs (1990) considera a memória, por mais pessoal que possa ser, construída por outros discursos. Valendo-se desses elementos de construção do presente sobre um passado, põe-se sobre as memórias acontecimentos vividos, o que resulta na ideia de pertença aos constituintes memoriais de determinados pontos.

Quando colocamos a lembrança como mecanismo para solidificar a esfera e o tempo, considerando a importância da recordação dentro dessa produção que expressa ações, levamos em conta que:

> Se possa falar de memória coletiva quando evocamos um acontecimento que teve lugar na vida de nosso grupo e que considerávamos; e que consideramos ainda agora, no momento em que nos lembramos, do ponto de vista desse grupo (HALBWACBS, 1990, p. 36).

Essas referências proporcionam relações e elaboram um resgate de acontecimentos passados. Ao estabelecermos essa consonância cognitiva, somos levados a uma mediação identitária. Ou seja, as escritoras ecoam nas obras uma (res)significação através dessa recriação mediante as recordações dos outros e de suas próprias.

Diante das colocações de Pollack (1992) e Halbwacbs (1990), somos conduzidos a agir sobre um conhecimento prévio de um grupo e produzimos as condições deste individuo dentro do coletivo. E assim, entendemos que as obras ultrapassam a caracterização temporal, pois as escritas de Celie e Bitita apresentam o entrecruzamento dessas vozes transgressoras.

2. 4 A interseccionlidade dessas vozes nas escritas

O avanço nas letras e a preservação pelo caráter literário contribuem para sedimentar as convicções das mulheres negras pelo lugar de reconhecimento. A presença afro-feminina nos cenários públicos traz um posicionamento vibrante, que se consolida a partir dos movimentos que sintetizam as reivindicações do ser mulher em uma sociedade difundida pela hegemonia branca e masculina.

A desmistificação dessa ideia de invisibilidade ganha corpo em razão das vertentes ideológicas feministas, pois passa-se a pensar nos posicionamentos convergentes e coexistentes nas estratégias dos respectivos campos que tratam o ser mulher branca e o ser mulher negra.

Nesse contexto, a pretensão de abordar essa subjetividade como foco político feminista se dá por um revestimento de significados plurais. Temos em vista que não

há uma ação independentemente, mas há um entrecruzamento dessas vozes e uma correlação acerca das opressões ocasionadas às mulheres negras.

Valendo-se da multidimensão dessas vozes nas escritas, observamos uma relação sistemática e, com isso, uma necessidade de nomear as opressões. Em razão desses fatos, a função de nomear essas opressões é focada em denominar as tensões construídas em cima de determinado grupo por intermédio de outro.

Os segmentos estruturais do feminismo negro passam a discutir como são necessárias ações políticas que respondam as interligações das diversas categorias presentes no movimento. Selecionamos dois eixos que perpassam essas categorias: a junção e a conscientização. Ao fazermos alusões a esses respectivos eixos, ficamos diante de uma interatividade múltipla e simultânea das categorias sociais, culturais, biológicas e sexuais.

O primeiro eixo ao apresentar a concepção de junção traz a incorporação de três elementos: experiências, teorias e práticas. As mulheres negras, historicamente, têm engendrado em ações de resistência e por meio dessas experiências conseguem registrar acontecimentos, nomear as opressões e, de certa forma, elas conseguem simultaneamente ocupar espaços sociais que, através da praticidade, rompem com as delimitações. Essas escritas são fomentadas por um processo de ressignificação sobre esses espaços públicos que, por intermédio de ações políticas, elaboram um novo cenário. Contendo a produção de práticas baseadas em teorias reflexivas das experiências.

Como a interseccionalidade é a palavra chave do feminismo negro, trataremos de uma singularidade muito mais plural do que possamos imaginar. Ao mesmo tempo que tratamos da junção dos elementos prescritos anteriormente, somos levados a pensar na conscientização de uma enunciação emancipadora em três esferas: acadêmica, social e midiática.

A intervenção nesses três espaços contribui para o processo de identificação, pois a conscientização acerca dessa integração permite pensar na sensível ocupação pública dos negros nos Estados Unidos e no Brasil. Sabemos da necessidade e da importância de se institucionalizar os movimentos, para que se possa apontar para uma efetiva formação no sistema. A proliferação de estudos e pesquisas na academia sobre as questões sociais, vivências e a representatividade aponta para o acesso dos negros nos espaços de visibilidade. Ao acompanharmos o encadeamento das ações podemos perceber que a notoriedade nas mídias - diversos canais como sites, blogs

e redes sociais - proporcionam uma ampla e elevada contribuição para o processo de tornar visível o ser negro nessas esferas.

A ênfase sobre essa interseccionalidade é amparada pela convergência em abordar as múltiplas opressões presentes nas vertentes do feminismo negro. Estas colocações direcionam para a efetivação de um discurso que intervenha politicamente na produção expressiva das mulheres negras.

Diante das pluralidades não é possível restringir tópicos e concepções voltados apenas para a dicotomia de gênero e raça, as transposições devem enveredar por uma ação mais política, mais ativa e, acima de tudo, articulosa para atender a demanda. Pois, quando abordamos essas escritas, somos acometidos por um rompimento de fronteiras, assim a relação entre mulheres negras, escritoras, feminismo negro e movimentos sociais fazem parte de um princípio de responsabilidade política e coletiva.

Sabemos que o feminismo é um movimento social e político que luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, buscando, dessa forma, contribuir com as organizações que lutam pelas pautas acerca da emancipação da mulher, questionando a hierarquização e os discursos que se condicionam em inferiorizá-las.

Existe uma tensão recorrente de suas presenças que faz revigorar uma insurgência pelas escritas, principalmente quando a abordagem é em torno da autoria afro-feminina. E com isso, entendemos outros pontos, pois vislumbramos o direcionamento do feminismo negro e a passagem pelos vários eixos. Logo, nos remetemos a abordagem da interseccionalidade. Este termo foi denominado pela ativista afro-americana Kimberlé Crenshaw, segundo a autora a definição apropriada para o termo é:

> ... uma conceituação das duplas ou triplas formas de discriminação que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Com a postulação da significação acima, é possível pensar como as opressões são entrecruzadas, ou seja, não podemos pensar de forma isolada as opressões pelas

quais as mulheres negras passam, mas nas interconexões entre as categorias de raça, gênero, classe e orientação sexual que as atingem simultaneamente.

A incorporação da ideia de interseccionalidade está presente nos movimentos como também nas ações de intelectuais negras, por conseguinte há uma grande preocupação em validar esses enfrentamentos contra as opressões. Diante dessa incorporação e do desenvolvimento simultâneo de discursos que possibilitem fortalecer os argumentos do movimento do feminismo negro, alguns nomes são referenciais, entre eles, destacam-se Angela Davis, Bell Hooks, Kimberlé Crenshaw, Leila Gonzalez, Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro, entre outras. Diante destes aspectos, relacionamos essas configurações em torno das esferas dos Estados Unidos e do Brasil.

Não podemos deixar de mencionar os nomes de Alice Walker e de Carolina Maria de Jesus, representantes no espaço literário e que fazem jus ao *corpus* da pesquisa. São essas mulheres que trazem ao centro as particularidades das mulheres negras e apresentam uma unidade indissociável, pois tratam de questões sobre gênero, raça e classe.

A presença das interseções nas dimensões contextuais parte desde as particularidades da construção do ser feminino até a urgência em criar espaços de fala para as subalternas, pois enveredamos a existência de uma olhar etnográfico que sublinha e incorpora uma espécie de empatia, proporcionando um lugar seguro para a subjetividade.

Posteriormente às leituras, percebemos, mesmo com a contextualização em espaços diferentes, a existência de pontos igualitários na escrita dessas mulheres, cujas reflexões abordagem sobre o feminismo negro. Entre esses pontos, destacamos o legado da escravidão, a interligação dos tópicos de raça, gênero e classe, as ações políticas voltadas para atender aos mínimos interesses, como educação, saúde, lazer, ações afirmativas, reconhecimento e acesso ao mercado de trabalho.

O interesse pelo feminismo negro vem crescendo significativamente. Quando pensamos nesse lugar de mulher negra e no recorte que se dá sobre a nossa realidade, de algum modo, somos marcadas por algumas identificações territoriais que nos fazem compreender o cenário das produções. Assim, essas autoras passam a legitimar o corpo afro-feminino nos espaços públicos, e a percepção dessas escritas de forma funcional demarcam espaços que legitimem a sua voz.

A abordagem de Djamila Ribeiro (2016) sobre os aspectos da militância aponta que “nos EUA, as mulheres negras começaram a denunciar a invisibilidade dentro do movimento feminista, na década de 70. No Brasil, o feminismo negro começou a ganhar força no final desta década, começo da de 80”[17]. Em razão dessa efervescência e da convicta noção de indivíduo negro surgem ricas discussões sobre as diversas identificações e marcações que se inter-relacionam, pois “atualmente, fala-se mais da necessidade de um feminismo interseccional que dê conta das várias especificidades de ser mulher”. A ampliação de debates sobre conceitos e significados circunda as percepções acerca das identidades construídas socialmente por discursos fortalecidos.

Entre outras coisas, se comparada à politização dos países (Estados Unidos e Brasil), comprovamos que é pela ação afirmativa dessas ativistas que podemos pensar nas múltiplas derivações inseridas na unidade de construção identitária do ser negra.

Ao compararmos as teorias e práticas do feminismo negro, nos Estados Unidos e no Brasil, atentamos para as primeiras divergências no próprio processo de discriminação. Enaltecer primeiramente este processo é um passo para entender as grandes contribuições e fervescentes colocações sobre o papel da mulher negra dentro deste espaço. Há uma elevada violência contra os negros nos respectivos países, porém a diferença se dá pela ideia de não atribuírem tal violência, de forma enfática, à realidade vivida por aqueles que sofreram e sofrem as discriminações.

Diante das divergências e similitudes da estrutura política racial nesses países, temos como resultado a permanência e a manutenção de desigualdade em muitos fatores. Vejamos que a ideia de “democracia racial” presente no Brasil, de certa forma, inibiu, por um longo tempo, o posicionamento de enfrentamento contra o racismo, pois sua apresentação ocorre de forma fragmentada. Em contrapartida, nos Estados Unidos, havia uma intensa colocação de movimentos a favor dos negros[18]. Enquanto um aponta as mais variadas tonalidades, o outro produz a dicotomia entre brancos e negros; são esses apontamentos que colaboram para uma concentração diferenciada na abordagem da conscientização de ser negro.

Ao transformar essas inquietações em um modo unificado, a questão do feminismo negro passa a entender que os termos do ser negro e do ser mulher não

[17] Disponível na página Blogueiras Negras
[18] Divisão que se sobrepõe à ideia de uma gota de sangue.

são formas independentes, mas interativas e que necessitam de um mútuo reforço nas argumentações, juntamente com as experiências, nas quais ambas sejam compromissadas em efetivar um autêntico discurso.

O próprio título da obra de Angela Davis, *Mulheres, raça e classe* (2016), apresenta a incorporação de múltiplas prerrogativas. Observamos que, nessa escrita, há uma apresentação na própria titulação da obra, que aborda o fato de não existir a possibilidade de tratar apenas de um ponto, mas das sucessivas opressões. Davis se mantém como uma das principais vozes que analisam as condições de negras por um viés interseccional. Mesmo não sendo definidora desta terminologia, verificamos que suas escritas são fundidas no tratamento das vertentes responsáveis por gerar combinadas formas de opressão. Em *As mulheres negras a construção de uma nova utopia*[19] (2011), ela põe seu olhar interseccional nas opressões, pois:

> É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mutuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras.

Diante dessas colocações, Davis enfatiza a impossibilidade de se pensar as categorias de forma isolada, pois as opressões vulnerabilizam um e outro. Outro nome em destaque é o de Bell Hooks. Em *Mulheres negras* (2015, p. 197), ela aponta que “há muitas evidências que justificam o fato de que a identidade de raça e classe gera diferenças no *status* social, no estilo e qualidade de vida” de mulheres negras. Neste ponto de marginalidade não existe a possibilidade de se ter a função de opressoras e dominadoras sobre ninguém, no entanto elas sempre são vitimizadas diante de homens brancos e negros e das mulheres brancas.

Nesta mesma linha, as autoras brasileiras apresentam esses reflexos em suas escritas, pois apontam a violência contra a presença afro-feminina oriunda de uma herança culturalmente escravocrata, que se perpetua na contemporaneidade, em que são tratadas como objetos de servidão na produção da mão de obra e na reprodução

[19] Disponível no site Geledes

sexual. Lélia Gonzalez (1979) e Conceição Evaristo (2009) apontam o debate dessas imagens negativas dentro de uma sociedade brasileira que camufla a discriminação.

A terminologia “escrevivência”, de Evaristo (2005), é condicionada a transpor uma crítica real da situação condizendo através de uma relação da escrita e experiências de quem vive e sobrevive às marginalizações. Essas intelectuais negras integram uma discussão que transpõe o viés de gênero e raça, por mais redundante que se possa parecer essa abordagem, a ênfase sobre essas articulações e o aprofundamento do exercício a partir do poder da escrita aparecem coabitados na ideia de ser negro. Segundo Gonzalez (1979), são esses instrumentos que oprimem as mulheres, e:

> O que não se percebe é que, no momento em que denunciamos as múltiplas formas de exploração do povo negro em geral, e da mulher negra em particular, a emoção, por razões óbvias, está muito em quem nos ouve. Na medida em que o racismo, enquanto discurso, situa-se entre os discursos de exclusão, o grupo por ele excluído é tratado como objeto e não como sujeito. Consequentemente é infantilizado, não tem direito a voz própria, é falado por ele (GONZALEZ, 1979, p. 21).

Consideramos que, ao contemplarmos a pulsão dessas escritoras, ficamos em frente a uma projeção histórica, pois a representatividade por intermédio da literatura nos possibilita enxergar um determinado contexto, até então compreendido como discurso marginal. Os movimentos políticos dão suporte às manifestações artísticas das escritas afro-femininas que retratam a construção da identidade, partindo de um olhar de dentro para fora. Podemos, assim, entender o posicionamento de Avtar Brah:

> O sujeito político do feminismo negro descentra o sujeito unitário e masculinista do discurso eurocêntrico, e também a versão masculinista do “negro” como cor política, ao mesmo tempo em que perturba seriamente qualquer noção de “mulher” como categoria unitária. Isso quer dizer que, embora constituído em torno da problemática da “raça”, o feminismo negro desafia performativamente os limites de sua constituição (BRAH, 2006, p. 357-358)

Dessa forma, as escritas de Alice Walker e de Carolina Maria de Jesus enfatizam a representação por todas as mulheres que foram demasiadamente silenciadas pela hierarquização dos pressupostos. O teor político presente nas obras escolhidas para a pesquisa enaltece as relações entre a produção e as experiências pessoais. Ao falarem sobre essa coletividade e das reais necessidades vividas por

tantas outras mulheres, há um rompimento do silêncio que as “sufoca”, como aborda a citação de Audre Lorde, no início do capítulo. O romper deste silêncio é, consequentemente, um mecanismo político que precisa reconhecer e atuar diante dos fatores simultâneos de opressão e hierarquização de gênero, de raça, de sexualidade e de classe.

III - ESSE SILÊNCIO NÃO ME PERTENCE

Sou forte, sou guerreira,
Tenho nas veias sangue de ancestrais.
Levo a vida num ritmo de poema-canção,
Mesmo que haja versos assimétricos,
Mesmo que rabisquem, às vezes,
A poesia do meu ser,
Mesmo assim, tenho este mantra em meu coração:
"Nunca me verás caída ao chão."

Esmeralda Ribeiro

Neste momento, somos convidados a refletir sobre a escrita feminina negra que, em detrimento das barreiras impostas por um longo processo histórico de opressão e exclusão[20], encontrava-se relegada ao silêncio. Nesse contexto de opressão, a escrita das mulheres negras submete-se a dois tipos de preconceito: o de gênero e o de raça. Sendo assim, ela se constitui de um posicionamento político contra um sistema hegemônico e controlador, que de vários modos a subalterniza[21].

Refletir sobre a escrita de autoria afro-feminina coloca-nos instantaneamente na discussão sobre o processo de apagamento e da presença de marcas estereotipadas. Estudos críticos feministas apontam que as representações da identidade da mulher negra são relativas ao tempo e à legitimação de um discurso, pois, além de um aspecto de invisibilidade na historiografia oficial, temos a ideia de subserviência da figura da mulher negra. Ao se apropriar da esfera literária, um novo olhar incube-se sobre suas lutas e modos de resistência, pois a elaboração de seu próprio discurso é pautada pelas vivências. Assim, verificamos que a esfera literária se funde como mecanismo de resistência, e a personificação, através dos registros e relatos, rompe com as preconceituosas concepções, assumindo uma nova categoria.

Não custa ressaltar que a percepção desses processos é intimamente interligada pela sua forma simbólica, considerando a difusão da linguagem literária. Posicionando-nos em consonância aos pensamentos de Norma Telles (1992), podemos pensar que:

---

[20] Diante de um processo histórico de opressão e exclusão, no qual impera uma sociedade normatizada pelo discurso masculino e branco, vimos as mulheres, especialmente as negras, ficarem relegadas ao silenciamento.

[21] Michelle Perrot em seu livro *As mulheres ou os silêncios da história* (2005), trata da irrupção da figura feminina perpassada por uma sombra, ou seja, as mulheres são destinadas à obscuridade.

> Os silêncios cercavam e cercam o patrimônio cultural das mulheres. Cada nova geração precisa refazer os passos e retomar os caminhos. Octavio Paz afirma que autores não lidos são vítimas do pior tipo de censura possível – a indiferença. O silêncio, o não dizer, não é ausência de sentido; ao contrário, o que não se pode dizer é o que atinge ortodoxias, as ideias, os interesses e paixões dos dominantes e suas ordens [...] (1992, p. 50).

A conquista por um espaço foi adquirida através de um longo processo de luta e reinvindicação contra essa sociedade que detinha os meios de expressão, colocando as mulheres na invisibilidade e na marginalização. Para desestruturar dessa construção cultural baseada em um rígido discurso hegemônico, foi preciso um laborioso trabalho nos setores econômico, social, histórico e literário, ao qual nos deteremos.

Partindo de novas contribuições enriquecedoras para a construção de um discurso empoderador da mulher negra, apresenta-se o poder da fala e da escrita como elemento condutor para a edificação da sua identidade. Assim, daremos importante visibilidade a essa escrita ao refletirmos sobre questões como gênero, raça, e principalmente sobre a escrita do “eu” como fio condutor das obras selecionadas.

Ressurgindo das cinzas[22], essas mulheres escritoras rompem o silêncio, a “não-fala”, ressignificando o conceito de subalternidade, pois tornam-se cada vez mais conscientes de seu lugar de fala. E nessa questão do poder do discurso, veremos que há uma desconstrução da passividade do sujeito subalterno, que incide em um reconhecimento do seu papel ativo através das vozes que ecoam em gesto de resistência.

Ao elencar o discurso da não passividade da escrita afro-feminina, configuramos uma nova abordagem sobre os pilares do imaginário sociocultural que versam sobre transcrição obscura e marginalizada desse corpo. Somos levados a refletir sobre a condição de dominação e poder, correspondendo à ideologia de

---

[22] Referência ao poema Ressurgir das cinzas (2004), da escritora Esmeralda Ribeiro. Entre palestras e seminários, Ribeiro contribui com suas pesquisas sobre a importância da escrita feminina e da luta por espaços que possibilitem a representação. Além de jornalista, escritora, é também coordenadora do Quilombhoje, e tornou-se grande referência para os estudos voltados na construção de escrita feminina da mulher negra. O Quilombhoje é um grupo paulistano de escritores fundado em 1980 por Cuti, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina, Abelardo Rodrigues e outros, com objetivo de discutir e aprofundar a experiência afro-brasileira na literatura. Tem como proposta incentivar o hábito da leitura e promover a difusão de conhecimentos e informações, bem como desenvolver e incentivar estudos, pesquisas e diagnósticos sobre literatura e cultura negra.

inferiorização, assim as palavras transcritas pelo ser negro disseminam o inconformismo e as ferocidades ocasionadas pela história oficial.

A quebra do silêncio permite o empoderamento dessas mulheres, especialmente por meio da literatura, pois essas articulações transformam as perspectivas do sujeito feminino. Elas escrevem, através do movimento memorialístico, por todas aquelas que nos séculos anteriores e ainda hoje são silenciadas. Vejamos que, pouco a pouco, ela é retirada da esfera da invisibilidade, por via de sua força e da sua voz poética nos textos.

Não é difícil encontrar, hoje, nas prateleiras de livrarias, obras que permeiam a escrita da primeira pessoa, como também percebemos uma significativa presença da autoria feminina negra. Por mais que tenhamos ainda a predominância de um discurso opressor, um novo olhar foi direcionado para as escritas que versavam sobre a "marginalidade" no campo literário.

Dalcastagné (2012) aborda o problema da invisibilidade e do silêncio de determinados grupos que são submetidos à exclusão por aqueles que detêm a autorização da fala e que restringem os lugares. Evidenciando a literatura como território contestado, ela aponta que o leitor:

> Pode querer encontrar ali alguém como ele, em situações que viverá um dia ou que espera jamais viver. Mas pode ainda querer entender o que é ser o outro, morar em terras longínquas, falar uma língua estranha, ter outro sexo, um modo diferente de enxergar o mundo. [...] Reconhecer-se em uma representação artística, ou reconhecer o outro dentro dela, faz parte de um processo de legitimação de identidade, ainda que elas sejam múltiplas (DALCASTAGNÉ, 2012, p.147).

A necessária demonstração de um conceito de representação na esfera literária alicerça os múltiplos grupos sociais, indo de encontro com as elites que têm o seu discurso legitimado, assim um novo espaço abrange a pluralidade de perspectivas sociais no discurso literário. Há uma revisitação de modo crítico sobre esses espaços e construções simbólicas que levaram à criação de uma linhagem.

Vejamos que o interesse por narrativas autorreferenciais se fazem presente na contemporaneidade, e grandes nomes afro-femininos destacam-se no emaranhado universo literário, como Maya Angelou[23], Alice Walker, Toni Morrison, Constance

[23] ANGELOU, Maya. Eu sei por que o pássaro canta na gaiola. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1996.

Briscoe[24], Esmeralda Ribeiro, Geni Guimarães, Ana Maria Gonçalves[25], Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, entre tantas outras.

Empreendemos neste capítulo um recorte do “eu enunciativo” presente nas obras de Alice Walker e Carolina Maria de Jesus. Nas respectivas obras, *A cor púrpura* (1986) e *Diário de Bitita* (1986)[26], o nosso estudo põe um olhar mais atento ao processo de autorrepresentação, por intermédio de narrativas intimistas, para entender de que forma elas contribuem para a construção da identidade da mulher negra.

Diante da relação íntima e sensível com o passado, essas escritas reconstroem lembranças de pessoas, de lugares, e passam a compreender as obstruções históricas. Redigir a sua história de existência requer como primeiro passo a ação da leitura e da escrita, meios que potencializam esses “eus” até então desconhecidos.

Em sua obra *Álbum de leitura* (2003), Lilian Lacerda nos apresenta a leitura não apenas como um processo tradicionalmente pedagógico, mas também por um processo histórico-social, no qual se ambientalizam os grupos sociais excluídos:

> É no contexto dos anos 1960 que a escrita autobiográfica ganha evidência, ou seja, é nesse período que o mercado editorial em vários países do mundo passa a publicar registros pessoais de grupos minoritários (ao menos do ponto de vista de prestígio social), como negros, mulheres, homossexuais, prisioneiros, camponeses, outros (LACERDA, 2003, p. 40).

De posse da escrita, esses grupos viabilizam a importância do letramento para sua participação na construção social. No entanto, devemos compreender que não é apenas obter espaço para a fala, mas falar com certo domínio e autoridade.

A voz ativa presente nessas narrativas conduz o indivíduo até então marginalizado para uma preciosa significância, por isso a leitura e a escrita, em consonância com o engajamento íntimo, proporcionaram para essas mulheres espaços de liberdade, ou melhor, espaços de resistência. Dessa forma, elas mantêm um discurso de enfrentamento das desigualdades, das anulações e das condições de subserviência.

---

[24] BRISCOE, Constance. Feia: a história real de uma infância sem amor. Trad. Caetano Waldrigues Galindo. 2ºed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
[25] GONÇALVES, Ana Maria. Um defeito de cor. 5ºed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
[26] Ambas as obras foram publicadas pela primeira vez em 1982, *A cor púrpura* (no original, *The Color Purple*) nos EUA e *Diário de Bitita* (no original, *Journal de Bitita*) na França, mas, as edições selecionadas para a pesquisa são as traduções brasileiras, publicadas em 1986.

3.1 A escrita de si

Desde a pré-história, o homem internaliza a necessidade de comunicação, e a escrita tornou-se um dos símbolos indispensáveis para as relações sócio-econômico-culturais. Falar de si, contar as próprias histórias, sentimentos, pensamentos são atividades comuns nas mais diferentes culturas e encontram as mais diferentes formas de expressão.

Como nossa pesquisa apresenta um viés afro-perspectivo, não poderemos deixar de ressaltar a forte tradição das narrativas orais, pois elas se configuram como um dos pilares das sociedades africanas. Essa grande marca funde as imagens dos negros e negras, e a associação entre oralidade, memória e escrita circunscreve o tempo e o espaço.

Ao atentarmos para a temática do “eu” nas formas escritas, somos conduzidos a referenciar o ensaio *A escrita de si* (2004) de Michel Foucault, pois este estudo esclarece sobre as primeiras aparições textuais centralizadas no “eu”. Alicerçando-se nas práticas dos filósofos gregos sobre o cuidado de si e as artes da existência, Foucault propõe que a autoconstituição é norteada pelos modos de subjetivação. A sua abordagem sobre a escrita de si coloca esse ato como uma prática, pois enfatiza que o exercício da escrita se constitui como um adestramento, um treino de si mesmo, e “em todo caso, seja qual for o ciclo de exercício em que ela ocorre, a escrita constitui uma etapa essencial no processo para o qual tende toda a askêsis” (FOUCAULT, 2004, p. 147).

A partir das análises sobre os registros de Santo Atanásio, o filósofo francês apresenta a prática da escrita de si como um elemento fundamental na vida ascética. Somos levados a apontar para uma sensação de companhia ou de estar sendo observado, de modo que essa escrita vem exercer um efeito disciplinador:

> Do mesmo modo, escrevendo os nossos pensamentos como se os tivéssemos de comunicar mutuamente, melhor nos defenderemos dos pensamentos impuros por vergonha de os termos conhecido. Que a escrita tome o lugar dos companheiros de ascese: de tanto enrubescermos por escrever como por sermos vistos, abstenhamo-nos de todo o mau pensamento. Disciplinando-nos dessa forma,

> podemos reduzir o corpo à servidão e frustrar as astúcias do inimigo (FOUCAULT, 2004, p. 144)

Ainda segundo Foucault (2010), o cuidado de si é, sem dúvida, um dos importantes fios condutores ou, pelo menos, para sermos mais modestos, um dos possíveis fios condutores, não somente na história das representações, nem somente na história das noções ou das teorias, mas na própria história da subjetividade ou, se quisermos, na história das práticas da subjetividade. Ele se dá na intensidade das relações consigo, isto é, pelas formas nas quais é chamado a se tomar como objeto de conhecimento e campo de ação para se transformar, corrigir-se, purificar-se e promover o desenvolvimento daquilo que poderia ser chamada de uma “cultura de si”, na qual foram intensificadas e valorizadas as relações de si para si.

Ao tratar da correspondência, o filósofo examina as cartas de Sêneca a Lucílio. Ele aponta que essa forma dá a impressão de proximidade, de uma presença “quase física”. Outra forma abordada pelo filósofo é o *hypomnêmata*, processo que interliga a funcionalidade da escrita e da leitura, na forma de apontamentos ou reflexões do próprio autor ou de outros. As escritas nessa forma “podiam ser livros de contabilidade, registros notariais, cadernos pessoais que serviam de agenda” (FOUCAULT, 2004, p. 147).

Notamos que esses processos de constituição de si vão além da individualidade, uma vez que esses registros estabelecem o selecionamento de dados para um outro interpretá-lo. Logo, essas percepções de si conduzem efetivamente à coletividade.

Tal percepção ganha corpo e, em consequência disto, muitos outros estudos proliferam. Para Ângela Castro Gomes (2007), é viável pensar nas práticas da escrita de si como “um conjunto de modalidades” crescente nas sociedades ocidentais, pois essa denominação passou a ser mais entendida a partir da ideia de uma relação que se estabeleceu entre o indivíduo moderno e seus documentos. Para a autora, elas seriam o mecanismo de especificar um determinado lugar para o indivíduo na sociedade.

Assim, os autores estariam constituindo para si, através dessas práticas do “eu”, uma identidade ao mesmo tempo constitutiva do seu próprio “eu” e do texto, que se criam simultaneamente. Gomes acrescenta que:

> Toda essa documentação de ‘produção do eu’ é entendida como marcada pela busca de um ‘efeito de verdade’, que exprime pela primeira pessoa do singular e que traduz a intenção de revelar dimensões ‘íntimas e profundas’ do indivíduo que assume sua autoria” (GOMES, 2007, p. 14-15).

Dito assim, os temas que transcorrem no *corpus* para a análise da pesquisa são as experiências e os registros da realidade pessoal, associando a condição de indivíduo às práticas socioculturais e históricas tecidas nas obras. Desse modo, percebemos que as obras nos conduzem a reconhecer esses indivíduos e a acompanhar sua formação, ao firmarem-se através da escrita. Diante das colocações das obras, é possível atravessar esses espaços construídos pela inserção desse “eu” que apresenta o lugar dos negros e negras.

A partir dessa escrita de si, somos envolvidos em uma abrangente construção e (res)significação das memórias individuais e coletivas, porque, ao partirmos deste amplo campo de reflexão e ao estarmos diante de uma justa conexão e união, consequentemente, intermediados pela história, memória e práticas de si, teremos a recuperação de vestígios que nos levam a um saldo qualitativo de confronto sobre o esquecimento e ocultamento das apresentações culturais e identitárias do ser negro. Em suma, as obras são consubstanciadas pelos reflexos do fundo histórico, os quais trazem o posicionamento de um ser negro inserido em uma sociedade que inibe a sua fala.

Essas escritas não se limitam a corresponder às características prescritas de cada gênero. Para sermos mais explícitos, não há uma apropriação dos iniciais elementos preeminentes dos gêneros, como a inserção de local e data. No entanto, assinalamos, com base no que diz Lílian Lacerda (2000), que a prescrição desses escritos se conduz pelo teor memorialístico:

> A memória individual dialoga com o coletivo e redimensiona a realidade passada. As lembranças apoiam-se em fatos, acontecimentos históricos, e ao mesmo tempo ampliam e informam aspectos da história social brasileira. Descrevem, detalham, precisam e explicitam os cenários pouco iluminados pelos grandes refletores históricos (LACERDA, 2000, p. 90).

Dessa forma, a expressividade da memória põe-se como traço caracterizador do resgate de eventos, pessoas, lugares, e estabelece uma consonância identitária, paralelamente, com a memória coletiva. Assim, as próprias recordações condizem

com a projeção dessas memórias soterradas pelas ruínas do tempo, como nos aponta Cláudia Cerqueira do Rosário (2011):

> Não é apenas o de simples reconhecimento de conteúdos passados, mas um efetivo reviver que leva em si todo ou parte deste passado. É o de fazer aparecer novamente as coisas depois que desaparecem. É graças à faculdade de recordar que, de algum modo, escapamos da morte que aqui, mais que uma realidade física, deve ser entendida como a realidade simbólica que cria o antagonismo-chave com relação ao nosso tema: o esquecimento. O esquecimento é a impermanência, a mortalidade (ROSÁRIO, 2011, p. 4).

Observamos que essas escritas não se apresentam sob um reflexo narcísico, mas como uma escrita de resistência em que “cada narrativa de si se posiciona de diferente maneira segundo a ênfase que coloque na exaltação de si mesmo, na autoindagação, ou na restauração da memória coletiva” (KLINGER, 2007, p. 26).

No próximo momento, abordaremos o desvelamento desse “eu” que se faz vivo através dos artefatos confessionais – carta e diário -, em seguida, este tópico se prontificará a analisar a presença desse “eu” nas escritas e, por fim, analisaremos como esses espaços cooperaram para uma autorrepresentação e constituição da identidade desses sujeitos.

3.2 Carta e diário: desvelamento de um “eu” vivo

Preservar, testemunhar, confessar. Partindo desses três verbos, observaremos a transdiscursividade contida nas cartas e nos diários. Ao selecionarmos o *corpus* da pesquisa e, por consequência, o desvelamento das tessituras da escrita do “eu”, verificamos a presença de elementos que estão contidos na preservação das lembranças.

De alguma forma, ao pararmos para pensar nesses artefatos, sobretudo quando identificamos a memória como fio que permeia as formas, envolvemo-nos com a função a que se destina essa escrita, pois a inserção em certos campos narrativos se constitui como uma estratégia ou meio de inferir as subjetividades que, de forma fragmentada, é intermediada pelo indivíduo.

Compreendemos que essas narrativas se mostram adeptas ao exame subjetivo, estabelecendo uma discussão sobre a ideia de intimidade, em decorrência

da profundidade e intensidade em que se encontram. Segundo Peter Gay (1999), o "eu" passa por uma invenção dinâmica:

> Desse ponto de vista, falar ou escrever sobre o "eu", pintá-lo ou exibi-lo pública ou privadamente – e até mesmo pensar sobre ele – nunca consiste apenas em descrever algo que existe, mas sim criar um objeto na medida em que se o descreve (GAY, 1999, p. 16-17).

A criação deste objeto, ou a criação desta escrita, não é produzida por um puro discurso, porque estamos imbricados por outros elementos oriundos do que chamamos de coletividade. As nossas lembranças e tudo o que é resgatado pelas memórias são essencialmente passadas por um processo seletivo pré-estabelecido por nossas interpretações.

Neste mesmo pensamento, podemos recorrer ao posicionamento de Georges Gusdorf (2012), pois ele afirma que a predisposição de se inscrever não se limita a um reflexo fiel, e assim:

> As escritas do eu, nas suas variadas formas, não têm a intenção de apresentar o homem tal como é, segundo os princípios de uma espécie de psicologia clínica: tendem a constituí-lo, ou a reconstituí-lo a sua semelhança, segundo a vocação dos valores religiosos, éticos ou estéticos fundadores de seu ser autêntico. O redator não se vê no modo indicativo, mas no modo optativo ou incoativo (GUSDORF, 2012, p. 32, tradução nossa).[27]

Gusdorf põe a sua grande preocupação acerca da escrita, pois salienta que não é possível uma reconstrução fiel do passado, porém uma construção do "eu", intermediada por suas experiências e por outros discursos. Ele observa que há uma 'pluralidade intrínseca das dimensões do eu' (GUSDORF, 2012, p. 42)[28], por via intercambiável entre todas as formas. Assim, 'as diversas práticas das escritas do eu se completam e, portanto, podem esclarecer-se mutuamente' (GUSDORF, 2012, p. 24)[29], e esse processo leva-nos a uma abordagem dos encaixes dessa escrita de si.

Em razão de passados tão presentes, podemos aludir aos posicionamentos de

---

[27] Las escrituras del yo, en la variedad de sus formas, no tienen la intención de presentar al hombre tal y como es, según los principios de una especie de psicología clínica: tienden a constituirlo, o a reconstituirlo a su semejanza, según la vocación de los valores religiosos, éticos o estéticos fundadores de su ser auténtico. El redactor no se ve en modo indicativo, sino en el modo optativo o incoativo.

[28] Pluralidad intrínseca de las dimensiones del yo.

[29] Las diversas prácticas de las escrituras del yo se completan y, por lo tanto, pueden esclarecerse mutuamente'.

Sarlo (2007, p. 115), ela salienta que as escritas “tomam a palavra no testemunho e na narração em primeira pessoa, sujeitos até então silenciosos”. São esses relatos de vida, até então, à margem da historicidade oficial, que começaram a emergir nos formatos de cartas, autobiografias, diários e meios afins para a construção de uma narração que proporciona veracidade. Quando se trabalha a escrita de si e, naquele espaço, desvela-se um “eu”, podemos perceber que, de forma singular, aquele “eu” se torna plural, um outro que se faz e se vê vivo nas representações.

De acordo com Diana Klinger (2007), as duas formas narrativas, além de serem marcadas pela escrita de si, transcrevem os mais variados sentimentos e experiências; e como resultado, a enunciação de um “eu” nesses gêneros confessionais soa credível. O posicionamento desses autores e autoras colaboram de forma enfática nos aspectos históricos, culturais e sociais de um determinado espaço.

As particularidades de tratamento sobre o “eu” nos ambientes confessionais condicionam uma distinta conceituação: os primeiros colocam a carta destinada a um outro, enquanto o diário reserva-se para si. Assim, podemos fazer referência a Manuel Hierro (1999):

> Passada esta reflexão ao domínio do diário íntimo – cuja única dessemelhança com o gênero epistolar é que no diário íntimo o destinatário é o próprio eu que escreve, enquanto isso na correspondência se estabelece uma relação com um outro - se pode afirmar que é no espaço literário onde o sujeito encontra o valor de sua situação e a capacidade de dar conta de si mesmo (HIERRO, 1999, p. 106, tradução nossa).[30]

Instituídos nos espaços privados, essas práticas de si nos envolvem num mecanismo de escrita de intimidade, por sua via confidencial. Assim, somos cercados por esses traços ritualísticos, em que as escritas de carta e diário se entregam ao dinamismo e ao forte fluxo dos enunciados. Contendo o caráter de objetos frágeis, as nuances presentes nesses escritos foram guardadas silenciosamente, dessa forma, discutimos as pretensões dessas práticas discursivas que afloram a sensibilidade.

Os compartilhamentos nesses espaços proporcionam a constituição de uma escrita de si e de uma escrita para os outros, são essas relações intercambiáveis que, mesmo contendo as singularidades, revelam determinantes plurais. Observamos a

[30] Trasladada esta reflexión al dominio del diario íntimo – cuya única disimilitud con el género epistolar es que en el diario íntimo el destinatario es el propio yo que escribe, mientras que en la correspondencia se establece relación con un otro–, se puede afirmar que es en el espacio literario donde el sujeto encuentra el valor de su situación y la capacidad de dar cuenta de sí mismo.

percepção das memórias sendo firmadas no papel pelo desvelamento de um “eu” vivo em decorrência deste aspecto vital. Nos próximos três tópicos veremos esse “eu” vivo que aborda o privilégio de uma funcionalidade e um mecanismo para a construção desse sujeito através das práticas da escrita de si.

3.2.1 A carta e o diário como escrita de si em *A cor púrpura* e *Diário de Bitita.*

A invisibilidade de escritoras negras na literatura dá-se pelo processo de subalternização realizado por um sistema hegemônico, elitista e excludente. A escrita torna-se, então, ferramenta de ressignificação da sua condição de mulher negra, desconstruindo estereótipos socioculturais, evidenciando a luta contra o silenciamento de sua voz e sua presença e dando novo sentido aos seus contextos.

Essas escritas trazem em si uma identificação, um aparato temático e um apoio estilístico que abordam as conjeturas do ser por um viés afroperspectivo. Elaine Showalter (1994) salienta que:

> As escritoras negras manifestam pontos de vista em comum em relação ao ato de criar a literatura como resultado direto da experiência política, social e econômica especifica que foram obrigadas a compartilhar” (SHOWALTER, 1994, p.51).

Compreendemos as práticas da carta e do diário como dimensões possíveis para a revelação de si mesmas por parte dessas mulheres. Portanto, observamos nessas obras a existência de um projeto que se propõe, a partir das trajetórias desse “eu”, conduzi-las à construção de si. Outro ponto presente nessas práticas é a extensão destas escritas, pois suas colocações ondulam a favor de um processo coletivo. Este seria transcorrido por um processo ao qual o sujeito se identifica, ou não. Por se fazer necessário, apresentaremos um breve resumo do *corpus* e do valor coletivo dessas escritas.

A cor púrpura (1986) é um romance epistolar que se passa em uma pequena cidade da Geórgia (EUA) em 1909. Nele, Alice Walker narra a história de Celie Johnson, uma menina de 14 anos que foi violentada pelo suposto pai e se tornou mãe de dois filhos que foram arrancados dos seus braços nas primeiras horas após o nascimento, em ambas as ocasiões. O único amor que lhe restou foi o da irmã Nettie, da qual se separou quando o “pai” a ofereceu como “esposa” ao viúvo que ela

conheceu como “Sinhô” e que a tratou como escrava e babá dos seus quatro filhos pequenos, frutos de uma viuvez. Ao longo da narrativa o único meio que Celie tem para suportar as agruras da vida é escrever cartas para Deus. Outros discursos permeiam a narrativa, construindo pouco a pouco a identidade desse eu, que aos poucos vai revelando um espirito brilhante.

Diário de Bitita (1986) baseia-se nas lembranças de vida no interior de Minas Gerais (BR) em 1918. Bitita conta em seus diários a infância pobre, a luta de uma família negra para sobreviver, as injustiças, o preconceito, a discriminação. Desde o início da narrativa, a protagonista é uma criança diferente das outras, pois apresenta muitos questionamentos, principalmente sobre o valor do negro. A narrativa inicia-se e segue sob o olhar de uma menina, que conta a sua adolescência e enfermidade até o dia que decide viajar para São Paulo, carregando muitos sonhos na sacola. Como não poderia ser diferente, veremos que as vozes que ecoam dessas obras são coletivas e representam uma comunidade inteira, através das experiências de vida de suas heroínas.

Diante desses microresumos, vislumbramos que a inscrição desse “eu” produz efeitos a partir do entrecruzamento com outros discursos. Assim, somos levados a compreender que as duas modalidades apontam privilégios de serem espaços de segredo, os quais abarcam uma escrita isolada e ao mesmo tempo receptiva para si e para o outro.

Este aspecto receptivo coloca-nos na presença dos gêneros como espaços propulsores de acolhimento para esse “eu”. Desta forma, o processo de auto-hospitalidade (LEJUNE, 2014) dá suporte para o “eu” que se encontra no isolamento. A personificação através da escrita e a concepção do papel como companheiro transcorrem nas narrativas, pois tornam-se ambientes de desabafo, de recolhimento e de fuga. Para o autor, as duas modalidades confessionais são tratadas como receptáculo para um si que se faz outro, traduzindo um valor coletivo nas escritas e concebendo reinterpretações responsáveis por um novo e autêntico amparo de enunciados.

3.2.2 A funcionalidade da carta em *A cor púrpura*

Alice Walker ganhou projeção mundial com a publicação de seu terceiro romance, *A cor púrpura*. A obra é mais conhecida pelo público brasileiro em uma

adaptação cinematográfica dirigida por Steven Spielberg em 1985. O roteiro do filme foi escrito pela própria autora, que também acompanhou grande parte das filmagens. A escrita de Walker reflete uma estrutura política devido ao seu engajamento nos movimentos em favor das mulheres negras, dos direitos civis e das minorias, aspectos que são os pilares que compõem a sua ideologia.

A obra é composta pelas 90 cartas que constroem o romance e que se estendem por mais ou menos 40 anos. As primeiras cartas são destinadas a Deus e correspondem a uma totalidade de 55, enquanto que as demais constam como destinatárias as irmãs Nettie e Celie. A obra apresenta Celie, menina de 14 anos violentada sexualmente pelo suposto pai. Acreditando haver cometido incesto, mesmo que involuntariamente, a criança internaliza a sensação de vergonha. E consequentemente os seus afetos são coibidos. O único laço de amor que consegue estabelecer se codifica na figura de Nettie, sua irmã.

A narrativa em primeira pessoa confere ao texto um de seus elementos de força. Por ser uma narrativa eminentemente proposta como diálogo íntimo, Walker torna as cenas mais atraentes ao leitor, conferindo-lhe o papel de confidente. Além de desempenhar um papel sedutor, o emprego da forma epistolar leva o leitor a se sentir integrante e participativo da ação.

Esse processo de construção do “eu” é permeado por outros discursos em que o “eu” da narradora representa o de tantas outras mulheres da sua comunidade e da sua raça, vítimas do estupro, pelo sexismo e pelos preconceitos de classe e de cor. Veremos que, de modo globalizante, a arquitetura desta obra perpassa as fronteiras pelos artefatos que trazem em si a memória e a historicidade. Em *A memória, a História e o esquecimento*, Paul Ricouer (2007) aborda a questão da manipulação da memória ao relatar que:

> O perigo maior, no fim do percurso, está no manejo da história autorizada, imposta, celebrada, comemorada – da história oficial. O recurso à narrativa torna-se assim a armadilha, quando potências superiores passam a direcionar a composição da intriga e impõem uma narrativa canônica por meio de intimidação ou de sedução, de medo ou de lisonja (RICOEUR, 2007, p. 455).

Assim, podemos perceber o perigo de manter uma única via da historicidade. Portanto, a estratégia narrativa utilizada por Walker na formação do romance epistolar

trata-se da sua militância, na qual esse “eu” inscrito nas cartas de Celie é uma fala de resistência pacífica, jamais passiva. Segundo Foucault (2005):

> [...] a partir do momento em que há uma relação do poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo estratégia precisa (FOUCAULT, 2005, p.241).

O elo existente entre a escrita do “eu” e o gênero carta compõe o *corpus* do romance como uma funcionalidade representativa do vínculo da memória e da história, ou seja, reconstitui-se um passado permeado pela memória coletiva. Muitos estudos apresentam a importância da inscrição desses relatos permeados por um cunho memorialístico. Entre eles, apresentamos o de Telma Maria Dutra (2005), que, ao abordar o aspecto da memória, enfatiza a representatividade da escrita da mulher, pois:

> A memória adquire um papel determinante para a reconstrução da trilha feminina nas narrativas escritas por mulher. Confrontando passado e presente, a mulher tece seu rosto. As diversas facetas de si projetam-se em espelhos que não refletem a si, mas a uma outra, supostamente desconhecida até então. São rostos sem nome, porque traçam sujeitos de um chão qualquer, com desejos universais, acentuados por um marcado rompimento do silêncio das minorias e pela reinvindicação de direitos (DUTRA, 2005, p. 178-179).

A carta por si só condiz como meio de intimidade, de estreitamento de laços, ocasionando certo dinamismo e um propósito de diálogo. Por via dessas concepções, a escrita de Walker é intencionada na elaboração de construir um meio que possibilite a exposição do “eu” subjugado diante da predominância falocêntrica e racial na qual está inserida. Vejamos:

> Quem você pensa que é?, ele diz. Você num pode amaldiçoar ninguém. Olhe pra você. Você é preta, é pobre, é feia. Você é mulher. Vá pro diabo, ele diz, você num é nada. (...) Eu na certa não surrei você o bastante (WALKER, 1986, p. 186).

O uso das práticas comunicativas dos gêneros epistolares emergiu por volta do século XVII, como atividade de escrita para atender aos pressupostos de socialização. A esfera privada ganha a partir de então um novo desígnio, o seu cotidiano passa a

ser expresso e compartilhado, encontrando nesse meio o aporte de conservar relacionamentos, dar notícias, viabilizando manter uma correspondência com a pessoa ausente.

A partir dessa estruturação, a fim de desenvolver a transposição abrangente das cartas, foi possível romper o distanciamento entre os correspondentes, logo, as vias marítimas e terrestres se sobressaltaram diante da grande efervescência da necessidade de se personificar ao outro. Ocasionou-se, assim, a possibilidade de encurtamento entre o remetente e o destinatário.

A nossa pesquisa se restringe às cartas ambientadas na esfera privada. Assim, a troca de correspondências se pressupõe como uma conversação, onde será estabelecido um elo propenso à construção de relações mútuas, e de meios que possibilitam a troca de afetos. Quando se trata da sua forma mais íntima, observamos a difusão do didatismo por transcorrer, na escrita, um registro mais próximo da conversa.

Por meio de seu uso, ocasionado pela hibridização – romance e carta – o leitor se põe diante da categoria de autenticidade. Segundo Lajolo (2002), a:

> Vantagem grande do gênero epistolar para a necessária criação de laços a enredar consumidores de romances reside em sua natureza essencialmente dialógica. Envolvendo no varejo de sua composição pelo menos um remetente e um destinatário, o romance epistolar parece estimular respostas no atacado, o que explica a grande quantidade de intertexto (sequencias, respostas e re-escrituras gerada por cada um dos romances epistolares mais conhecidos (LAJOLO, 2002, p. 64).

A verossimilhança exige o desenvolvimento do romance epistolar na primeira pessoa. As primeiras cartas de Celie destinadas a Deus expressam um viés dinâmico, acentuado por um “eu” e consubstanciado por uma linguagem informal. Todos os pontos anteriores podem ser identificados na citação a seguir:

> Querido Deus,
> Ele **me** bateu hoje purque disse qu**eu** pisquei prum rapaz na igreja. **Eu** pudia tá cum uma coisa no olho, mas **eu** num pisquei. **Eu** nem olho pros home. Essa é que é a verdade. **Eu** olho pras mulher, sim, purque num tenho medo delas. Talvez purque minha mãe **me** botou maldição o senhor acha qu**eu** fiquei cum raiva dela. Mas não. Eu sentia pena da mamãe. Tentá acreditá na historia dele matou ela (WALKER, 1986, p. 15).

Neste momento, por exemplo, vemos que Celie busca dialogar com Deus. A remetente coloca-se diante dos olhos Dele, e suas palavras são traçadas nas linhas, conduzindo-se para um fluxo de conversação. Essa primeira abordagem é muito mais individual que coletiva, pois aqui busca-se marcar e validar um “eu” a partir da apresentação.

A ênfase no “eu”, marcando o gênero e a entonação de uma presença, fornece à voz uma dada ação retórica, e o cuidado desse “eu”, ao se expor ao outro, tenta vencer a distância e a timidez. As cartas são em sua essência marcadas por uma ausência, e, diante desta característica, existe um cuidado e um zelo pelas palavras, pois elas são as únicas capazes de atingir o objetivo dos que estão ausentes. Segundo Adma Muhana (2000), a abordagem desses aspectos problematiza que:

> Ausente o recurso da presença física entre o que fala e o que escuta, aquele que escreve não pode fazer uso nem da *actio* nem da *pronuntiatio* para atenuar ou realçar os elementos que mostrem a feição própria das coisas. Tudo se passa na escrita. Fala ausente, para ausentes, de ausentes. É apenas pela escolha e combinação das palavras que o escritor irá mostrar ao leitor o seu pensamento sobre as coisas, mostrando as coisas sobre as quais fala sob uma certa luz (MUHANA, 2000 p. 331).

Desse modo, a inserção da carta é voltada pela necessidade de escrever por não poder falar, como observa André Comte-Sponville (1997):

> Durante séculos a carta foi o único meio de dirigir-se aos ausentes, de levar o pensamento aonde o corpo não podia ir, aonde a visão não podia ir, e talvez esse seja o mais belo presente que a escrita deu aos viventes: Permitir-lhes vencer o espaço, vencer a separação, sair da prisão do corpo ao menos um pouco, ao menos pela linguagem, por esses pequenos traços de tinta sobre o papel (COMTE-SPONVILLE, 1997, p. 16).

Quando a carta personifica algo/alguém para um determinado lugar, podemos dizer que a correspondência se dá como uma fonte privilegiada de relações, afetividades, reações, ações. Isso permite que o leitor esteja presente como uma segunda pessoa presente nesse diálogo de ausentes (MUHANA, 2000, p. 341). A partir desse ponto, deve-se entender a correspondência como o entrecruzamento – remetente, destinatário, leitor - porque as coisas não se mostram por si mesmas, então é preciso aprender a dar forma sensível aos outros (MUHANA, 2000, p. 341), pois o

remetente se põe sob o olhar interpretativo do leitor.

No entanto, o que se revela imprescindível é o fato de que, apesar do tom íntimo impresso nas cartas, elas tonalizam a interlocução mesmo sem a presença física:

> A carta exige o prosseguimento alternado e sucessivo das escritas. O destinatário é sempre o próximo remetente. Pelo contrário, o ato de não escrever, equivalente ao de silenciar, relegaria o correspondente ao papel de um monologante insensato: como o de alguém que falasse para ninguém. Nenhuma carta, portanto, pode ser entendida como um solilóquio (MUHANA, 2000, p. 331-332).

É importante, também, que tenha ficado claro que, “ainda que na nossa época de telefonemas, fax e e-mails o velho hábito de cartear-se pareça anacrônico” (LAJOLO, 2002, p. 62), somos conduzidos a atentar um olhar fecundo sobre a escrita epistolar, principalmente, por seu aspecto de credibilidade.

Segundo Pierre Nora (1993, p.14), “a necessidade de memória é uma necessidade da história.” Assim sendo, interessam-nos as descrições de valores, práticas culturais, elementos que retratem um determinado espaço. Observemos o seguinte trecho de *A Cor púrpura:*

> Você sabia que existiam grandes cidades na África maiores que Milledgeville e até Atlanta, milhares de anos atrás? Que os egípcios que construíram as pirâmides e escravizaram os israelitas eram pretos? Que a Etiópia sobre a qual nós lemos na Bíblia era antigamente a África toda? (WALKER, 1986, p. 121).

Nettie transforma as cartas em um paralelo de conhecimento de mundo ao fazer referências aos elementos da ancestralidade. Salientamos que a funcionalidade da carta para esse “eu” é justamente de proporcionar um espaço de acolhimento, no qual o ato da escrita de Celie transcorre e auxilia na construção desse sujeito que se encontra perdido e desamparado. A funcionalidade dessas cartas é cooperar para uma construção de um “eu” transpassado por enunciados plurais, em fase de atender a um viés coletivo.

Por via do olhar de Celie Johnson, determinados acontecimentos são registrados para podermos acompanhar o processo de autoconhecimento desse “eu”. Como característica da autoria feminina negra, Nazareth Fonseca (2009) observa que:

> Na produção literária de escritoras negras, a rememoração de dificuldades vividas no dia-a-dia seja um recurso eficiente para costurar relatos de experiências traumáticas, relacionadas com a cor da pele e com a violência da exclusão vivida pelo segmento social a que pertencem (FONSECA, 2009, p. 295).

Outro fato que corrobora a interatividade da escrita desse “eu” é a comunhão com os outros. A transcrição do testemunho através desse “eu” confere-se em um processo de construção e formação que parte de um ponto (primeira pessoa do singular) e reflete o coletivo. Segundo Stuart Hall (2011):

> A identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2011, p. 11)

Por via desses meios, a escrita de si nas cartas recorre às descrições dos acontecimentos. Quem escreve adquire um olhar performático das sensações, levando à impressão subjetiva e correspondendo à construção desse corpo que se expõe. Ângela Castro Gomes aponta que “a correspondência constitui, [...], o sujeito e seu texto” (2007, p. 19), assim as práticas autorreferenciais exigem “cerradas” relações com a subjetividade, portanto nesses espaços circunscrevem-se esses discursos.

A inserção das cartas no romance de Alice Walker apresenta o gênero como único meio possível para a fala dos “silenciados”, visto que se escreve por não poder falar. A impossibilidade da fala e a permissão de desabafo apenas com Deus são elementos que desde o início da narrativa colaboram para identificarmos a emergência de um espaço alcançável para Celie. A partir do posicionamento do seu suposto pai, que determina a impossibilidade de uma conversa ao apontar que “é melhor você nunca contar a ninguém, só para Deus. Isso mataria sua mãe” (WALKER, 1986, p. 9), a narradora nos apresenta a figura de Deus como um selo protetor das violências que lhes foram impostas. Vejamos que a razão da personificação por meio da escrita produz um acolhimento da sensação de vergonha da sua condição de menina violentada, pois, ao considerarmos o abuso sexual incestuoso, teremos efeitos potencialmente traumáticos para a personagem.

Desta forma, o se permitir ao outro através da “[...] carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário [...] e uma maneira de o remetente se oferecer

ao seu olhar pelo que o mesmo lhe diz", de outra maneira "[...] a carta enviada atua, em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como atua, pela leitura e pela releitura, sobre aquele que a recebe" (FOUCAULT, 2004, p.145 - 150).

Esses espaços contêm relatos existenciais que coincidem com a história do grupo. Valendo-nos dessa observação, é necessário atentarmos para as questões socioculturais e históricas como pontos essenciais que se entrelaçam e transitam na literatura de autoria feminina negra e, particularmente, em *A cor púrpura*. Por intermédio dessa escrita de si, Celie quebra o silêncio imposto à sua voz e esse rompimento dá-se pela linha da escrita:

> Mas eu só digo, Num importa, enquanto eu puder escrever D-e-u-s, eu tenho alguma coisa.
> Eu digo, Escreve.
> Ela diz, O quê?
> Eu digo, Escreve.
> Ela diz, Só a morte pode me impedir de fazer isso.
> Ela nunca escreve. (WALKER, 1986, p. 26)

Assim, as cartas presentes no romance trazem consigo um processo de consolo, de não-abandono, de fuga da solidão, pois "escrevendo, é possível estar junto, [...] através e no objeto carta" (GOMES, 2007, p. 20). Esse último pedido contornado pelo desespero entre as irmãs é voltado pela insistência de continuar a escrever, consentindo na ideia de se personificar:

> Eu me lembro de certa vez quando você me contou que sua vida deixava você tão envergonhada que nem com Deus você conseguia falar a respeito, você tinha que escrever, apesar de achar que você escrevia mal. Bem, agora eu entendo o que você quis dizer. E independente de Deus lê cartas ou não, eu sei que você vai continuar escrevendo; o que é inspiração suficiente pra mim. De qualquer forma, quando eu não escrevo para você eu me sinto tão mal como quando não rezo, trancada dentro de mim mesma, meu próprio coração me sufocando. Estou me sentindo sozinha, Celie (WALKER, 1986, p. 120).

O ato da escrita torna-se um ritual que, de certa forma, conecta as figuras personificadas, pois os relatos inscritos são elos de purificação e ligação. Podemos perceber que a escrita aparece como mecanismo de resistência, pois, diante da condição de mulher negra, são desconsiderados as suas necessidades, os seus

temores e os seus desejos. O sentimento de não pertencimento coabita toda a trajetória do “eu” de Celie, porque o único vínculo de afeto também lhe é negado, e ela é reduzida a objeto sexual e força de trabalho.

A sua grande preocupação está concentrada na figura da irmã Nettie, pelo medo de que ela sofra abusos sexuais e de que cometa o pecado do incesto, assim como Celie cometeu. O sentimento de impureza, pecado, (des)configurou parcialmente a identidade da heroína, que não se sente digna diante da vida. Esse processo de violência sexual resulta como meio demarcador de sua submissão:

> Querido Deus,
> Enquanto nossa nova mamãe tá duente eu peço pra ele me pegá invés da Nettie. Mas ele só perguntou de que queu tô falando. Eu falo pra ele queu pudia me arrumar pra ele. Eu me enfio no meu quarto e apareço usando rabo-de-cavalo, pena e um par dos sapato de salto alto da nossa nova mamãe. Ele me bateu purque eu me visti como vagabunda, mas fez cumigo de toda maneira. (...) Eu fico na cama chorando. A Nettie, ela finalmente viu a luz do dia, clara. Nossa nova mamãe, ela também vê (WALKER, 1986, p. 17)

A força das palavras de Celie concretiza a sensação de permanência na escuridão, mas, ao se submeter aos abusos sexuais, ela protege sua irmã que vê a luz do dia clara. A referência à claridade é voltada para a inocência da irmã que não chega a ser corrompida. Percebemos que os traumas afetivos e sexuais vividos por Celie tornam-se marcas, mágoas e lembranças ruins.

A ausência dos afetos parte da infância, sendo representada pela mãe que pragueja, pelo estupro do suposto pai, pelos dois filhos que lhe são arrancados e pela distância de Nettie. Logo, o vazio dos sentimentos lhe é característico:

> Todo mundo fala do tanto queu sou boa pros filho do Sinhô. Eu sou boa pra eles. Mas eu num sinto nada por eles. Fazer carinho nas costa do Harpo num é nem como acarinhar as costa de um cãozinho. É mais como acarinhar um pedaço de madeira. Não uma árvore viva, mas uma mesa, um guarda-roupa. De qualquer jeito, eles também num gosta de mim, por melhor queu seja (WALKER, 1986, p. 37)

As ações afetivas de Celie Johnson são consequências das desastrosas experiências pelas quais passara. Os níveis afetivos, comportamentais e de inter-relações produzem o medo da intimidade, impossibilitando o estabelecimento de

ligações. O sentimento de desconfiança, tristeza, negligência com o corpo e isolamento, servem de escudo para ela se proteger de ações íntimas.

Em razão da insignificância que lhe é imposta até mesmo após o casamento, a sua vida passa a ser marcada pela violência física, psicológica e sexual perpetrada por Albert, a quem ela chama de Sinhô:

> Ele bate em mim como bate nas criança. Só que nas criança ele nunca bate muito forte. Ele diz, Celie, pega o cinto. As criança fica lá fora olhando pelas fresta. Tudo o queu posso fazer é num gritar. Eu fico que nem tábua. Eu digo pra mim mesma, Celie, você é uma árvore. É pur isso queu sei que as árvore tem medo dos home (WALKER, 1986, p. 30).

As agressões e explorações são comuns na vida de Celie. Diante dessas exposições é preciso atentar para esse “eu’, que representa tantas outras vozes que continuam abafadas pelos discursos enrijecidos. A utilização do vocativo “Querido Deus” ocasiona a reflexão de desabafo ou de pedido de socorro, a vida continuava difícil e o único ser a quem pode queixar-se é Deus. Esperançosa de rever sua irmã, as cartas direcionadas ao ser divino codificam-se como uma maneira de ela pedir pra que o ser superior e bondoso olhe para suas amarguras. Depois de descobrir que as cartas estão escondidas no baú de Albert e de se certificar que sua irmã está viva, ela se revolta contra esse Deus que a havia deixado sozinha por todo aquele tempo:

> Querida Nettie,
> Eu num escrevo mais pra Deus, eu escrevo pra você. (...) O que Deus fez pur mim?, eu pergunto. (...) É, eu digo, e ele me deu um pai linchado, uma mãe louca, um cachorro ordinário como padrasto e uma irmã queu na certa nunca mais vou ver. De todo jeito, eu digo, o Deus pra quem eu rezo e pra quem eu escrevo é home. E age igualzinho aos outro home queu conheço. Trapaceiro, isquecido e ordinário (WALKER, 1986, p. 174).

Para Celie, Deus se apresenta como um ser igual aos homens, mesquinho e indiferente aos sofrimentos vividos por ela ao longo de sua vida. Para tanto, dentre as inúmeras relações que a prática de escrever cartas possui, destacamos o seu modo de “se mostrar, se expor” (KLINGER, 2007, p. 28), como também salientamos um espaço que possibilita o refúgio. Dessa maneira, o uso da escrita em primeira pessoa introduz o tom confessional, a sensação de desnudamento, o processo de

autenticidade e oferece ao leitor a sensação de se estar face a face com a personagem.

Como podemos perceber, as palavras utilizadas por Celie transbordam sentidos e são carregadas de dizeres. À medida que as cartas são escritas, o “eu” passa a ser construído e, como podemos observar, as cartas são como condutores para o seu autodesenvolvimento e cuidados consigo.

Em seu trabalho sobre o *womanism*[31] em *A cor púrpura*, Raquel da Silva Barros (2011) põe a relação da linguagem utilizada por Celie proveniente da mesma utilizada pela avó de Walker:

> “[...] Celie fala com o tom e com as palavras de minha avó-torta, Rachel, uma velha negra que eu amava. Será que ela não existiu?” (WALKER, 1988, p. 71). E essa senhora realmente existiu. Ela era pobre e a única lembrança deixada para a neta foi o som de sua voz. Walker compreendia, assim, que negar seus antepassados através da caricaturização de sua protagonista seria uma guerra contra seu próprio povo e uma violência maior contra Celie (BARROS, 2011, p. 28).

Walker incorpora na obra relatos de existências para que a narrativa flua sempre mais. Portanto, “cada narrativa de si se posiciona de diferente maneira, segundo a ênfase que coloque na exaltação de si mesmo, na autoindagação, ou na restauração da memória coletiva” (KLINGER, 2007, p. 21). De certo modo, destacamos a inscrição de uma memória coletiva pela qual perpassa toda escrita de Celie, pois o indivíduo absorve outras referências para a construção de sua identidade, ou seja, os seus caminhos são trilhados paralelamente com a história e a memória.

3.2.3 O mecanismo do Diário de Bitita

Passada a meteórica e breve fama, já longe dos holofotes, Carolina Maria de Jesus recebeu em seu sítio duas jornalistas francesas e lhes entregou seu último manuscrito. Sua primeira publicação foi na França, em 1982, com o título *Journal de*

---

[31] Womanism – Termo cunhado por Alice Walker para designar outra faceta do feminismo: serve para dar visibilidade à experiência das mulheres negras que têm estado na linha de frente do ativismo contra a marginalização da mulher de cor dos textos históricos e da mídia como um todo.

Bitita e veio a ser publicada no Brasil em 1986[32], após a editora Nova Fronteira comprar o direito de edição. Em ambas as publicações, o título utilizado foi o gênero diário, mesmo sabendo que a escrita de Carolina não se configurava nos pressupostos exigidos pelo termo.

O primeiro ponto que salientamos ao nos referirmos à obra de Carolina cerca-se de uma produção de *marketing*. Ao serem entregues os manuscritos, a escritora sugeriu possíveis titulações: *Minha vida* ou *Um Brasil para brasileiros*[33]. Entretanto, com a ideia de dar continuidade à primeira obra, o mercado editorial decidiu lançá-la sob o título de diário, a fim de que ela adquirisse o mesmo sucesso de *Quarto de despejo:* diário de uma favelada (1960).

Portanto, um traço – o tempo – desperta o limite entre a memória e o diário: enquanto uma trata de um processo retrospectivo e ligado extremamente à fixação do passado, o outro se sonda sob uma linearidade de acontecimentos e é consubstanciado pelo cotidiano.

Certamente, a primeira sensação do leitor ao ler *Diário de Bitita* é a de se deparar com a imprecisão da forma literária. Em face dos fragmentos das memórias de Carolina, sugere-se a desconstrução do diário, e a visibilidade retorna para os aspectos memorialísticos ultrapassando os limites, como nos apresenta Maria José Mota Viana (1995):

> Assim, a escolha da modalidade de escrita, bem como o tom, o ritmo e a extensão, ficam sob inteiro encargo do escritor. Se o enunciado na obra autobiográfica tem como obrigatoriedade a referência ao passado, seja ele remoto (memórias) ou próximo (diários), o estilo, a forma de enunciação, em contrapartida, está ligado ao presente do ato da escrita (VIANA,1995, p. 16-17)

A ação da escrita de Bitita se atrela à atmosfera do desejo de se expor e através de seu testemunho ela apresenta um passado que talvez possa responder aos acontecimentos do presente, para que, assim, possamos compreender os momentos decisivos da sua trajetória. Consciente de seu papel como escritora, Carolina apresenta um olhar marcado pelas injustiças sociais vividas por ela e pelos seus.

Na tentativa de se compreender e de se deixar compreender, a escrita de Carolina põe sobre a mesa os relatos de sua vida e da vida dos que sofrem, assim

---

[32] Essa edição foi escolhida para ser trabalhada na nossa pesquisa.
[33] Ver a obra Diário de Bitita (1986) na página 36

como ela, as injustiças sociais. As experiências passadas são entrecortadas de ficção, e o discurso de Carolina na fase adulta recria um passado através da Carolina criança. Apoiados no que defende Gizêlda Melo do Nascimento (2006), podemos assegurar que a obra desta sacramentense nos permite:

> Vasculhar a memória a ponto de tornar possível perceber, como num desenho, perfis tradutores de uma realidade vivida, perdida, porém, no tempo. Pequenos detalhes, dados aparentemente irrelevantes, citados despretensiosa e aleatoriamente dentro de um episódio, mas que, passado o tempo, ganham singularidade na medida em que recuperam o retrato sócio histórico de uma época (NASCIMENTO, 2006, p. 54)

Ilustremos com a passagem da obra uma apresentação da condição histórico-social ao qual o “eu” Bitita está inserido:

> Agora já estava compreendendo que, entra governo, sai governo, o pobre continua sempre pobre. Os sonhos de melhores dias não eram para nós. Nós vivíamos como São Lourenço na grelha incandescente. [...] Para mim a escravidão havia apenas amainado um pouquinho. [...] Em poucos dias o povo só dizia: - “Getúlio! Getúlio!” Até as crianças. Que fé! Que confiança que o povo deposita, no governo que vai tomar posse! Com se ele fosse um bálsamo para as suas dificuldades (JESUS, 1986, p. 159)

A abordagem da Era Vargas na obra faz referência a esperança do povo por um novo sistema político, porém levando em consideração o olhar singular e o teor crítico da sua escrita, Jesus põe um aporte histórico em que o passado, o presente e o futuro são constituídos de ecos permanentes da condição de subserviência dos negros como escravos.

Asseguramos que, na extensão da obra, existe a forte presença da reconstituição dos elementos memoriais, pois a sua escrita projeta, através dos capítulos, as constantes resistências do ser pobre e negro.

Verificamos a figura do avô como um vulto que sai da senzala na pós-abolição, a substituição de São Benedito por São Januário fazendo alusão à imigração italiana, as figuras de Tiradentes e Rui Barbosa. Esses aspectos são, pois, encontrados na escrita da Carolina, ao delinear o contexto histórico de suas memórias.

Dessa maneira, os seus relatos pretendem reconfigurar seu percurso ao utilizar o teor autobiográfico. Segundo Gusdorf (2012), a autobiografia toma como objetivo a seleção de acontecimentos, pois:

> Manifestar a verdade total de uma vida em seu conjunto ou, pelo menos, em suas partes mais decisivas. A busca do sentido está relacionada com os grandes conjuntos da vida individual, o qual obriga o escritor a ter perspectiva em relação a sua existência passada, superando até as profundidades do seu ser (GUSDORF, 2012, p. 33-34)[34].

Inicialmente, ao tratarmos sobre a forma narrativa do diário, verificamos o uso de dois elementos: o vocativo e a marcação do “eu”. Esses pontos são responsáveis pela sustentação de uma escrita que efetua uma confidencialidade e como resultado encontramos um jogo compartilhado com um outro, pois tem-se a ideia que a partir do momento que um “eu” se inscreve, ele faz surgir um “outro eu”.

O alcance e o compartilhamento com os outros são meios de validarem as experiências e de proporcionarem uma significância para esse “eu” autêntico. Por isso, o uso do verbo “ser” na primeira pessoa do singular leva-nos a compreendê-lo como suporte de autodefinição. É curioso verificar que esta ambientação proporciona uma resistência ao esquecimento de si, pois, a partir dos relatos, a função de enraizar os acontecimentos ocorre sob um olhar posterior do acontecido, mas de forma imediata.

O diário íntimo tradicional sofreu alterações no transcorrer dos séculos. Diante das concepções de Beatrice Didier (1976), esse desvio se deve a inserções históricas como o cristianismo, o individualismo e o capitalismo:

> Do primeiro, o diário retém a atitude confessional, o desejo de purificação e absolvição, a regularidade da contrição que o aparenta à oração, o exame de consciência. Do segundo, a crença no indivíduo, o interesse pelo particular. E do terceiro, a sua forma de “balanço”, de livro de contas, visando preservar um capital de recordações, vivências, factos históricos, pessoas, lugares, etc. (DIDIER, *apud* TOLEDO, 2011, p. 35).

Podemos enxergar um artefato flexível e aberto às transformações. Devemos ter em mente que a introspecção proporciona um ar de autenticidade e transparência, favorecendo este instrumento para o conhecimento de si. Neste caso, a mediação

---

[34] Manifestar la verdad global de una vida en su conjunto o, al menos, en sus partes más decisivas. La búsqueda del sentido está relacionada con los grandes conjuntos de la vida individual, lo cual obliga al redactor a tener perspectiva en relación con su existencia pasada, remontándose hasta las profundidades de su ser.

reflexiva dá-se por um eu-sujeito que se põe como um eu-objeto e, em decorrência disto, a escrita do próprio discurso conduz ao processo de alteridade.

Parece evidente, pois, que através desta escrita temos um largo repositório de experiências, empreendendo sobre si uma clara discussão que traz o diário íntimo como um território de auto representação sempre propenso a uma demarcação de enunciação. Segundo Manuel Hierro (1999):

> A individualidade de um eu-narrador, sujeito do enunciado e da enunciação, que se escreve e inscreve dia a dia de forma fragmentária e onde pretende mostrar – nas acepções de aparecer, desdobrar ou exibir – a corrente de seus pensamentos, os atos que lhe parecem mais importantes, assim como as reflexões causadas pelo contato e a interação com cenas da realidade exterior (HIERRO, 1999, p. 114).[35]

A enunciação resulta de uma centralidade da presença do sujeito como objeto do próprio discurso, a intencionalidade das escritas pode ser justificada pela regulamentação de acontecimentos de um passado que se põe presente.

A intensidade e espontaneidade são elementos atrativos do diário, são marcas salientadas pelo caráter confessional, conferindo um valor a essa matéria documental. Logo, a escrita do diário processa o movimento do tempo para expressar as palavras, e a primeira exigência da narrativa é a obediência imposta pelo tempo, o registro do que “foi” em um “agora”.

No entanto, ao observarmos *Diário de Bitita* (1986), constatamos um aspecto incoerente entre o título da obra e o conteúdo, pois ao percorremos as linhas, verificamos que não se trata de um diário típico, pois este gênero discursivo, via de regra, faz uso do tempo presente, enquanto Carolina se apega a elementos memoriais que estão ligados ao passado.

Christiane Vieira Soares Toledo (2011), ao trabalhar com os diários de Carolina Maria de Jesus, norteia sua pesquisa analisando o processo de representação da escrita de si nas obras da ex-favelada e, ao tratar do *Diário de Bitita*, problematiza a sua funcionalidade:

> Em função de essa narrativa ser retrospectiva, de rememoração, talvez Carolina não tenha atribuído à obra o título de diário, preferiu

[35] La individualidad de un yo-narrador, sujeto del enunciado y de la enunciación, que se escribe e inscribe día a día de forma fragmentaria, y donde pretende mostrar – en las acepciones de aparecer, desplegar o exponer – la corriente de sus pensamientos, los actos que le parecen más importantes, así como las reflexiones causadas por el contacto y la interaccíon con escenarios de la realidad exterior.

> escolher outra “honra” para o seu texto. Ela sabia como escrever um diário, e percebia que relatar recordações era diferente de apontar o presente. Nesta obra, o termo diário teria uma relação mais direta com o gênero que havia consagrado a autora, do que propriamente com a natureza da narrativa em destaque (TOLEDO, 2011, p.70).

Ao realizar uma leitura crítica do *corpus*, podemos compreender a apresentação de uma Bitita em decorrência de uma fragmentação construída por Carolina. A autora parte da exposição, ao longo de seu texto, de fragmentos que salientam as rememorações como evidências de momentos marcantes na construção do “eu” de Bitita.

Temos, nesta escrita, a germinação da existência de vinte e dois capítulos temáticos que tratam de momentos marcantes da vida da autora, os quais compreendem o período de 1914 a 1937, somando os momentos vividos na zona rural de Sacramento – MG. Esses são elementos que revelam e representam o período que parte desde sua infância à juventude. Assim, temos os relatos que rememoram fatos históricos, discriminações, preconceitos, trazendo como pano de fundo a situação dos pobres, de forma especial dos negros no Brasil:

> Havia os pretos que morriam com vinte e cinco anos: de tristeza porque ficaram com nojo de serem vendidos. Hoje estavam aqui, amanhã ali, como se fossem folhas espalhadas pelo vento. Eles tinham inveja das árvores que nasciam, cresciam e morriam no mesmo lugar. Os negros não são imigrantes, são acomodados. Não sonham com outras plagas. Às vezes o homem era vendido e separado de sua esposa. Os sinhôs haviam espalhado que eles eram amaldiçoados pelo profeta Cam. Que eles haviam de ter a pele negra, e ser escravo dos brancos. A escravidão era como cicatriz na alma do negro (JESUS, 1986, pp. 58-59).

Através do mecanismo do diário, Carolina faz uma combinação dos capítulos para pôr em movimento elementos que estruturem a sua escrita. Como resultado, somos acometidos por figurações de outros discursos que partem de um coletivo, tanto do âmbito familiar quanto do social, e, por intermédio destas circunstâncias, discute-se a criação de signos presentes nos discursos que se entrecruzam ao “eu” da obra.

O primeiro capítulo, intitulado *Infância*, ressalta os mais variados questionamentos sobre o seu “eu”, numa espécie de *avant-première* no mundo. A seleção dos acontecimentos a serem transcritos apresenta uma criança

questionadora, destemida, persistente nos caprichos, determinada em suas convicções. A Carolina criança se põe inquieta perante o mundo e o seu lugar nele:

> Um dia perguntei a minha mãe:
> _Mãe, eu sou gente ou bicho?
> _ Você é gente, minha filha!
> _ O que é ser gente?
> A minha mãe não respondeu (JESUS, 1986, p. 10)

A inserção deste “eu” como criança reflete as figuras que apresentam um valor significativo para Bitita, a exterioridade auxilia na construção desse sujeito e, ao se instalar em suas memórias, ela atribui um signo irrelevante para a própria formação. Uma dessas representatividades é vinculada à figura ancestral do seu avô, Benedito José da Silva:

> Eu olhava aquelas mãos, pele e ossos, cadavéricas, que outrora foram vigorosas. Que haviam trabalhado para enriquecer os portugueses e trabalhado para criar os filhos e os netos. E olhei com simpatia aquelas mãos honestas. O vovô abriu os olhos e nos disse: - Todo o mal que se faz paga-se. O mal e o bem são dívidas sagradas para com Deus e recebemos tudo com juros: o bem, e o mal (JESUS, 1986, p. 119)

A própria nomeação do avô faz referência ao seu dono, e, mesmo não compreendendo o mundo como um todo, ainda criança, ela percebe a importância cromática. No transcorrer da narrativa essa notabilidade da cor aparece com ênfase. Vejamos alguns momentos que intensificam a condição da cor:

> Quando havia um conflito, quem ia preso era o negro. E muitas vezes o negro estava apenas olhando. Os soldados não podiam prender os brancos, então prendiam os pretos. Ter uma pele branca era um escudo, um salvo-conduto (JESUS, 1986, p. 52).

Em outro momento, a obra apresenta um questionamento sobre a sua condição ‘inferior’ de menina negra (aspecto de gênero e raça):

> Não sei se era ciúme, mas eu notava diferenças nos modos da mamãe nos tratar. O meu irmão era o predileto. Eu pensava: “Ela trata-o com todo carinho, porque ele é mulato. E eu sou negrinha” (JESUS, 1986, p. 81).

...

> O meu irmão brigava comigo, quem apanhava era eu. E me queixava para minha mãe: - A senhora protege o Jerônimo porque ele é filho legítimo. E eu, sou bastarda (JESUS, 1986, p. 83).

A noção de não aceitação em seu meio predispõe Bitita a ser mais analítica em relação aos acontecimentos da vida. Como o tempo da escrita é distante do vivido, Carolina reelabora as lembranças de uma criança e tenta mapear suas raízes, transformando o passado em um presente eterno por via da escrita.

Desse modo, a utilização das memórias como instrumento da escrita de si constitui-se em um discurso particular por meio do qual o escritor expõe fatos de sua história na complexa tarefa de reconstrução. Esse recurso põe sobre o “eu” a tarefa de revisitar as lembranças, amparadas pela impossibilidade de deter os mínimos detalhes em uma sequência perfeita. É necessário esclarecer que a reconstituição do passado não será atingida inteiramente como nos relata Lacerda (2000):

> Isso não significa dizer que as lembranças da memória são (e são sempre) criação ou exercício de pura imaginação literária. Ainda que elas fizessem parte de uma invenção meramente literária, cada escritora, ao recriar e reinventar seu passado, estaria mesmo assim movida pela realidade de seu entorno e pela própria realidade social, cultural, pessoal familiar e profissional em que viveu, na qual se insere e à qual está exposta cotidianamente (LACERDA, 2000, p. 85).

Nos relatos de Carolina, compreendemos a inserção do autobiográfico como uma forma de entender o discurso testemunhal. Ao nos oferecer sua escrita ela constitui um discurso autêntico, certamente, já notamos que a nossa cultura contemporânea está marcada pela subjetividade, e o indivíduo que fala ou escreve fomenta seu discurso com autoridade. Outro ponto salientado é sobre o aspecto religioso:

> O único mês que eu sabia que existia era o mês de maio. E os negros iam pedir esmolas. Saíam com uma bandeira com o retrato de São Benedito. Quando chegavam nas casas dos ricos, as madamas introduziam as bandeiras dentro dos quartos e salas suplicando ao santo que lhes auxiliasse. (...) Elas davam a esmola, mas faziam inúmeros pedidos (JESUS, 1986, p. 22).

Bitita possui uma infância marcada por símbolos africanos, o próprio avô detinha forte referência na comunidade devido às rezas e era convidado a participar

de outras comunidades. Após sua morte, chegou a ser denominado como o “Sócrates Africano” devido a sabedoria que detinha.

Outro apontamento na construção desse “eu” se refere à indignação de Bitita referente à situação dos negros, pois há uma grande interrogação sobre o ser negro brasileiro e a permanência na ignorância diante do branco opressor. A melancolia e a tristeza começam a encontrar solo nos pensamentos de Bitita:

> Fui ficando triste. O mundo há de ser sempre assim: Negro praqui, negro, prali. E Deus gosta mais dos brancos do que dos negros. Os brancos têm casas cobertas com telhas. Se Deus não gosta de nós, por que é que nos fez nascer? Fui procurar a minha mãe. – A senhora pode me dar o endereço de Deus? Ela estava nervosa deu-me uns tapas. Fiquei horrorizada: “Será que minha mãe não vê a luta dos negros? Só eu!” Se ela me desse o endereço de Deus, eu ia falar-lhe. Para ele dar um mundo só para os negros (JESUS, 1986, p. 93).

As marcas que ficaram em suas lembranças são refletidas sempre na condição de um “eu” inserido na coletividade. Onde está Deus que não vê e não enxerga as dificuldades do povo negro? Deixá-los assim, padecer sob a mão do branco, é comovente, em razão de se reconhecer no olhar de criança diante das tantas injustiças e desigualdades.

O avô sempre apresentou o processo de alfabetização como meio de libertação, o conhecimento seria a arma para aqueles que nasceram assegurados pela Abolição. Os negros tinham as primeiras instruções escolares, mas não terminavam os estudos porque a continuação era interrompida por necessidades econômicas:

> Li: “Farmácia Modelo”. Fui correndo para casa. Entrei como os raios solares. Mamãe assustou-se. Interrogou-me: ─ O que é isto? Está ficando louca? ─Oh! Mamãe! Eu já sei ler! Como é bom saber ler! Vasculhei as gavetas procurando qualquer coisa para eu ler. A nossa casa não tinha livros. Era uma casa pobre. O livro enriquece o espírito. Uma vizinha emprestou-me um livro, o romance Escrava Isaura. [...] Eu lia o livro, retirava a síntese. E assim foi duplicando o meu interesse pelos livros. Não mais deixei de ler (JESUS, 1986, pp. 126- 127).

Crescer em uma sociedade que já delimita os espaços dos brancos e dos negros, centralizando os negros nos trabalhos de escravidão, de péssima remuneração, enquanto os brancos vão estudar nas capitais. Esses papéis sociais

são bem definidos e percorrem dentro do próprio grupo, pois a delimitação dos espaços é cartografada pelas questões de gênero, raça e classe.

O viés patriarcal inibe a figura feminina, e a violência incorpora um senso comum:

> O meu avô retirou a cinta da cintura e espancou-a. Dizia: - É a última vez que a senhora vai fazer compras sem o meu consentimento. Quando quiser sair, peça-me permissão. Quem manda na senhora, sou eu! Se a senhora não sabe obedecer – vai embora! A siá Maruca chorou (JESUS, 1986*,* p. 81).

No decorrer dos acontecimentos, a narrativa já passa a apresentar uma visão crítica de Bitita sobre o mundo. Apesar das inúmeras tentativas de se situar nele, ela é acometida pelas dificuldades, e a solidão se concretiza como grande referência na condução de suas colocações.

No capítulo “As leis da hospitalidade”, ela apresenta com nitidez o desamparo a que são relegados os pobres: ao ser acometida por uma doença nas pernas, ela segue em busca de cura iniciando sua peregrinação. As viagens a pé, ao relento, passando fome, são aspectos abordados por Carolina diante das dificuldades apresentadas sem ter o auxílio de praticamente ninguém.

A tristeza de não alcançar seus objetivos, a dificuldade de se situar, as agruras vividas por todo esse tempo são setas norteadoras na vida de Carolina. O sentimento de abandono, de não pertencimento levam-na a querer ir mais longe e a buscar na tão sonhada cidade de São Paulo um novo motivo, uma nova vida:

> Até que enfim, eu ia conhecer a ínclita cidade de São Paulo! Eu trabalhava cantando, porque todas as pessoas que vão residir na capital do estado de São Paulo rejubilam como se fossem para o céu. No dia da viagem, não dormi para não perder o horário. O trem saía às sete horas, mas eu cheguei na estação às cinco horas. Que alegria quando embarquei! Quando cheguei à capital, gostei porque São Paulo é o eixo do Brasil. É a espinha dorsal do nosso país. Quantos políticos! Que cidade progressista. São Paulo deve ser o figurino para que este país se transforme num bom Brasil para os brasileiros. Rezava agradecendo a Deus e pedindo-lhe proteção. Quem sabe ia conseguir meios para comprar uma casinha e viver o resto dos meus dias com tranquilidade (JESUS, 1986*,* p. 202-203).

Na escrita de Carolina fica claro que a produção de seus textos compactua com temáticas que abordam o “eu” e o coletivo, fundindo-se na consciência histórica. A

construção desse “eu” é perpassada por injustiças, e, mesmo assim, a narradora segue com seus objetivos, acreditando que do outro lado da margem estará a tão sonhada tranquilidade.

A utilização da escrita de si, a demarcação de um sujeito enunciativo e o aparato intimo são setas para a construção desse indivíduo. Logo, o processo de apropriação da conscientização de se tornar negro conduz à construção de um discurso autônomo, significativo e, ao mesmo tempo, simbólico. Em *Tornar-se Negro* (1983), Neusa Santos situa um paralelo entre as emoções e a construção da identidade negra, tornando-se possível a criação de uma ponte com as concepções de pertencimento e aceitação em volta da figura de Bitita.

A hostilização dos outros discursos tece nas memorias do sujeito enunciador alguns traços ambivalentes que circundam as designações. Elabora-se, paulatinamente uma escrita de si/outros, em que aparecem, sob o olhar crítico, os registros históricos e as discriminações ante a rememoração da trajetória de um ser negro. Pomos em evidência a validade circunstancial dessas lembranças, revalidando a escrita singular da autora, pois evidenciamos que essa obra é composta por um olhar de Carolina adulta, que se põe na “escrita” através de um olhar de criança (Bitita).

Por fim, averiguamos que, mesmo não possuindo o suporte de diário para se fazer na íntegra de suas características, como o acompanhamento de data e rituais cotidianos, essa escrita de si volta-se para a construção identitária da mulher negra. A presença dos outros discursos é energicamente condizente com a ressignificação desse “eu” presente no mecanismo da escrita do diário.

3.3 A escrita do “eu”: os entrelaçamentos e as desincorporações

Se a escrita de si consiste em narrar a história de um “eu”, este gesto surge diante das personagens como situação de isolamento e também como meio de refúgio. Esses textos comportam um lugar privilegiado do segredo, mas apresentam-se como gênero aberto ao outro. Para reflexão dessa trajetória nas obras de Alice Walker e Carolina Maria de Jesus, propomos levar em consideração que estamos diante da exposição de um “eu” que busca, através da prática ou do exercício da

escrita, conduzir a construção do indivíduo, partindo da elaboração desse percurso alinhado às experiências e às lembranças.

Ao longo da análise das obras, observamos a existência de pontos divergentes que abarcam as próprias autoras, as suas formações, os contextos histórico-sociais, a linguagem, a abordagem de tópicos, porém todos esses incrementos apontam para um ápice em comum. Em suma, existe a figuração de um “eu” que é revelado a partir de uma construção de si intermediada por outras vozes, e que são abarcadas por gêneros confessionais que proporcionam credibilidade a esse “eu”.

O primeiro ponto a ser enaltecido, devido à grande importância e necessária ênfase, é a vinculação das próprias edições. Ressalvamos que a primeira publicação de ambas as obras é datada do ano de 1982: a obra da afro-americana foi publicada em seu próprio país, enquanto a obra da afro-brasileira foi lançada na França. Aquele período foi marcado por uma efervescência institucional sobre os estudos acerca dos ditos “marginalizados”, proporcionando uma nova ótica para a postulação dessas reflexões. Cabe-nos a lembrança de que as duas publicações, coincidentemente, além de ganharem as primeiras edições no mesmo ano, ganharam suas edições no território brasileiro no ano de 1986.

Pensando nisso, ao selecionarmos alguns pontos que interligam os aspectos presentes em ambas as obras, podemos observar que a presença desse “eu” é voltada para uma abordagem multidiscursiva que faz referência aos seguintes tópicos: a) a ausência/ restrição de afetos; b) a crença/revolta em/contra Deus, c) o poder da leitura e da escrita; d) a condição de ser mulher negra; e) a coletividade, entre outros fatores. Evidenciamos que a escrita dessas autoras são estratégias políticas designadas na utilização de uma transposição das memórias individuais e coletivas.

Atentemos para esses diversos aspectos que versam sobre a construção desses “eus”. Por isso, é importante que observemos a forma peculiar da escrita de Alice Walker e de Carolina Maria de Jesus, pois esses discursos contrapõem-se ao discurso hegemônico ao apresentarem os conflitos sociais em que suas respectivas protagonistas estão inseridas. Homi Bhaha (2007) apresenta algumas teorias contemporâneas: “é com aqueles que sofreram o sentenciamento da história – subjugação, dominação, diáspora, deslocamento – que aprendemos nossas lições mais duradouras de vida e pensamento” (BHABHA, 2007, p.240).

Ao processar as representações nas respectivas escritas, temos a presença de marcas instituídas e perpetuadas na existência, intermediações que são iniciativas

engendradas pela autoria afro-feminina responsáveis pelas articulações, delineações e contornos politizados sobre questões de raça, gênero e classe.

À primeira vista, as obras em análise parecem distantes por estarem localizadas em espaços distintos, porém estas escritas estão entrelaçadas por tratarem das narrativas do “eu”, por proporcionarem a voz para as ditas minorias e por comungarem dos fatores históricos e sociais de seus países. É perceptível que tanto *A cor púrpura* quanto *Diário de Bitita* apresentam pontos fundamentados na relação das condições de subserviência e dominação, pois essa iconografia imprime a atuação conjunta do sexismo e do racismo. Assim sendo, observamos que a elaboração desses textos é fundida na convicta formação das autoras sobre as necessárias abordagens da condição de serem mulheres negras, pois (des)silenciam suas figuras e marcam as expressividades das historicidades de um coletivo.

A pretensão de construir um discurso que legitime e valorize as vozes de mulheres negras é construída por meio de estratégias diversas. Assim, essas estratégias partem da incorporação com outros diálogos e apontamentos que sinalizam a imposição do sublugar às mulheres negras. Por isso, identificamos nas obras a forte presença de figuras auxiliadoras no processo da construção das personagens Celie e Bitita.

Sob outro ângulo, identificamos o processo de letramento e sabedoria que são apresentados nas figuras insubstituíveis de Nettie – a irmã de Celie - e de José Benedito – avô de Bitita. Ambos os discursos direcionam a importância da leitura e da escrita para as personagens. São essas duas figuras que também representam o laço familiar que traz pontos afetivos para a construção desse “eu” solitário.

A abordagem da própria figura masculina se apresenta como o meio comparativo das personagens enunciadoras. Quando Celie é apresentada como um “homem” que não se nega às excessivas jornadas de trabalho, ela passa a ser aceita pelo Sinhô como meio de exploração (física e sexual). Enquanto em Bitita, percebemos que o homem é a figura do dominador, do explorador, aquele que oprime, e a vontade de ser homem gera para a criança Bitita a ideia de independência.

Os reflexos sexuais são acentuados na obra de Walker. Desde o início da narrativa, deparamo-nos com o estupro pelo suposto pai e com as constantes agressões sexuais vividas por Celie, que a inibem de sentir prazer. É a partir da relação com Docy que surge a identidade homoafetiva; após o reconhecimento do próprio corpo e da experiência de prazer, ela expressa e explora seus desejos sexuais.

A ideia da sexualidade na escrita de Carolina é criada de forma ingênua por ser apresentada por uma criança, vejamos que, no seu contexto, as mulheres brigavam pelos homens, e, em razão desses apontamentos, houve uma comparação do gosto do homem com o gosto de banana frita com açúcar e canela. Em outro momento, também temos a visão infantil de que as mulheres, ao deitarem na cama, ganhariam dinheiro. A construção da sexualidade dessas personagens é distinta, porém o seu desenvolvimento é intermediado por outros discursos.

Tanto Alice Walker quanto Carolina Maria de Jesus são conscientes de sua funcionalidade como escritoras. Assim elas constroem narrativas reelaborando acontecimentos, pois o grande interesse é reconhecer, pelas memórias, a presença da alteridade e da autonomia nessas escritas de si. Ao conceberem essas narrativas fragmentadas, Alice Walker e Carolina Maria de Jesus ecoam as vozes de mulheres, em especial, das mulheres negras que foram duramente sacrificadas e marcadas pelas tangentes da escravidão.

Talvez aí se possa ter a sensação de ouvir o arrastar das correntes, os choros de bebês que não puderam ser alimentados pelo seio da mãe, as mulheres estupradas, a sensação de “coisificação”, a amplitude da violência e os seus respectivos graus de crueldade, tanto psicológicos quanto físicos: “o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se torna o lugar da vida” (EVARISTO, 2005, p. 54).

Neste sentido, a condição de não pertencimento a um mundo que lhes oprime evidencia as marcas que expressam na pele o legado que lhes foi imposto. Nessas escritas, “[os] temas da problemática social (sentido comunitário, solidariedade) predominam sempre sobre os temas individuais: eu sempre corresponde a nós”, como enfatiza Zilá Bernd (1988, p. 27).

Pensando na existência desses aspectos com base nas memorias individuais e coletivas, podemos assegurar que “nós não somos brancos. Não somos europeus. Somos pretos que nem os africanos. E nós e os africanos estaremos trabalhando juntos por um objetivo comum: uma vida melhor para os negros do mundo todo” (WALKER, 1986, p.156). Portanto, comungamos com tais pensamentos, pois acreditamos que a escrita desse “eu” resistirá e será eternizada no papel e, desse modo, as cartas e os diários serão escritos solitariamente, como práticas da ascese, e, indubitavelmente, ressignificarão as memórias individuais e coletivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de um longo percurso traçado em cerca de um ano, fomos adentrando leituras que requisitaram outras leituras, tornando a pesquisa mais e mais instigante. Como resultado dessa empreitada, acometeu-nos a necessidade de mudanças e contornos, até chegarmos a uma abordagem mais direta. Apesar de enfatizar na própria titulação a pretensão da pesquisa, fomos tomadas por muitas vertentes que ligam os elementos presentes nas obras, mesmo em razão das divergências de contexto histórico, político e geográfico de suas autoras.

Ao direcionarmos o olhar sobre as autoras Alice Walker e Carolina Maria de Jesus, conferimos um espaçamento entre situação, contextualização e localização que as coloca em eixos opostos. Porém, as suas escritas apresentam uma funcionalidade crítica que, de forma simples e não simplista, confere-nos os aspectos políticos, uma ânsia escriturária e uma preocupação em portar a voz de uma minoria oprimida.

Ao criarmos essa ponte para a análise das escritas das autoras, fomos levados a uma investigação da escrita de si nas obras *A cor púrpura* e *Diário de Bitita*, respectivamente. É necessário compreendermos que essas vozes, ao tratarem deste "eu", abordam um processo coletivo, e, por isso, suas escritas passam por um processo reflexivo sobre o feminismo negro, a subjetividade e as opressões de raça, gênero e classe.

Convictas dos seus papéis na esfera literária, as referidas autoras se tornaram visionárias, sedentas por uma nova perspectiva ideológica na literatura de autoria afro-feminina. Suas escritas direcionam-se para uma nova representação da condição da mulher negra, assim os traços expressivos das lembranças enfatizam as intercepções nos espaços.

A escrita de si compreende uma liberdade expressiva para Celie e Bitita, que produzem meios de resistência a partir das cartas e do diário, assim a tática de lançar ao público esse "eu" produz um jogo de proximidade com o outro, e isso proporciona um elo de acepção às afronarrativas. Essas produções, ao vincularem referencialidade ao passado histórico, condicionam reflexões acerca deste presente, por isso, a construção das narrativas e a presença das diferentes vozes que compuseram os fragmentos do *corpus* reconstroem pontos obscuros e passam a

retratar uma nova imagem da memória.

O aspecto político da escrita de autoria afro-feminina configura-se na reconstrução de suas identidades. Neste contexto, observamos o uso de instrumentos confessionais como proporcionadores do registro dessas vozes para a construção de um discurso transformador. Com esses artefatos, temos a rearticulação de elementos para uma reafirmação dos valores destinados a uma autorrepresentação.

Seguramente, o elo com o passado leva-nos aos discursos tecidos nestas narrativas. Com a inserção de outros sujeitos nesses espaços, temos o estabelecimento de uma relação entre o “eu” e o “outro”, em razão de todas as enunciações das personagens serem consubstanciais no processo de ressignificação, para que se possa tornar possível a construção deste sujeito transitório nas narrativas.

As reflexões memoriais – individual e coletiva – ressoam nos processos identitários e geram novos significados, pois o próprio sujeito ao se inscrever não faz alusão a uma pura referencialidade, porque nossas lembranças estão entrecruzadas com outros discursos. Logo:

> Podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros” (POLLAK, 1992, p. 204).

A presença/escrita afro-feminina em qualquer ambiente é um ato político que vai de encontro aos discursos dominantes e determinantes de um status, que destina o silêncio a uma parcela minoritária. Aliadas em reconstituir os movimentos históricos, em meio às relações de subjetividade e alteridade na memória, centralizamos o nosso olhar sobre as práticas subjetivantes que são compostas através das cartas e do diário. Assim, fomos levados a pensar nessas memórias individuais e coletivas, e na sua introdução da construção desses processos identitários étnico-racial.

Pudemos compreender que a constituição desses sujeitos passa pelos jogos de verdade apontados por Foucault (2010), pois ele acredita que:

> O homem produz usando técnicas de produção, comunica-se por meio de técnicas que são os sistemas simbólicos, governa a si e aos outros por relações de poder e finalmente, elabora técnicas para voltar-se para si, as tecnologias do eu (FOUCAULT, 2010, p. 95).

A intensidade das escritas e a constituição da autoria afro-feminina elaboram uma estética para compreendermos a construção da identidade destas mulheres negras que refletem tantas outras mulheres que perduraram na invisibilidade. Mediante essas observações na análise das memórias inseridas nas escritas do “eu”, nas obras de Alice Walker e de Carolina Maria de Jesus, observamos a existência de uma cooperação para a construção de um “eu” e do seu espaço no mundo.

Esta dissertação buscou contribuir para a reflexão da escrita do “eu” na literatura de autoria afro-feminina. Consequentemente, a divisão dos tópicos em três capítulos confere uma estruturação que faça compreender a interseccionalidade presente nos gêneros confessionais como meios possíveis para uma afro-narrativa, nos pilares do feminismo negro, na validação/credibilidade das memórias, resultando na possibilidade de constituir essas vozes sob uma nova perspectiva.

Desta maneira, chegamos à conclusão de que a emancipação possibilita o rompimento com estereótipos depreciativos para que possa surgir um vigoroso processo discursivo, apontando estratégias de resistência que, associadas à escrita de si, permitem (re)escrever a história. A presença da cartografia destas escritas de autoria afro-feminina é condicionada por um processo de articulação política que independe do contexto sociocultural em que elas se evidenciam.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Trad. de J. Oliveira e A. Ambósio de Pina. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BARBOSA, José Juvêncio**. Alfabetização e leitura**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

BARROS, Raquel da Silva. A cor púrpura e a lavanda: o womanism em A cor púrpura de Alice Walker. In: **Revista África e Africanidade**. Vol. 14-15, 2011.

BARCELLOS, Sérgio. Aproximações: Teorias contemporâneas da literatura, identidade e diários. In.: TERRA ROXA e outras terras**. Revista de Estudos Literários**. Vol. 9 (2007) p. 50 http://www.uel.br/cch/pos/letras/terraroxa

BARRETO, Raquel de Andrade. **Enegrecendo o Feminismo ou Feminizando a Raça**: Narrativas de libertação em Angela Davis e Lélia Gonzalez. (Dissertação de mestrado). Pontifica Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.

BERND, Zilá. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Tradução Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu** (26), janeiro-junho de 2006: pg. 329-376.

BRASIL, Lei nº 6.538/1978. **Serviços postais**. Brasília: DF, junho de 1978.

BRASIL, Patrícia Ribeiro. **Será a autobiografia uma poética da modernidade**?: uma leitura comparada entre Ayaan Hirsi e Gioconda Belli. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

BRUNO, Fernanda. Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e comunicação. Revista **FAMECOS**, Porto Alegre, nº 24, jul.2004.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 22-24, 1997.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo**: a Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma Perspectiva de Gênero. Disponível em: < http://www.unifem.org.br/sites/700/710/00000690.pdf > Acesso em: 09 de abril de 2016.

_____. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, Dec. 2003. Acesso em 02 agosto de 2016

CARVALHO, Nilma Machado. ‘**Eu:** narrador e personagem, suas singularidades in memórias’. Disponível em www.letras.ufmg.br/espanhol/Anais/anais.../Eu%20narrador.pdf. Acesso em 09 de abril de 2016)

COMTE-SPONVILLE, André. A correspondência. In: **Bom dia, angústia!** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf. Acesso em: 10 dezembro de 2016.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura Brasileira contemporânea**: um território contestado. Vinhedo: Editora Horizonte/Rio de Janeiro: UERJ, 2012, p. 147-196

DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

_____. As mulheres negras na construção de uma nova utopia. Disponível em http://www.geledes.org.br. Acesso em 10 de dezembro de 2016.

DUTRA, Telma Maria. O cenário social no rosto feminino. In: FERREIRA, Luzilá Gonçalves (Org.). **A Escrita da nova mulher**. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2005.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). **Mulheres no mundo.** Etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Ed. Universitária; Ideia, 2005.

_____. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA**. Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

FAEDRICH, Anna Martins. **Autoficções**: do conceito teórico à prática na literatura brasileira contemporânea. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. “Embates na Cena Literária: a Arte de Resistir à Exclusão” In: TORNQUIST, Susana Carmen... [et al] (orgs.). **Leituras de Resistência**: Corpo, Violência e Poder. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. A escrita de si. In: **Ética, sexualidade, política** I Michel Foucault; organização e seleção de textos Manoel Barros da Moua; tradução Elisa Monteiro, lnés Autran Dourado Barbosa. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

_____. **História da sexualidade 3:** O cuidado de si. São Paulo: Paz e terra, 2014.

GAY, Peter. **O coração desvelado**: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. Trad. Sergio Bath. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de Si Escrita da História**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

GONZÁLEZ, Lélia. **O Lugar do negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

_____. Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos lingüísticos e políticos da exploração da mulher. Comunicação apresentada no VIII **Encontro Nacional da Latin American Studies Association**, realizado de 05 a 07 de abril em Pittsburgh (USA), 1979 (mimeo), p.21.

GUSDORF, Georges. Condiciones y límites de la autobiografía**.** Trad. Ángel G. Loureiro. **Anthropos**: la autobiografia y sus problemas teóricos: estúdios e investigación documental, Barcelona, n. 29, p. 9-18, 1991.

_____. La autenticidad. Trad. Dámaso Izquierdo Alegría. Rilce: **Revista de Filología Hispánica**. Navarra, n. 28.1, p. 18-48, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 1990.

HIDALGO, Luciana. **Autoficção brasileira**: influências francesas, indefinições teóricas. ALEA | Rio de Janeiro | vol. 15/1 | p. 218-231 | jan-jun 2013.

HIERRO, Manuel. **La comunicación callada de la literature**: reflexión teórica sobre el diario íntimo. Mediatika, 7, 1999, 103-127.

HOOKS, Bell. (2015). Mulheres negras: moldando a teoria feminista. Black women: shaping feminist theory. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 16. Brasília, janeiro abril de 2015. Pp. 193 210.

_____. Intelectuais Negras. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n.2, v.3, 1995.

JEAN, Georges. **A escrita**: memória os homens. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de janeiro: Nova Fronteira, 1986.

KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro**: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7letras, 2007.

LAJOLO, Maria. Romance epistolar: o voyeurismo e a sedução dos leitores. **Matraga.** Rio de Janeiro, ano 9, n. 14. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga14/matraga14a04.pdf >. Acesso em: 30 de julho de 2016.

LACERDA, Lilian de. **Álbum de leitura**: memória de vida, histórias de leitores. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

_____. Lendo vidas: A memória como escritura autobiográfica. In: MIGNOT, Ana Crystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos. **Refúgios do eu**: educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Ed. Unicamp, 2005.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: De Rousseau à internet. Organização Jovita Maria G. Noronha. Trad. Jovita Maria G. Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LLEVADOT, Laura. La confesión, género literario: La escritura y la vida. **Aurora: papeles del Seminario María Zambrano**, nº3, 2001.

LORDE, Audre. **Textos escolhidos**. Disponível em: <difusionfeminista@riseup.net> Acessos em 22 de dezembro de 2016.

LUDMER, Josefina. Literaturas pós-autônomas. **Ciberletras. Sopro 20**, janeiro de 2010. Disponível em: < http://www.culturaebarbarie.org/sopro/n20.pdf> Acesso em: abril 2016

MACIEL, Sheila Dias. A literatura e os Gêneros Confessionais. In: BELON, Antonio Rodrigues; MACIEL, Sheila Dias (Orgs.). **Em diálogo**. Estudos Literários e Lingüísticos. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004. p. 75-91.

_____. Termos da Literatura Confessional. **Guavira Letras**, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, n. 01, ano 1, 01 ago. 2005. Disponível em: <http://www.ceul.ufms.br/guavira/numero1/maciel_sheila_e.pdf>. Acesso em: 09 de abril de 2016.

MASSAUD, Moisés. **Dicionário de termos literários**. Ed. 12, São Paulo: Cultrix, 2004.

MUHANA, Adma Fadul. O gênero epistolar: diálogo per absentiam. **Periódicos USP**, São Paulo, n. 31, 2000. Disponível em: http://www.periodicos.usp.br/discurso/article/viewFile/38043/40769. Acesso em 28 de fevereiro de 2015

NASCIMENTO, Gisêlda Melo do. **Feitio de viver**: memórias de descendentes de escravos. Londrina: Eduel, 2006.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Pro. História**, São Paulo, v. 10, dez. 1993

PERPÉTUA, Elzira Divina. Literatura Brasileira Confessional: uma leitura de memórias marginais**. Anais do SILEL**, Uberlândia: EDUFU, 2011

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas**. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. Baruru-SP: EDUSC, 2005.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n.10, 1992.

REIS, Lívia de Freitas. Autobiografia, testemunho e ficção: uma relação delicada. Boletim do GT da ANPOLL – A Mulher na Literatura, Rio Grande do Norte, **ANPOLL**, João Pessoa, nº 6, p.173-185, jun. 1996

REMÉDIOS, Maria Luiza R. **Literatura confessional**: autobiografia e ficcionalidade. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

RIBEIRO, Djamila. Racismo e silenciamento das mulheres negras em espaços de militância**. Publicação da página virtual Blogueiras Negras**, em 11 de dezembro de 2013. Disponível em: < http://blogueirasnegras.org/2013/12/11/racismo-silenciamento-mulheres-negras-espacos-militancia/ >. Acesso em setembro de 2016.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François et al. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Confissões**. Trad. R. de Queirós; J. B. Pinto. Bauru: Edipro, 2008.

ROSÁRIO, Cláudia Cerqueira do. 'O lugar mítico da memória'. **MORPHEUS** – Revista Eletrônica em Ciências Humanas. Ano I, no 1, 2002. Disponível em http://www.unirio.br/morpheusonline/Numero01- 2000/claudiarosario.htm Acesso em 22 de junho de 2011.

SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras**. Cruz das Almas, BA. UFRB, 2012

SANTOS, Osmar Moreira dos. **Subalternos Agrestes e seus Cordéis Encantados**. In: XI Congresso Internacional da ABRALIC, 2008, São Paulo. Tessituras, Interações, Convergências, 2008

SANTOS, Waltecy Alves dos. **A voz feminina na literatura de ascendência africana**: hibridismo de mitos e ritos nos romances Niketche de Paulina Chiziane e A cor púrpura de Alice Walker. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

SARLO, Beatriz. **O tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SEARA, Isabel Roboredo. Dialogismo na escrita intimista ou sacralização do eu? Estudo pragmático do acto deconfidência". **Anais do VI Congresso da ABRALIN de Linguística**, Dermeval da Hora (org)., CD-ROM, João Pessoa: Idéia, p. 1887-1896.

SEIXAS, Jacy A. Comemorar entre memória e esquecimento: reflexões sobre a memória histórica. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 32, p. 75-95, jan./jun., 2000.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Ed. 34, 2005.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses** – O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: ROCCO, 1994.

SIBILIA, Paula. **Os diários íntimos na internet e a crise da interioridade psicológica**. In CD-ROM da XII Compós 2008.

SILVA. Ana Rita Santiago da. Literatura de autoria feminina negra: (des)silenciamentos e ressignificações. **Revista de Letras**: Vitória da conquista: v.2, n.1; p.20-37, jan.-jun. 2010.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2003.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TELLES, Norma. Autoria. In: JOBIM, José Luís (Org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

TOLEDO, Christiane Vieira Soares. **O estudo da escrita de si nos diários de Carolina Maria de Jesus**: a célebre desconhecida da Literatura Brasileira. (Dissertação do Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

VERONESI, Raquel Barros. **A reescritura das personagens "womanistas" de The color purple para o cinema**. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal do Ceará, 2015.

VIANA, Maria José Mota. **Do sótão à vitrine: memórias de mulheres**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995

WACHOWSKA, Judyta. En torno al género literario de la confesión. **Studia Romanica Posnaniensia**. Adam Mickiewicz University Press, Poznan, Vol. 28. Poznan 2001.

WALKER, Alice. **A cor púrpura.** São Paulo: Marco Zero, 1986.

ZAMPRANO, Maria. **La Confèsión**: Género literario, Ed. Siruela, Madrid, 1995.